ANO 28 SÁBADO, 12 DE FEVEREIRO DE 1949 N. 9413

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 20271, 20272, 20273 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA* RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Epílogo

Depois de quarenta dias de discussões calmas ou irritadas, em que as setas de papel voaram, num ceu de aguarela, como as pombas ou as andorinhas, chegamos ao fim da propaganda eleitoral, com a certeza de que alguma coisa fizemos, para que ninguém se descomedisse. Os exageros e os excessos morrem por si. Depois da procela vem a bonança, diz Camões. Com o acto de amanhã o estrondo das oratórias abrandará, quedando, quando muito, uma pequena margem para reflexões salutares.

O sr. presidente do Conselho, no seu discurso de ontem, tirou algumas «moralidades» dos acontecimentos a que temos assistido, usando magistralmente da sua arte de penetrar a «selva escura». Não teve necessidade de servir-se de termos impróprios dum homem sobre quem pesam tão altas responsabilidades. Analisou o que observou. Há, no seu exemplo, uma bela lição que muito desejariamos ver seguida por tantos que, insofridamente, se batem até com a própria sombra.

Mas para que reavivar o que o tempo já devorou?

A seguir á eleição do sr. marechal Carmona, prevemos que, de quanto se passou, nem tudo se perderá, como nuvens de poeira que o vento dispersa na charneca ou no deserto.

Urge aproveitar a parte viva e sã, para que o futuro não seja só promessas e ilusões gentis, antes realizações, emendas e iniciativas fecundas e generosas. Referiu-se Salazar, no seu discurso, ao povo, chamando-lhe «admirável povo português», depositário «do agudo instinto ou sentido devinatório». Assim mesmo: os humildes trabalhadores, a gente honrada que cultiva o solo e nutre com o seu suor os grandes e os pequenos, que ás vezes os esquecem, carece da simpatia dos governos, do seu apoio, da franca e justa compreensão que lhes foi recusada, a não ser por caridade, durante alguns séculos de atribulações.

A politica, como a entendem os mestres, não cultiva frivolidades, nem mesmo quando os principes pendem mais para os galanteios do que para a grave missão que lhes incumbe. Entre construir e destruir, não existe termo de comparação. Pode apontar-se maior irrisão do que proclamar soberano o povo e deixá-lo mergulhado na ignorancia, como se ele fosse cordeiro ou camelo?

Salazar que o conhece e o sente — a sua obra está á vista — não deixará, estamos certo disso, de promover um largo movimento de renovação, nos

(Continua na página central)

DR. ALMEIDA BRAGA

O sr. dr. Luís de Almeida Braga

que foi um dos dirigentes *do Integralismo Lusitano*

enumera as razões da sua crítica

ao sistema político vigente

Registamos hoje o depoimento do sr. dr. Luís de Almeida Braga, no debate politico que se trava, a propósito da próxima eleição presidencial. Advogado com banca na cidade de Braga, é um dos nomes mais categorizados do foro português, onde se tem afirmado um profissional muito culto e probo.

Monárquico convicto, manifestou sempre, desde o 5 de Outubro, a sua oposição ao regime republicano, tornando-se em breve uma das figuras mais representativas do pensamento monárquico em Portugal. A sua atitude de adversário do regime que combatia levou-o ao exílio em 1911 e em 1919. Como secretário de Paiva Couceiro, tomou parte na restauração monárquica, no Norte do País. A Junta Central do Integralismo Lusitano, a que pertencia, incumbiu então o sr. dr. Luís de Almeida Braga de ir á Alemanha avistar-se com D. Miguel II e negociar a sua abdicação em seu filho D. Duarte Nuno. Em 1922, quando se procurou congraçar os dois ramos da Casa de Bragança, foi ele ainda que representou o Integralismo Lusitano nas reuniões para a elaboração do que veio a chamar-se o Pacto de Paris. Interveio também, e mais tarde, na discussão que se travou a propósito do testamento de D. Manuel e do destino da Casa de Bragança, tendo firmado o parecer juridico, apresentado ao Governo português com o protesto de D. Duarte sobre essa matéria. Depois do falecimento do sr. conselheiro Azevedo Coutinho, fez parte do Supremo Conselho da Causa Monárquica, com funções de lugar-tenente, até o sr. dr. Fezas Vital ser nomeado lugar-tenente de D. Duarte.

O dr. Luís de Almeida Braga é autor de vários trabalhos de caracter literário e politico e dirigiu as publicações monárquicas «Pátria-Nova», «Integralismo Lusitano» e «Alma Portuguesa».

Ultimamente, o dr. Luís de Almeida Braga interveio, em Lisboa, no julgamento do caso

(Continua na 11.ª pag.)

Foi entregue esta manhã no Supremo Tribunal a declaração de renúncia do general Norton de Matos à sua candidatura

A desistência do sr. general Norton de Matos da sua candidatura á Presidência da Republica foi comunicada ontem, depois das 19 horas, pelo sr. professor Mário de Azevedo Gomes, presidente da Comissão Central dos Serviços da Candidatura, numa conferência com os representantes da Imprensa, aos quais leu uma curta nota pouco antes elaborada.

Havia dias que corriam boatos da desistência do sr. general Norton de Matos, mas até ontem á tarde nenhuma decisão definitiva fora ainda tomada, ao contrário do que chegou a ser noticiado para o estrangeiro. Os boatos avolumaram-se, naturalmente, pelo conhecimento que algumas pessoas teriam tido da carta enviada ao chefe do Governo pelo candidato e cujo texto foi divulgado hoje, nos jornais da manhã, juntamente com a resposta assinada pelo chefe do gabinete do sr. presidente do Conselho.

Depois de expedida a citada carta, o sr. general Norton de Matos foi para o Estoril—onde, durante o periodo eleitoral, foi repousar algumas vezes—a fim de aguardar a resposta á referida carta e trabalhar na elaboração do documento com que entendia dever comunicar ao País os motivos da sua atitude.

(Continua na página central)

O nosso inquérito durante o período eleitoral

O «Diario de Lisboa» esforçou-se, dentro do actual periodo de propaganda eleitoral, agora encerrado, por esclarecer a opinião publica, abrindo a sua tribuna a todos quantos, com correcção de linguagem e atitudes, estivessem em condições de trazer os seus depoimentos justos e esclarecidos, qualquer que fosse a sua posição perante o quadro politico que estava desenhado perante a Nação. A muitas pessoas nos dirigimos pedindo-lhes a sua opinião, muitas outras tomaram a iniciativa de solicitar o nosso acolhimento. Nem a todos, porém—tanto de uns como de outros—nos foi materialmente possivel satisfazer os seus e nossos desejos de publicidade, porque o espaço não chegou para tudo nem para todos. A esses apresentamos os nossos pedidos de desculpa, com a afirmação de que desse facto não pode tirar-se qualquer consequência de menos apreço.

O eng. Daniel Barbosa

responde às críticas *do eng. Cunha Leal*

sobre a acção que desenvolveu

como ministro da Economia

Encontrava-me no Norte do País, quando chegou ás minhas mãos o numero do «Diário de Lisboa», em que o sr. eng.º Cunha Leal apareceu a criticar a acção governativa que exerci como ministro da Economia; não pude, como desejava, responder logo, de seguida, visto que tarefas inadiáveis só agora me permitiram fazê-lo: espero que Sua Excelência não considere esta demora como prova de menor interesse pelo seu escrito, ou de menos consideração pela sua pessoa.

Há tempos, um velho amigo meu, espirito culto e brilhante, teve uma discussão com outro que sempre julgamos incapaz de trair, por um momento, a compostura que o apresentava a todos como um modelo de educação; o caso é que a troca de palavras não foi sequer azêda, nem mesmo chegou a sair fora dos limites que se põem a uma conversa mais viva. O certo é, porém, que este ultimo senhor, por motivos incompreensiveis, teve uma reacção inesperada, com umas frases verrinosas á mistura, que de modo algum se quadravam com os atributos de «gentleman» que todos lhe conferiam. Comentário do primeiro: «Há pessoas que nos lembram aquelas jarras mimosas, que vemos em certas casas, e que julgamos de «Saxe»; um dia tombam e partem-se, e ao analizarmos, então, os seus pedaços, concluimos espantados—afinal não passavam de simples imitação».

Ora bem: eu sei, mesmo sem ter o prazer do seu conhecimento directo, que o eng.º Cunha Leal é uma pessoa inteligente, de raciocinio poderoso, com um espirito combativo que lhe deu fama neste país:—disto não tenho duvidas, e creio que ninguém as tem.

Mas, diziam-me ainda que a caracteristica principal dos seus ataques, a preocupação dominante na sua argumentação, estava no modo como punha os problemas, dissecando-os na sua essência, destacando-lhes com a maior clareza as suas premissas próprias, e só tecendo depois a sua dedução, cheia de lógica e de força.

Confesso que, ao ver anunciada a sua «intervenção» a meu respeito, julguei que, finalmente, aparecia uma pesoa que, na critica severa qeu me ia fazer, sem duvida, havia de sair do corrente, havia de saber discutir sobre factos, sobre numeros e razões.

Li, depois, o seu artigo, com um espanto que foi sempre aumentando até o fim; e ao terminá-lo, desiludido francamente, pus o jornal de lado, trazendo para este campo, o que dizia o tal amigo meu:—«afinal não era «Saxe»!

Para discutir um problema, sem outra preocupação que não seja a de encontrar a verdade, torna-se necessário saber pô-lo em equação ou, então, se temos de aceitar determinadas bases (que são, pode dizer-se, os pontos de partida), importa defini-las dum modo bem claro para evitar que se esteja perdendo tempo, discutindo sem proveito em campos totalmente opostos.

Doutro modo, caimos naqueles jogos malabaristas, puro amontoado de palavras retumbantes mas vazias, que eram as delicias dos parlamentares de há cerca de um quarto de século e, entre os quais, o eng.º Cunha Leal se destacou duma forma invulgarmente notória; pena é, porém, que, hoje, o caso não tenha já interesse e que, mais chegados ás realida-

(Continua na 10.ª pag.)

O Pacto do Atlântico

— segundo a emissora de Moscovo *é um instrumento de agressão* contra a Rússia

(Por Gustave Aucouturier)

PARIS, 12—Há poucos dias, a emissora de Moscovo declarava que a França e a Inglaterra, ao prepararem-se para aderir ao Pacto do Atlantico, violavam as cláusulas dos tratados de assistência mutua que assinaram em 1944 e 1942 com a U. R. S. S., pelos quais se obrigaram expressamente a não entrar em «coligações» contra a União Soviética.

Para que se julgue se o Pacto do Atlantico será ou não uma «coligação», ou instrumento de agressão contra a U. R. S. S., informadores franceses autorizados lembram que se medite numa lição dada pela História:

Os factos que precederam as negociações para a elaboração do Pacto do Atlantico, mostram os objectivos e intentos desse instrumento diplomático. Durante a guerra, e logo após o seu

(Continua na página central)

Vida musical

Concertos Sinfónicos em S. Carlos

O penultimo concerto da pequena temporada dominical em S. Carlos teve por solista Nella Basola Maissa, a quem coube a prmeira audição do Concerto para piano e orquestra n.º 2, do compositor de origem polaca Alexandre Tansman. Esta obra de bastante responsabilidade e interesse foi optimamente servida pela inteligência viva, pela técnica desembaraçada e pelo temperamento audaz da referida intérprete; é uma obra de estrutura equilibrada, e na sua escrita apimentada, ao mesmo tempo que se entrecruzam coloridos e ritmos americanos, intervêm influências francesas de bom teor, com temas concisos, claros, desenvolvimentos aparentemente espontaneos. O piano é tratado como fazendo parte do bloco instrumental—nada de cadências, nem de concessões ao «pianismo»; o 1.º andamento até é um tanto áspero, sobretudo no que depende do seu primeiro tema; o ultimo andamento abre com uma estonteante catadupa de sonoridades. No seu total, parece-nos significativa a dedicatória a Charlie Chaplin, e bem gostariamos de tornar a ouvir este Concerto. Tão plenamente integrado no seu papel como Nella Maissa, Pedro de Freitas Branco conduziu a orquestra, que se deixou contagiar; enfim, respiramos um ar fresco, renovado, e tivemos uma sensação de liberdade e solidez ao mesmo tempo.

A presença de Nella Basola Maissa, no programa, ainda se manifestou com o Concerto para piano e orquestra n.º 1, de Tchaikowsky, numa versão de excelente colorido e belo ritmo, evitando os exageros sentimentais, tão tentadores e perigosos nesta obra. Aqui também, a Orquestra Sinfónica Nacional, sob a direcção de Pedro de Freitas Branco, esteve a condizer com a interpretação pianistica.

Ouvimos ainda, além de uma execução bem desenhada e detalhada da abertura do «Sonho de uma noite de verão», de Mendelssohn, uma 1.ª audição de um autor português — «Variações e Fuga triplice sobre um tema original», de Luis de Freitas Branco. Confiadas aos instrumentos de arco, Fuga e Variações desenrolam-se numa compostura que achamos um pouco académica—mas não deixam de ser altamente apreciáveis a solidez de arquitectura e a seriedade de estilo que timbram em regra os trabalhos do ilustre musicólogo, musicógrafo, professor e compositor.

FRANCINE BENOIT

Duas professoras do Porto num concerto em Lisboa

O Conservatório Nacional vai iniciar esta noite, ás 21 e 45, as suas actividades deste ano com um concerto da série «Intercambio Escolar», em que tomarão parte a cantora Marta Amstad, professora do curso especial de canto do Conservatorio de Musica do Porto, e a pianista Maria Adelaide Freitas Gonçalves, directora do mesmo Conservatorio.

O programa inclui obras de Scarlatti, Haendel, Gluck, Carey, Schumann, Mahler, Hugo Wolf, Ravel, Honegger, Ivo Cruz, Berta Alves de Sousa e F. Correia de Oliveira.

A marcação de lugares faz-se na secretaria do Conservatorio Nacional, das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas.

Concerto Lomelino Silva

Realizou-se no Tivoli um concerto promovido pelo notável tenor português Lomelino Silva, que tem feito uma brilhante carreira no estrangeiro, tanto como solista, como fazendo parte de companhias liricas.

Possuidor duma voz agradável, bem timbrada e de larga extensão, todos os géneros lhe são familiares e assim, no seu programa incluiu «lied», árias de óperas e também trechos espanhois e portugueses, que mereceram do publico que quase enchia a sala, ovações espontaneas.

Para que o conjunto deste concerto resultasse perfeito, escolheu uma pianista que se tem notabilizado em musica de conjunto e a solo. Albertina Saguer tocou a solo as «Cenas Infantis» de Schumann, «Preludio, Estudo e Valsa», de Chopin e «Novarre», de Albeniz, e em todos os numeros foi muito aplaudida como foi o tenor Lomelino Silva, que se deve fazer ouvir mais vezes, tanto na capital como noutras cidades do País.

As manobras aéreas

incidiram hoje sobre o litoral algarvio

Devido ás más condições meteorológicas não se efectuaram ontem os voos de treino operacional que estavam previstos, os quais se realizaram durante o dia de hoje, começando de manhã e durando até o fim da tarde.

Duas formações de aviões seguiram para o Algarve, efectuando-se o reconhecimento armado do litoral pela aviação. As manobras estão a ser dirigidas, superiormente, pelo sr. general Alfredo Sintra.

Agressão à navalhada

numa loja de laranjinha

A P. S. P. prendeu Aires Alves, de 40 anos, morador na Rua Gualdim Pais, Patio do José Inglês, 4, por a noite passada, numa casa de jogo de laranjinha, na estrada de Chelas, 100, ter agredido á navalhada Luís da Silva, ali morador, causando-lhe um grave ferimento nas costas, pelo que teve de ser rápidamente conduzido em automóvel ao hospital de S. José, onde ficou internado. Após a proeza, o agressor pôs-se em fuga, mas foi capturado a pequena distancia pela Policia e por alguns populares.

Regressaram ao Tejo

os navios de guerra em exercícios

Vindos da baía de Lagos, entraram hoje no Tejo e seguiram para a base naval do Alfeite, os contratorpedeiros «Tejo» e «Dão», que estiveram em exercícios, naquela baía, com o aviso «Afonso de Albuquerque» e o navio-patrulha «S. Miguel», depois de terem estado em Leixões a prestar honras ao chefe do Estado por ocasião da sua viagem ao Porto.

O «Afonso de Albuquerque», trazendo a bordo o sr. comodoro Lopes Alves, já tinha regressado ao Tejo e seguiu também para a base naval do Alfeite.

NOTICIAS DE BAIÃO

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 10—Foram inaugurados o novo mercado da feira e o matadouro, que dispõem de capacidade vasta e de amplas condições destinadas ao seu desenvolvimento.

—Já está concluido o estudo do troço de estrada que há-de ligar Carrapatelo a Lordelo, faltando agora a comparticipação do Estado para a realização deste melhoramento de grande interesse.

—Entraram em funcionamento as escolas masculinas de Paredes e Vila Nova.

—Apresentou-se em publico a nova banda de musica de Santa Marinha do Zézere, regida pelo maestro Dias Couto.

NOTICIAS DE AVEIRO

AVEIRO, 10.—Reuniu-se o conselho municipal, que aprovou o relatorio da gerencia de 1948 e o emprestimo de 1.600 contos destinado á conclusão da obra de abastecimento de agua á cidade.

O saldo da conta da gerencia camararia naquele mesmo ano foi superior a 1.500 contos.

—Prosseguem activamente os trabalhos da rede de esgotos do bairro de casas para pobres da Santa Casa da Misericordia, bem como o arranjo dos arruamentos, estando já adjudicada a empreitada da construção do novo liceu desta cidade.

UM ASSOMADIÇO AGREDIU

uma menina por quem se apaixonara e que nem sequer o conhecia!

OLIVEIRA DE AZEMEIS, 11.—Esta pacata vila foi ontem teatro de uma imprevista cena de sangue que chocou profundamente a população, dada a situação social das pessoas que nela intervieram. A cena registou-se ao fim da tarde, quando do colégio regressava a menina Maria Teresa do Amaral Osório, filha do sr. Carlos Osório, uma das figuras mais respeitadas desta localidade e membro de uma das melhores familias da região. A certa altura, foi abordada por um indivíduo que, á falsa-fé, pelas costas, lhe vibrou uma forte navalhada numa omoplata.

O agressor, Armindo Tavares da Silva, marceneiro de profissão, foi imediatamente apresentar-se ás autoridades, onde declarou que tentara matar a vítima, porque por ela se tinha apaixonado, sem que fosse correspondido.

Segundo, porém, confessou mais tarde a vítima, esta não conhecia o seu assomadiço apaixonado, que, como era de prever, recolheu á prisão.

O estado da vítima é satisfatório.

ACHADOS ARQUEOLOGICOS

no litoral de Sintra

O Centro de Estudos de Etnologia Peninsular encarregou o sr. dr. José Camarate de Andrade França de proceder ao reconhecimento arqueológico da região de Sintra, com destino a vários estudos sobre a matéria, que se estão a efectuar na cidade do Porto. O Instituto de Sintra entrou em contacto com aquele arqueólogo, a quem forneceu elementos de grande vantagem para a referida investigação, entre os quais a noticia de uma estação pré-histórica, na praia da Samarra, daquele concelho, cuja existência foi comunicada áquele Instituto pelo arqueologo sr. Hipólito Cabaço.

O Instituto de Sintra já solicitou ao sr. dr. Camarate França que oriente a organização da secção de etnografia do Museu Municipal, a qual será constituida por parte de material arrecadado nas ultimas pesquisas. A sala deverá ser aberta ao publico, naquele museu, dentro de poucas semanas.

O MUSEU DE SINTRA

está a ser restaurado

O Museu Municipal de Sintra, instalado no palácio Valenças, daquela vila, tem estado a receber profundas remodelações e obras de conservação, que o vão tornar um dos mais agradáveis dos arredores de Lisboa.

Além das salas de iconografia, biblioteca e etnografia, vão agora abrir as de arte plástica, com trabalhos adquiridos ultimamente; a sala de história natural, a sala de pré-história e a colecção de livros sobre Sintra, doada pelo sr. Rodrigo Simões Costa, há pouco falecido.

As obras de restauração têm sido orientadas superiormente pelo director do Museu, sr. D. Sebastião Pessanha, que também ocupa o cargo de presidente do Instituto de Sintra.

Durante o ano de 1948, visitaram o Museu Municipal de Sintra 486 pessoas, nacionais e estrangeiras.

NOTICIAS DE LEIRIA

LEIRIA, 10.—Em estado grave, deu entrada no hospital de Leiria, com extensos e profundos ferimentos, por se lhe ter pegado fogo ao vestuário, Emilia Felizarda, de 62 anos, casada, natural da Gandara dos Olivais.

Também deram entrada, no mesmo hospital Joaquim Marinheiro, casado, de 38 anos, de Parceiros, que foi agredido com uma forquilha na fronte por seu cunhado; e Luís Pereira Lourenço, de 18 anos, solteiro, de Pousos, que caiu da ponte de Pousos, sofrendo graves escoriações.

CUMPRIMENTOS

Comunica-nos o sr. Godofredo dos Anjos Viegas, presidente da direcção da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, que a mesma, ao tomar posse dos cargos para que foi eleita, resolveu agradecer ao «Diário de Lisboa», as atenções dispensadas pelo nosso jornal áquela colectividade.

VIDA ARTISTICA

Três exposições nas Belas Artes

Na Sociedade Nacional de Belas Artes foram hoje inauguradas exposições de pintura de Maria Emilia Barbosa Viana e Noémia Vieira, de Artur Belas Tavares e de Jaime Murteira. A todas faremos a merecida referência.

DE LUTO

D. Elisa de Jesus Conceição

Faleceu em Bragança, a sr.ª D. Elisa de Jesus Conceição, de 75 anos de idade, natural de Vimioso.

Era mãe da sr.ª D. Maria São José Conceição, actual ajudante da Conservatória, na comarca de Vimioso, e dos srs. dr. Luis Carlos da Conceição, distinto médico municipal e presidente da comissão municipal de Assistência de Anadia; e dr. Herculano Alberto da Conceição, também considerado médico municipal e presidente da Comissão Municipal de Assistência do concelho de Bragança.

O funeral constituiu uma grande manifestação de pesar.

Joaquim de Oliveira Duarte da Saude

Na casa da sua residência, Rua Francisco Sanches, 65, r/c., faleceu hoje, o sr. Joaquim de Oliveira Duarte da Saude, de 48 anos de idade, filho do sr. José Duarte da Saude, o guarda-livros da firma Fritz W. Meyer.

O extinto que era natural de Arrentela, concelho do Seixal, muito estimado pelo seu caracter, exerceu o lugar de administrador daquele concelho. O seu funeral, a cargo da agencia Salgado, terá lugar amanhã, ás 14 e 30, da morada acima, para o cemitério de Arrentela, onde deverá chegar pelas 16 horas.

Horácio Augusto Correia

Também em Bragança faleceu o jovem artista bragançano Horácio Augusto Correia, de 24 anos, filho do industrial sr. João Baptista Correia e de D. Cecilia Augusta Correia.

O falecido era irmão das sr.as D. Maria Adelaide, D. Aurora Augusta, D. Camila Isabel Correia e dos srs. Leonel Augusto e Fernando Augusto Correia.

O funeral foi muito concorrido.

Fernando Rogério

CALDAS DA RAINHA, 11—Faleceu o sr. Fernando Rogério, viuvo, de 47 anos, gerente da empresa Videira de Obidos, Limitada. Era pessoa muito estimada pelas suas qualidades de caracter, tendo o funeral sido muito concorrido.

Roubou um relógio de ouro

mas teve de o devolver

Deu entrada nos calabouços da Policia Judiciária, António Curral Alba, que entrou na Ourivesaria Portugal, no Rossio, e pediu para ver relógios, desaparecendo com um de ouro, no valor de 4 contos. Dado o alarme, várias pessoas correram atrás dele, apanhando-o e obrigando-o a restituir aquele objecto.

Incêndio numa fábrica

ROSSIO AO SUL DO TEJO, 11 — Por se ter pegado fogo a uma grande quantidade de lenha que se encontrava junto de uma estufa onde havia aço a recozer, foram importantes os prejuizos registados na fábrica de fundição Soares Mendes, desta vila.

O incêndio foi extinto pelo pessoal da fábrica e populares, não chegando a ser utilizados os serviços dos bomberos voluntários de Abrantes.

Nova carreira de camionetas

Principia amanhã a funcionar uma nova carreira de camionetas entre Lisboa e Loures, passando por Sacavém e Frielas e vice-versa. A partida, de Lisboa, está marcada para as 10 horas, da Rua da Palma. Nos dias de semana, a partida efectuar-se-á ás 8 horas.

INSTITUTO BRITANICO

O sr. dr. João Couto, director do Museu Nacional de Arte Antiga, vai na quarta-feira, ás 18 e 30, ao Instituto Britanico, para fazer uma conferência intitulada «Obras de arte inglesas no Museu Nacional de Arte Antiga». A entrada é livre.

FUNGOCITE

Preservativo de madeiras, lonas, etc., contra todos os ataques de micro-organismos *ANIMAIS* (termites ou formiga branca, caruncho, etc.,) e *VEGETAIS (fungos, etc.)*

PODE ser utilizado para combater a doença em obras já atacadas

Nas cores: **Verde, Incolor e Castanha**

A' VENDA NAS BOAS DROGARIAS

Agentes Gerais para o Império Português

MARIO COSTA & C.ª LTD.

PORTO — Rua do Almada, 30, 1.º Telef. 23571

LISBOA — Rua Ferregial de Baixo, 31, 1.º Telef. 24343

Gingão

Travessa da Boa Hora, 11, 13 (Bairro Alto)

Restaurante típico

Selecção Rigorosa

hoje e todas as noites

Carlos Ramos CARLOS RAMOS

A prestações

Alfaiataria — Lanificios Camisaria — Roupas — Farmacia — Decorações — Peles — Ourivesaria — Rádios — Malhas — Relogios — Fotografia — Máquinas de escrever — Mènage — Sapataria — Automobilismo — Dentista

e tudo o mais que desejar, fornecido pelos melhores estabelecimentos de Lisboa

Consulte hoje mesmo a

CASA DELVER

Rua de S. Lázaro, 174 - 1.º

Telefone 42171

—×—

AGENTE NA AMADORA:

AUTODORA, L.DA

Av. Gago Coutinho, 69

Telefone Amadora 303

VESTIDOS

Lindos modelos estrangeiros em malha de lã, finas cores, *a esc. 150$00;* blusas, casacos, «pull-owers» para senhora, homem e crianças, a preços irrisórios.

Praça dos Restauradores, 13-3.º esq.º. Sala 81. Tel. 30876 (elevador a funcionar).

Portugal-Itália

Passeio a Génova em bom automóvel com passagem por Madrid, Saragoça, Barcelona, Perpignan, Canes, e, no regresso, 3 dias em Nice para assistir ao Carnaval. Dispõe ainda de 4 lugares. Informa telef. 2 7516.

PRISÃO DE VENTRE?

Se está com prisão de ventre

TOME PILULAS CARTER

nem muito fortes... nem muito fracas... *exactamente o necessário*

Na embalagem vermelha

ÁGUAS DE CARVALHELHOS

MINERO MEDICINAIS E DE MESA

Dr. L. Carvalho Oliveira

Mudou o seu escritório para a R. da Conceição n.º 75

A alocução do chefe do Governo

sobre a eleição presidencial

O sr. presidente do Conselho pronunciou ontem, como anunciámos, ao microfone da Emissora Nacional, a seguinte alocução sobre a eleição presidencial que amanhã se realiza:

Não perderão mais de dez minutos os que tiverem a paciência de ouvir-me. O debate político a que temos assistido comporta certamente lições e consequências; mas o meu propósito de hoje é apenas fazer ligeiro comentário a alguns dos seus aspectos mais salientes e dirigir o ultimo apelo nem sei se ao patriotismo se ao simples bom-senso dos portugueses.

Não é a nós que compete criticar a Oposição pelos seus deslizes. Posta a questão no terreno eleitoral, só tinhamos que tirar deles o maior proveito. Mas habituados, como estamos sempre, a referir tudo ao plano nacional, compreender-se-á que lhe façamos alguns reparos.

Todos haverão descoberto—e vários os comentaram—três erros fundamentais na campanha da Oposição: disputar a eleição presidencial; pôr sobre ela toda a questão do regime; aliar-se com os comunistas e quase submeter-se á orientação destes.

Já não é pouco dura, a meu ver, a necessidade de os povos escolherem por este ou aquele processo os seus chefes supremos. Quando o Chefe do Estado não é simultaneamente o Chefe do Governo e responsável directo pela governação publica, o que acima de tudo interessa é a função específica de coordenar as forças politicas e de representar a unidade nacional; e sob este aspecto não deveria ser nunca desmentido. Ora nas circunstancias que caracterizam o momento político português a candidatura da Oposição não oferecia a menor viabilidade, pelo que apresentá-la só teria, sem compensação alguma, o efeito pernicioso de um factor de divisão entre portugueses.

O caso foi especialmente grave por ter-se colocado sobre a eleição presidencial toda a questão do regime. O Supremo Tribunal de Justiça, feito o exame dos documentos apresentados, decidiu que o Candidato da Oposição se encontrava em termos legais. E' muito duvidoso que assim pudesse julgar se estivesse junto ao processo o manifesto em que se definiam os trâmites a seguir para levar a cabo o que julgo ter chamado correctamente «golpe de Estado constitucional». Mas o Governo nada fez para evitar a consulta eleitoral com aquele propósito confessadamente revolucionário, antes aceitou a questão nos termos em que a Oposição a desejou pôr. Isto pode fazer-se por excesso de cavalheirismo ou galhardia; pode admitir-se uma vez se com tal se espera sanear o ambiente e acabar de desfazer ilusões perigosas. Mas nem juridica nem politicamente é pcática que se justifique ou recomende, pela instabilidade que pressupõe na estrutura do próprio Estado.

Não sei até que ponto pode o caso ser considerado como táctica de propaganda, visto que esta se desprenderia assim das qualidades dos candidatos e se alargaria á revisão critica dos fundamentos do regime e apreciação do valor da sua obra. Na verdade, em tais circunstancias que davam á discussão a máxima amplitude, a situação derivada do «28 de Maio» e o regime estabelecido pela Constituição de 1933 teriam de sofrer o confronto, de um lado com o regime anterior, do outro com um futuro risonho ou tenebroso, conforme os pontos de vista, em todo o caso enigmático.

Acerca do passado estavamos todos elucidados, sem que a convicção geral se sentisse abalada pelo orgulho com que foi reivindicado por alguns; acerca do futuro, houve quem concretizasse em fórmula de inexcedivel simplificação o que desejava: «destruir o que está; o *resto* ver-se-ia depois». Foi horrivel de ouvir esta palavra: *destruir*... O *resto*... Mas o *resto* é tudo: é a vida, a saude, o trabalho dos portugueses: a segurança das familias e dos lares; o progresso da terra; a garantia do direito; as normas de sociabilidade; o anseio da cultura e do bem-estar; a ordem publica e a justiça nas relações sociais. O *resto*? Mas o *resto* são os interesses, os problemas e a vida da Nação; é a sua alma, o seu tipo de civilização e de cultura; a sua história e projecção no Mundo; o seu prestigio, a sua dignidade, a sua colaboração efectiva na sociedade internacional. O *resto*...

A Nação sobressaltou-se, sentiu que se jogavam no ardor de discussões apaixonadas ou levianas as coisas mais sérias e mais graves e assentou na ideia de que muitos homens pareciam não ter a noção exacta das responsabilidades politicas que se propunham assumir. A aliança com os comunistas está possivelmente na origem destes males e constituiu só por si o mal maior. Para se garantir com o dinamismo dos filiados, a Oposição resignou-se a perder o concurso de valores que não transigiam com eles, e teve de comprometer-se ao minimo de assegurar ao comunismo liberdade de propaganda e de organização no Estado futuro. Aliás ele não precisaria de mais nada.

As consequencias destas posições no que respeita aos interesses externos e á politica internacional portuguesa foram já apresentados em termos que não penso em esclarecer nem reforçar. No plano interno o reconhecimento do comunismo como força politica legitima—dado que não podia aspirar a ser governo pela fatalidade de circunstancias insuperáveis—seria a impossibilidade da ordem, a anarquia da vida portuguesa. Quebrar a resistencia moral das nações, desorganizar a sua economia, exercer sobre a máquina do Estado acção paralisante é função atribuida ao comunismo em toda a parte onde o governo lhe está vedado. A diminuição, até á impotencia, da força das nações que se lhe entregam, é o maior serviço reclamado pelo país estrangeiro que o inspira, o apoia, o subsidia. De modo que sofrer um país a acção do comunismo quando no seu seio irrompeu, devido a causas que não puderam ser dominadas, é uma fatalidade contra que tem de lutar-se, fazendo apelo a todas as forças de ordem, para neutralizar-lhes os efeitos á espera de melhores dias. Que se dêem possibilidades de desenvolver e organizar forças tão virulentas e corrosivas do organismo social, tão contrárias ao espirito da civilização de que somos filhos, onde com atenta vigilancia podem ser mantidas em respeito senão inteiramente neutralizadas, parece-nos cegueira que a paixão politica pode explicar mas os interesses da Nação claramente condenam.

Pois sobre estes três erros essenciais se ergueu a campanha da Oposição. Deixarei sem comentario o modo como foi conduzida. Devo apenas dizer que o povo português, pelas suas qualidades de compreensão, de cultura, de bondade, mesmo pela sua experiencia e instinto politicos, merecia um pouco mais de respeito. Verdade seja que um senhor nos qualificou «de cafres da Europa» e nessa base devemos confessar que muitos propagandistas pela palavra oral ou escrita estiveram perfeitamente bem.

E' muito dificil conseguir uma sintese da propaganda da Oposição e mesmo da do regime que se lhe contrapunha. Mas se pusermos de parte os trabalhos publicados sobre dois ou três problemas concretos—finanças, assistencia, economia—nos quais, aliás, não se discutiram a sério principios mas aplicações ou a maior ou menor extensão dos beneficios concedidos, podem talvez sem grande erro deduzir-se da massa da propaganda os seguintes alinhamentos gerais: Governo—politica; Nação—partidos; autoridade e ordem—liberdade. As pessoas menos preparadas ou precavidas não podem ter ficado indiferentes á insistencia em certas ideias mestras. Elas traduzem de facto dois processos, duas escolas, dois pensamentos politicos, e é entre eles que terá finalmente de escolher-se.

De um lado reconhece-se a necessidade primordial de um Governo que governe, de um Governo cujos principios, força e estabilidade sejam garantia de acção governativa eficaz. De outro tornou-se evidente que a politica, pura e simplesmente a politica, colhia os maiores favores, como se um país pudesse viver, no que depende do Estado, do vazio, da agitação ou da intriga á roda do Poder. E em vez de, quando assim entendida, se considerar actividade estéril, chegou-se ao cumulo de conferir-lhe virtudes criadoras.

De cá, a preocupação absorvente do interesse da Nação, da unidade nacional a sobrepor-se ás pequenas ou grandes divisões dos portugueses; de lá, a ansia de restaurar a vida partidária, a obsessão do partido—do partido que aparece e desaparece, que se fracciona, que se funde, que se transforma, que entra em combinações ou desfaz acordos, que pretende interpretar as correntes de ideias do País e praticamente pouco mais consegue representar e alimentar que as ambições das clientelas.

Aquém, a autoridade que cria a ordem e a ordem que condiciona a liberdade; além, a liberdade tomada no vago, no absoluto, e desprendida de todo o condicionalismo social, a liberdade até aos paroxismos da anarquia. Sem duvida, os mais cultos temeram o absurdo e de envolta com muita filosofia admitiram restrições. Mas a massa dos oradores e dos ouvintes delirou com um conceito de liberdade ilimitada e irresponsável: dizer o que se quiser, escrever o que se quiser, fazer o que se quiser, sem responsabilidade. A estranheza, o alvoroço causados pelo facto de os tribunais incriminarem alguns abusos só pode significar que no geral se pensava não ser lógicamente possível abusar da liberdade.

E desta incompreensão ou diversa compreensão das coisas resultou o seguinte:

O Governo concedeu ampla liberdade para a propaganda e preparação do acto eleitoral. Que fez com ela a Oposição? Quanto ás realizações, seguiu a conhecida táctica de *negar a evidência* e *exigir o impossível*. Quanto ás ideias, por detrás da cortina de fumo dos seus intelectuais, o que fez de mais marcado foi o sistemático apelo ás paixões, a criação nos seus adeptos de um estado emocional, o despertar de um espírito subversivo já evidente em irreverências, desafios, ameaças e nalguns afloramentos de desordem verificados no País. Pareceu mesmo ser este o seu unico fim. Um governo prudente e forte pode permitir-se estas experiências, sobretudo se está seguro de que a Nação, curada por longa e dolorosa experiência, está em condições de reagir. E foi isso que aconteceu. As forças políticas do regime tomaram sobre si o encargo de esclarecer a opinião publica e fizeram-no com superioridade e galhardia. Há mais de uma semana, porém, que, atingido o ponto de saturação, a Nação se sentia habilitada a votar. Porque, a par da luz que foi possível fazer incidir sobre o problema político nacional, a sensibilidade deste admirável povo português, o agudo instinto ou sentido divinatório do povo tinham-no definitivamente conquistado para a boa causa. E adiantando-se ás mesas das assembleias, votou no Porto, em Coimbra e em Lisboa, em lista aberta, á passagem do senhor marechal Carmona. A extraordinária e comovente manifestação das mulheres de Portugal, a posição tomada pela massa do operariado, a vibração inexcedível da juventude das oficinas e das escolas são ainda revelações do mesmo estado geral. A Nação sentiu-se ameaçada no seu próprio ser com as doutrinas, os desígnios, e até as promessas da Oposição, e reagiu de tal modo que nenhuma duvida é possível acerca do seu pensar ou do seu sentir. Desejamos ardentemente que a Oposição o verifique nas urnas—unica demonstração em que parece acreditar—e dos resultados tire, para benefício do País, a lição que a derrota a todos dará. Se no ultimo momento fugir ao acto eleitoral, dela poderemos então dizer que fez todo o mal que pôde e evitou o unico bem que poderia fazer.

Seja como fôr, nenhum de nós pode faltar, porque é preciso que no Continente, nas Ilhas, nas províncias do Ultramar, todos os que temos a consciência de estar em jogo o interesse e o futuro da Pátria, os entreguemos á guarda de honra daquele que em vinte e três anos de chefia do Estado correspondeu sempre á confiança dos portugueses.

Crítica à acção governativa

do general Norton de Matos

por um antigo funcionário de Angola

«*Sr. director:*—No seu numero de ontem vem publicada uma local sobre «A obra de Norton de Matos no governo de Angola» que é a pretensa réplica ao que digo, e categoricamente afirmo, e mantenho no numero de 5 do corrente. E' de estranhar que só ontem tivesse vindo a publico a resposta, quando é certo ter-me V. dito no acto da entrega do meu original que ao mesmo seria respondido e, assim, surpreende-me bastante que V. já nesse momento soubesse ou presumisse que a resposta a dar viria do sr. António Fernando de Almeida. Seja como for, a réplica veio a lume, posto que no ultimo dia destinado á propaganda eleitoral, mas isso não obsta que V. não dê publicidade á minha tréplica, já porque não se trata propriamente de propaganda eleitoral, mas tão sómente de pôr as coisas no seu devido pé e á luz da verdade. E' esse o meu unico desejo, que aliás está em harmonia com o exposto de V. no seu numero do passado dia 28 sob o titulo de «Matéria vária e edificante».

Verifico ter o meu relato desagradado ao sr. António Fernando de Almeida, e confesso que fico sem saber se é motivo para me orgulhar, pois não conheço tal senhor, quer de perto quer de longe; se é gordo ou magro, e sobretudo qual a sua categoria social e moral para vir á liça em defesa do seu chefe, que possivelmente será o sr. Norton de Matos. O sr. Almeida, em vez de se insurgir contra mim, devia antes dizer ao seu chefe que se insurgisse contra aqueles—mesmo correligionários—*que o fizeram num «farrapo»* naquelas celebérrimas sessões da Camara onde a acção do sr. Norton de Matos—como alto comissário em Angola—foi apreciada e discutida, levando-o á exoneração do cargo. Julga o sr. Almeida que convence alguem—mesmo os que desconhecem os factos—que se a obra do sr. Norton de Matos como alto comissário *fosse maravilhosa*, como pretende, ele seria exonerado pela forma vexatória como o foi de facto? Os factos que relatei não são filhos do actual momento; são filhos da época dos desmandos e da corrupção, e porque andei por Africa—pondo em duvida que o sr. Almeida possa dizer o mesmo—nessa época, julgo-me autorizado a firmar e confirmar tudo que relatei com verdade insofismável. Não se trata duma imaginação minha e muito menos duma leviandade. Se de facto o passado politcio e colonial do sr. Norton de Matos o nobilitassem, como explica o sr. Almeida que dentro da própria Oposição haja uma parte bem intencionada e honesta que não viu nem vê no sr. Norton de Matos um chefe politico condigno? Sem discrepancias, o sr. Norton de Matos apenas é apoiado, mas com aquela sinceridade camuflada, pelos comunistas, o que aliás não admira porque para estes qualquer chefe lhes serve a'é chegar a hora H. Pretendeu o sr. Almeida «*beliscar-me*» e então faz lembrar aqueles naufragos que por instinto de conservação e defesa se agarram a tudo ao alcance das mãos. Foi para isso que transcreve «*alguns fragmentos*» citados das conferências do Ex.mo sr. comandante Alvaro Morna, ex-governador de Angola. Pela forma como é feita a transcrição obtenho a certeza de que o sr. Almeida nunca foi a Angola, porque se tivesse ido teria o cuidado, ao fazer a transcrição, de não dizer que o inicio do caminho de ferro de Benguela era obra do sr. Norton de Matos durante a sua vigência como alto comissário, pois quando este senhor foi investido de tais funções já a testa dessa ferrovia era o Chinguar (500 e poucos quilómetros do Lobito!!) O prosseguimento desse caminho de ferro do Chinguar á Fronteira foi feito com material fixo recebido das reparações alemãs, sendo este troco iniciado no tempo do alto comissário sr. Norton de Matos. Quanto a estradas, ou melhor, quanto «*a picadas*» apenas uma da iniciativa do sr. alto comissário Norton de Matos: é a que liga o antigo Mochico a Katanga, pois quanto ás restantes já existiam antes do sr. Norton de Matos assumir as funções de alto comissário e as que se fizeram durante a sua vigência foram na sua quase totalidade abertas por iniciativa exclusiva dos administradores de circunscrição; chefes de postos e governadores de distrito. Na transcrição do sr. Almeida este pretende, em determinada altura, atribuir louvores ao sr. Norton de Matos quanto ao incremento dado á agricultura, á pecuária, ao melhoramento de portos, etc., quando, em verdade, estes melhoramentos são iniciados e levados a cabo depois do sr. Norton de Matos exonerado de alto comissário. E' isto que diz o sr. comandante Alvaro Morna quando se refere ao periodo que decorre de 1918 a 1932. De resto, é sabido que isto é assim mesmo, pois ainda há pouco—e certamente o sr. Almeida teve disto conhecimento—no depoimento do ex-alto comissário Ex.mo sr. Vicente Ferreira, entre outras afirmações diz: «não ter encontrado dinheiro, ter encontrado algumas obras iniciadas cuja finalidade desconhecia por não haver projectos nem quaisquer outros estudos». Diz o sr. Almeida que podia apresentar muitas testemunhas para demonstrar *a minha leviandade* mas a verdade é que se socorre das conferências do Ex.mo sr. comandante Alvaro Morna, mas torcendo o sentido a seu belo prazer. Para terminar, pois fui longe de mais nas minhas considerações, e sintetizando: *não gostou o sr. Almeida e com ele parte da Oposição que eu dissesse que nunca pisou terras de Africa e em tempo algum, maior déspota que o sr. Norton de Matos? Não gostou, também, que eu dissesse que a acção administrativa do sr. Norton de Matos foi tão ruinosa que colocou a Provincia de Angola á beira da ruina?* Não me chame *leviano*, sr. Almeida. Leia o Caligula em Angola que foi editado em 1924 e escrito por um Homem superiormente inteligente e de espirito desassombrado; recorra aos relatos do antigo diário da tarde «A Capital» e por ultimo recorra aos extractos das sessões do Parlamento em que o sr. Norton de Matos saiu vexado, humilhado e feito num farrapo. Consulte, formule o seu juizo, mas não deturpe o sentido como o fez ao compilar «*os fragmentos das conferências*» do Ex.mo comandante sr. Alvaro Morna. Não lhe parece que todos os documentos de consulta por mim indicados sejam insuspeitissimos? Não se conforma com a verdade por ser amarga?—*João Esteves Gonçalves Calado.*

Publicamos na integra esta carta, para que não quede qualquer duvida, seja em quem for, sobre a lealdade do nosso proceder. O sr. dr. Calado encontrou, no «Diário de Lisboa», o que se chama «regime de porta aberta». A sua entrevista saiu, porque pessoa, que muito prezamos, nos telefonou, recomendando-o, e também porque não queremos que ninguém quede sem desabafar, nesta hora de confissões e agressões.

Se falámos de terceiro que viria a responder ao seu «arrazoado», não lhe marcámos dia certo. Quando pudesse ser... Fique, porém, o sr. dr. Calado convencido duma coisa: não se pagam finezas com insinuações desconfiadas. Como somos e desejamos ser, tanto quanto nos for possivel, responsável pelos nossos actos, custa-nos muito que os outros lhe dêem uma interpretação menos justa.

Por que foi mandado de Angola para a Metrópole o sr. dr. Calado?...

Não compete a nós averiguá-lo. Sabemos simplesmente o que consta da sua entrevista. Não nos provomos averiguar mais. Já que lhe demos guarida, no «Diário de Lisboa», sem indagar das razões que lhe assistem, limite-se o sr. dr. Calado a agradecer, sem mais, a franqueza da nossa hospitalidade.

CANDEEIROS
Ferros de engomar, Torradeiras, Caloríferos e muitos outros artigos eléctricos
EM 12, 18 e 24 PRESTAÇÕES MENSAIS
SEM FIADOR
RADIO IMPERIUM
Rua dos Fanqueiros, 392 e 394
TELEFONE 27968

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

No Coliseu dos Recreios continua aberta a inscrição para senhoras dos 18 aos 25 anos que queiram ingressar na companhia que está em organização para uma larga temporada em Espanha.

—A companhia de comédias de Procópio Ferreira-Alma Flora tem em cena, com grande êxito, há mais de dois meses, no teatro Serrador, do Rio de Janeiro, a peça «Deus lhe pague», de Joracy Camargo.

—A «tournée» da companhia do actor Alves da Cunha deve começar depois do dia 20 deste mês.

—A vinda do Ballet do Coronel de Basil a Portugal, foi transferida para o mês de Maio.

—A actriz de cinema Maria Olguim, ingressou na companhia de comédias «Artistas Unidos», estreando-se na peça em ensaios.

—Está em organização mais uma companhia teatral para sair em «otrnée» pela Provincia. Com esta devem ser cinco as companhias que no próximo mês de Março andam em digressão pelo País.

—E' provável que o maestro Pierino Gamba volte a Lisboa no próximo mês de Março para dar dois concertos no Coliseu dos Recreios.

—O empresário Joaquim Gasa, da companhia espanhola do Avenida, regressou hoje de Barcelona.

Darvas & Julia

Anunciou, ontem, a direcção do Arcádia a estreia de uma das melhores atracções do Mundo. De facto, Darvas & Julia não é só uma das melhores atracções como deve ser a unica e a melhor, pois é difícil haver artistas mais extraordinários no seu género. E' impossivel descrever toda a beleza, toda a «souplesse» destes notáveis artistas, que nos dão a sensação de um sonho, realizando o máximo na alta-acrobacia.

A orquestra do Arcádia soube interpretar, com aprumo e saber profissional a difícil parte musical.

O publico soube igualmente corresponder ao arrojado empreendimento da empresa do Arcádia, aplaudindo os fenomenais artistas Darvas & Julia e dando-nos o prazer de ver uma atracção que só as grandes capitais do Mundo têm tido o gosto de ver e aclamar.

Conde d'Aguilar

MADRD, 12 — No Teatro da Zarzuela estreou-se ontem, com assinalavel êxito, o ilusionista português conde d'Aguilar.

«A B C» elogia a sua habilidade e elegancia, e «Yá» diz que o português sabe captar a simpatia do publico com a sua arte.—(Efe).

Primeiras exibições

«Malditos», no Trindade

Ainda os alemães e a guerra num filme do francês René Clément, realizador a quem se devem já outros de natureza semelhante. Desta vez é um médico francês embarcado á força num submarino comandado por um alemão e de cuja tripulação fazem parte também marinheiros italianos e doutras nacionalidades. A guerra e o seu final provocam as naturais reacções e do choque vive o filme, que é bem representado por Dalio, Florence, Vidal e outros bons actores. Bons complementos, belos documentários completam o programa. — *Visor 57.*

Penultimo dia!

Hoje, sensacional espectáculo da grandiosa companhia de circo do Coliseu. Amanhã, despedida em «matinée» e á noite

Tem, apenas 48 horas, para ver as formidáveis atracções da companhia de circo do Coliseu, entre outras a fantástica *Bala Humana*. Hoje, «matinée», ás 16 horas, e, á noite, ás 21,30. Amanhã, domingo, despedida da companhia, em «matinée» e á noite. Ultimo dia.

Quarta-feira, estreia da nova companhia de circo no Coliseu. Quem é Paperman?

Quarta-feira, grandioso acontecimento: estreia, no Coliseu, uma nova e sensacional companhia de circo, a ultima da temporada. Escusado será dizer que é a melhor de todas. Entre os numeros sensacionais figura *Paperman*. Quem é? O Homem inacreditável!

O esplendoroso Carnaval do Coliseu

Três dias que vão assombrar Lisboa

Nunca falta a alegria no Coliseu, nos dias de Carnavel. E' sempre o melhor de Lisboa. O deste ano vai superar tudo. Durante três dias e três noites, o Coliseu não fecha as suas portas. Estará sempre em festa, entre batalhas de flores, musicas, bailes, no meio da maior animação. Programa extraordinário, com as maiores surpresas. Bilhetes á venda.

VIDA MUNDANA

EM VIAGEM

Acompanhado de sua esposa, regressou a Lisboa da sua viagem comercial a Paris e Londres o sr. Ernesto Mendonça.

DR. AUGUSTO D'ESAGUY

Completamente restabelecido retomou a clinica o ilustre dermatologista, sr. dr. Augusto d'Esaguy.

FREDERICO BURNAY

Encontra-se de cama há oito dias, com um forte ataque de gripe, o nosso amigo sr. Frederico Burnay.

NOTICIAS DE TAVIRA

TAVIRA, 11.—No próximo dia 14 do corrente, a Sociedade Orfeónica de Amadores de Musica e Teatro comemora a passagem do 18.º aniversário da sua fundação com uma sessão solene, um acto de variedades e baile. Na sessão usarão da palavra os srs. drs. Carlos Picoito e Eduardo Mansinho e o poeta Isidoro Pires.

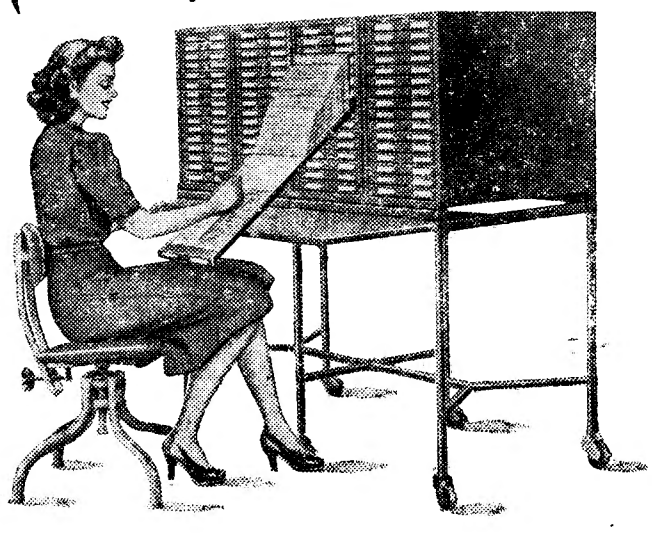
Consta que a mesma instituição vai reorganizar o seu orfeão e o seu grupo cénico, possivelmente sob a direcção do maestro Herculano Rocha.

WONDER BAR
do CASINO-ESTORIL
TODAS AS NOITES
APRESENTA O PIANISTA
SEGUNDO GARZA
e o QUARTETO «STAR DUST»
com C. Vilaret e M. Simões
em dois pianos
Sá Machado e J. Oliver
ao microfone

MOVEIS METÁLICOS
PARA CAFÉS, RESTAURANTES, HOTEIS, BARES, ESPLANADAS E INSTALAÇÕES HOSPITALARES

NOVO MODELO DE CADEIRA FLEXIVEL
SEGURANÇA ABSOLUTA
INSTALAÇÃO PROPRIA DE CROMAGEM
PREÇOS MODERADOS
FABRICANTES:
GONÇALO R. SANTOS
R. ALEGRE, 16 — TELEF. 160
ALGÉS

Melhor organização? Maiores lucros!



SEELDEX
SISTEMA DE FICHAS VISÍVEIS
INDÚSTRIA NACIONAL
EFICIÊNCIA SEM RIVAL

VENDAS • CRÉDITOS • COBRANÇAS • EXISTÊNCIAS • ASSINATURAS
PROPAGANDA • MÃO DE OBRA • PREÇOS DE CUSTO • ETC. • ETC.

SERVIÇOS PÚBLICOS • COMÉRCIO • INDÚSTRIA • PROFISSÕES LIBERAIS

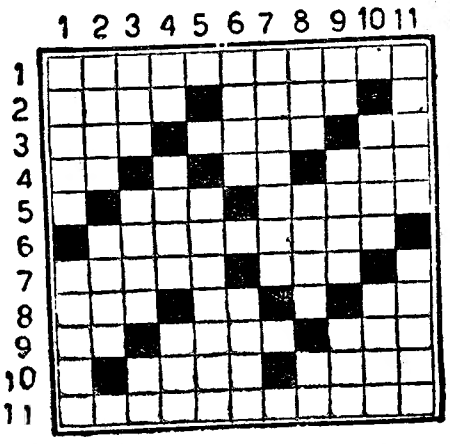
RESOLVAM OS PROBLEMAS QUE SE LHES DEPAREM UTILIZANDO O SISTEMA VISÍVEL "SEELDEX"

CONSULTE A
SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITORIO, LDA.
LISBOA: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1.º • TELEFONE 24986
PORTO: ED. PINHEIRO TORRES & IRMÃO • R. DOS CLÉRIGOS, 44 • TEL. 27171

CASINO-ESTORIL
CARNAVAL
Encontra-se aberta a marcação de mesas para as noites de sábado, domingo, segunda e terça-feira, 1 de Março.
Telef. ESTORIL 730
SABADO E TERÇA-FEIRA
TRAJO DE NOITE

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 2303



HORIZONTAIS: 1—Alcatifassem. 2—Vigesimo sétimo presidente dos Estados Unidos da America. Condescenda. 3—Fileira. Espaço. Simbolo quimico do cloro. 4—Aqui. Preposição latina que designa direcção. Possuir. 5—Camareira. Invocação. 6—Livro em que se expõem as regras da linguagem. 7—Mentira. Ferro endurecido pela tempera. 8—Oferecer. Entrega. Nota de musica. 9—Campeão. Correia dupla que sustenta o estribo. Cabelos brancos. 10—Habita. Queima-se. 11—Relativas ao sandalo.

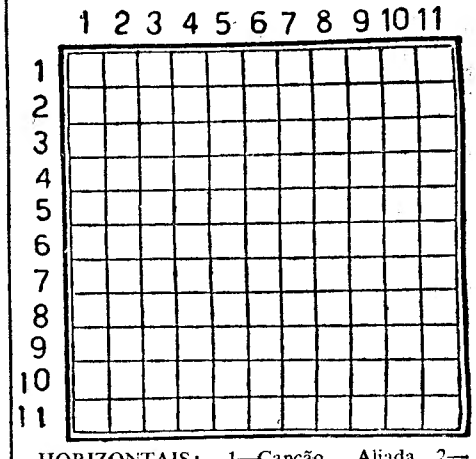
VERTICAIS: 1—Acomete. Segundo presidente dos Estados Unidos da America. 2—Devasta. Grandes (abrev.). 3—Azafama, Sulcar. Simbolo quimico do manganês. 4—Simbolo quimico da platina. Vender a credito. Rio de França. 5—Povoação da linha de Sintra. 6—Quebra. Lago salgado do Turquestão. 7—Relato rapido dum facto jocoso. 8—Pronome possessivo. Abastada. Antes de Cristo. 9—Apelido. Torno de pau. Acredita. 10—Privada da vista. Entidade fantastica com poderes sobrenaturais. 11—Passaro dentirrostro. Pés.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2302

HORIZONTAIS: 1—Tentugal. Ru. 2—Auras. Eis. 3—Cá. Aos. Esta. 4—Ira. Estar. 5—Tapa. Arca. 6—Antigona. 7—Argos. Acto. 8—Avara. Aru. 9—Nota. Ser. Ar. 10—Aço. Meros. 11—Só. Demorais.

VERTICAIS: 1—Tácito. Anãs. 2—Ora. Avoco. 3—Na. Aparato. 4—Tua. Angra. 5—Uros. Tôa. Me. 6—Gás. Ais. Sem. 7—As. Erg. Zero. 8—Escôa. Ror. 9—Estanca. Sá. 10—Rita. Atra. 11—Usava. Ouros.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 354



HORIZONTAIS: 1—Canção. Aliada. 2—Dá uivos. Certas. 3—Mortificados. 4—Cloreto de sódio. Cabelos brancos. 5—Artigo definido. Rigidez. O lado do vento. 6—Altere. Duras. 7—Dois romanos. Acre. Reis. 8—Empregue. Criada de meninos. 9—Senhor. Chefe etiope. Simbolo quimico do rubidio. 10—Montão. Amarrar. 11—Amadurara.

VERTICAIS: 1—Pronome pessoal. Fojo de feras. Canhamo de Manila. 2—Viscera dupla. Parte. Preposição que designa exclusão. 3—Ovarios dos peixes. Teça. 4—Currais de vacas. Preposição latina que indica direcção. 5—Servo de Abraão que foi encarregado de escolher esposa para Isaac. 6—Andar. Rio da Suiça. 7—Despertas. —Alterariam. Antes de Cristo. 9—Intimos. Habilidade. 10—Fluido teriforme. Patria. Estabelecimento de bebidas. 11—Campeão. Retenção de uma coisa. Batraquio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 353

HORIZONTAIS: 1—Brava. Corvo. 2—Onça. Casais. 3—Rio. Por. Sãs. 4—Dr. Ramos. Só. 5—Oásico. A's. 6—Maço. Alei. 7—Lá. Alaude. 8—Sr. Sacos. Al. 9—Som. Uro. Adi. 10—Acorne. Ares. 11—Massa. Brasa.

VERTICAIS: 1—Bordo. Assam. 2—Ruiram. Roca. 3—Aço. Sal. Mós. 4—Vá. Ricas. Rs. 5—Paço. Aura. 6—Como. Acre. 7—Caro. Alão. 8—Os. Saias. Ar. 9—Rás. Seu. Ara. 10—Vias. Idades. 11—Ossos. Elisa.

Vem a Lisboa?
Hospede-se nas pensões
COIMBRA e MADRID
R. dos Correeiros, 287, 3.º
Telefone 21760 — Rossio, 102, 3.º
Atractivos que recomendam esta casa: local privilegiado, optimo serviço de mesa, esplendidos quartos e muito boa frequência.
PREÇOS ACESSIVEIS

No **CONDES**
UM GRANDE EXITO
de 2.ª SEMANA

UM FILME «COLORIDO»

HORIZONTES DE SANGUE

RANDOLPH SCOTT e BARBARA BRITTON

PELES

Casacos, Capas, Estolas, etc.
Peleiros estrangeiros, especializados
OFICINA PROPRIA
Aven. Defensores Chaves, 32, r/c., D.
TELEF. **70296**

DE CARAS FEIAS
FAZER CARAS BONITAS
e de **BONITAS** mais **BONITAS** ainda
sem alterar a semelhança
eis o segredo da
FOTOGRAFIA ACHILLES
Av. Almirante Reis, 1 (próximo da Garage Lys)

CRISTAL

Dancing da Moda
TELEF. 29925

Grandioso programa de atracções, com

ESTHER DE MURILLO - MARUJA NAVARRETE
VICENTITA FRUTOS - OLGA NEGUERUELA
AMPARITO BETRY - Maria de la Paloma

HOJE
Baile de Mascaras
Brindes!
Surpresas!
Decorações!

Música constante pelas orquestras **CARAVANA** e THE ROYAL-JAZZ

LUSO

T. da Queimada n.º 8-A — Telef. 32889 —
HOJE
NOITE POPULAR
Animador *Filipe Pinto*

Nat. Correia **Canções por TONI DE MATOS** (o cantor romantico). **Fados** por **Natividade Correia, Celeste Rodrigues, Manuel Fernandes, Cidalisa do Carmo, Isabel Silva** e **António Meneses.** Acompanhamentos por **António Bessa** e **Miguel Ramos.**

AMANHÃ: «MATINÉE» e «SOIRÉE». CARNAVAL com BAILES, FADOS e VARIEDADES. N. B.—As noite de Carnaval no **LUSO** tem tradição, pela selecção rigorosa e ambiente familiar.

SÓ HOJE E AMANHÃ

COLISEU

PENULTIMO DIA
A's 16 horas MATINÉE
A' NOITE, às 21,30

Todas as atracções sensacionais da
Grande Companhia de Circo

Quarta-feira, 16: ESTREIA da NOVA COMPANHIA DE CIRCO
O Carnaval do Coliseu é o mais alegre e animado de Lisboa

Para calçar bem e na mais económica casa do País
Não esqueça vá à
TAMARIZ
R. de S. Lázaro, 37 (ao Socorro)
TELEF. 25391
Descontos para revenda

AMBIENTE ANDALUZ
CORTIÇO
RUA DA GLORIA-53*53-A
com **Elisa Tavares** insinuante vedeta da rádio. **Uma artista e um nome a tixar**

MAR-LINDO

Moderno Restaurante e Salão de Chá
Praia de Santa Cruz
Frequência distinta. Belos aposentos.
Optimas refeições. **Tel. 6**

BEBA CAFÉ MOINHO DE OURO
RUA DA PALMA, 39-41 - LISBOA

Teatro Nacional D. Maria II

HOJE e todas as noites, às 21 e 30, grande êxito da peça em 3 actos de **Júlio Dantas**

OUTONO EM FLOR

MARIA VITORIA A's 20,30 e 22,45
Ultima série de representações da revista das mil gargalhadas
O Pirata da Perna de Pau!
com Mirita Casimiro, Costinha, Teresa Gomes, Luiza Durão, Eugenio Salvador à frente dum valioso elenco
com Carlos Leal no «compere»
e Fernanda Baptista a voz de oiro do fado
Amanhã sensacional «matinée»

---

2 SESSÕES **APOLO** 20,45 e 22,45
ÚLTIMOS DIAS DA SEMANA
O VIVO DEMONIO
Amanhã, «matinée» às 16 horas
A SEGUIR: A nova comedia
JOANINHA QUER CASAR

AVENIDA Tel. 27273 A's 20,30 e 22,45
Só hoje e amanhã ultimas duas noites despedida da revista 100 % espanhola
VOANDO... DE CLIPPER!
pela grande Companhia Espanhola de Revistas com as melhores «estrelas», artistas cómicos, cantores, bailarinas e «girls»
Amanhã, ultima «matinée» e despedida

ALMOÇE, JANTE e CEIE
NO
Girassol
Reabriu após a renovação das suas instalações
Restaurante, Salão de Chá, Esplanada
Av. do Aeroporto, Chalet 31 — Telef. 70107
Aberto até às 2 da madrugada

Solar da Alegria

P. DA ALEGRIA

Ivete Pessoa

HOJE, grande noite de Fados, Canções e Humorismo, com Noémia Cristina, Ivete Pessoa, Emelina Lopes, Jaime Silva, Raul dos Santos, José dos Santos e Joaquim Cordeiro. Amanhã «matinée» ás 3 e 30 com 8 artistas. *Atenção ao Carnaval neste Solar.*

ARCADIA

O Dancing n.º 1 da Capital

Foi um êxito clamoroso a estreia de ontem da melhor atracção do mundo

DARVAS & JULIA

Musica constante pelas Orquestras
MARIO ROSSI e ARCADIA com a vocalista norte-americana **DAINA**
Amanhã **Chá-Dançante** das 17,30 às 20 horas
1.ª parte de variedades às 0,15

RITZ CLUB

O MAIS MODERNO E ELEGANTE DANCING-BAR
:-: R. da Glória — Telef. 25140 :-:
O SENSACIONAL PROGRAMA DAS MAIORES ATRACÇÕES DO MOMENTO
PERLA DE LEVANTE — LYDIA DE SOTTOMAYOR
CARIOCA MOHAGREB — HERMANAS DIDIER
E A FAMOSA ORQUESTRA **ALMEIDA CRUZ** com a vocalista **Julieta Rodrigues**

OLIMPIA CLUB

- O mais animado - dancing de Lisboa
O clamoroso sucesso de **LOLA RAMOS** Autentica «estrela» de baile espanhol
que é o maior acontecimento artístico actualmente em Lisboa
UM VALIOSO PROGRAMA COM AS GRANDES ATRACÇÕES INTERNACIONAIS
CARMELITA del RIO — ANITA PAGAN — BALLET MARAVILLAS — CARMEN UBILLA — ORQUESTRA OLIMPIA

São Luiz
O principio ou o fim
A revelação do segrêdo atómico numa atmosfera de mistério e perigo com **Brian Donlevy**
T. 27172-A's 21 e 30 **«Matinées» diárias**

EDEN
Telef. 20768
A's 21.30
2.ª semana
Deus deu-me um amigo
Comédia dramática com Bing Crosby, Joan Caufield e Barry Fitzgerald
«Matinées» diárias

TRINDADE
A'S 21 e 30
Telef. 20000
Exito absoluto do filme de **René Clément**
Malditos
Grande prémio do festival de Cannes
«Matinées» diarias

ODEON
A's 21 e 30
PALACIO
A's 21 e 30
Um êxito de gargalhada
Um trono por amor
impagavel comédia com **Dennis Morgan** e **Jack Carson**
«Matinées» diarias

GINÁSIO
Tel. 20556
Hoje ás 21 e 30
5.ª e ultima semana
Cossacos contra Moscovo
com Irasema Dilian e Amedeo Nazzari
«Matinées» diárias

TERRASSE Telef 20917 — A's 21 e 15
CAPITÃO DE CASTELA
Crime nas Antilhas

JARDIM CINEMA Tel. 63065 - A's 21
Sempre em meu coração
Garras amarelas

TIVOLI
As 21 e 15
Telefone 50595
O maior filme do ano
HAMLET
de **Shakespeare**, com **Laurence Olivier**
«Matinées» diárias

TELEFONE 26305
Politeama
HOJE ÁS 21.30
2.ª semana triunfal da vibrante epopeia
FORTE APACHE
com Henry Fonda, John Wayne e Shirley Temple

CONDES
AS 21.30
Telef. 22523
2.ª semana
Horizontes de sangue
Emocionante e turbulento filme colorido, com Randolph Scott e Barbara Britton
«Matinées» diarias

CAPITOLIO
A's 21 a 30
Telef. 27493
Um êxito extraordinário com o admiravel filme
Amor e abnegação
com Micheline Francey e Raymond Rouleau

REX
Telef. 9655
A's 21 e 15
Paixão de marinheiro
Dr. Kildare, Um caso estranho

LIS
Tel. 48560
A's 21 e 15
Capitão de Castela
CRIME NAS ANTILHAS

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Uma vida para dois
com Virgilio Teixeira

Robert Montgomery, galã catalogado naquela escala de anos que ultrapassou a meta da juventude, é também director. Já deu as suas provas e parece que não se arrependeu, pois anuncia uma nova pelicula, «Do lodo nasceu uma flor». A protagonista é Wanda Hendrix, por ele descoberta numa companhia provinciana de teatro.

Realidade desoladora

Um novo ano começado e a fisionomia do nosso cinema não se mostra muito sorridente. Que vemos? O mesmo de sempre: projectos a mais e filmes a menos. O mesmo ar de aventura, que tem custado a ruína de algumas pessoas, pois conta-se, certamente, por alguns milhares de contos o dinheiro perdido com o cinema português. Será, mesmo, bem sucedido Leitão de Barros com a sua tentativa de intercambio cinematográfico com o Brasil, assegurando para os filmes na lingua comum o mercado enorme de cinquenta milhões de pessoas?

O certo é que tudo continua como no tempo das heroicas, por vezes habilidosas, tentativas e demonstrações fugitivas das nossas possibilidades. Um cinema por conta-gotas, sem continuidade que garanta um indispensável progresso industrial, através das necessárias compensações materiais. O mercado do Brasil foge-nos a olhos vistos. Já não é só o problema do seu publico não entender os diálogos das nossas peliculas, mas também o facto, naturalissimo, dos brasileiros procurarem defender a sua própria produção. E isto é grave, pois basta dizer-se que um filme português de grande êxito popular, feito como é corrente entre nós, mas que não seja vendido para o Brasil (e alguns dos ultimos filmes não o foram), tem um prejuizo á roda de quatrocentos contos. Se o filme não tem êxito na estreia de Lisboa e Porto—é a catástrofe!

O mais grave de tudo isto, porém, é que a ausência de assuntos e figuras nacionais concorre para um abastardamento da nossa própria cultura. A nossa mocidade recebe, cada nova semana, ou o culto das grandes personagens estrangeiras, ou os problemas estrangeiros, os sentimentos, a cultura, o idioma, a paisagem—numa palavra—a vida estrangeira. Como se formará o carácter dessa mocidade que tem do amor a noção americana, do humorismo a noção francesa e da musica a noção alemã?

Evidentemente, que estamos de acordo que não é com a maioria dos filmes portugueses baseados em assuntos futeis e humoristicos, sem altos temas que os elevem á categoria de grandes espectáculos, que cumpririamos a dupla missão do cinema de divertir e educar. Mas isso viria, depois de arrumado o aspecto económico da nossa industria, o qual é, quanto a nós, a mais grave peia ao seu desenvolvimento.

E é pena que assim seja. E' pena que no começo de um novo ano tenhamos de confessar a nossa desesperança. Quando se fala tanto em nacionalismos, é pena que se deixe escancarada uma porta ao internacionalismo de todos os minutos. Será possivel, com esta cultura, nascer ainda em Portugal um espirito que atinja a «altura» nacionalista dum Garrett, dum Junqueiro ou dum Herculano — para não falar já num Camões, num Gil Vicente ou num João de Barros?

AUGUSTO FRAGA

RADIO

Um dos temas palpitantes, neste momento, na radio americana, é o dos programas de auditorio que distribuem prémios em dinheiro.

Procura-se saber se devem prevalecer ou não tais programas, que, segundo uns, estragam o gosto pela rádio e, na opinião de outros, trouxeram-lhe uma concorrencia muito maior. A verdade é que existe, inegavelmente, uma corrente contrária a essa tendencia de programas. O assunto, porém, está a ser ventilado, democraticamente, esperando que se chegue a uma reconciliação.

Os progressos da TV

Nenhuma outra industria americana está avançando tanto como a da televisão. Dentro de dez anos, ou seja em 1959, haverá quarenta milhões de receptores de televisão nos lares norte-americanos, com uma audiencia total de cem milhões de pessoas. Crê-se, ainda, que, dentro de cinco anos, a televisão e suas ramificações estarão dando emprego a mais de um milhão de pessoas. Já em 1953 a industria da televisão terá invertido oito biliões de dolares na prosperidade economica dos Estados Unidos.

Durante os primeiros nove meses do ultimo ano, foram fabricados quinhentos mil aparelhos receptores de televisão em comparação para oitenta e cinco mil para igual periodo do ano anterior. Segundo os melhores calculos, no ano em curso será posta a funcionar uma rede de televisão com canais estendidos sobre mais de dez mil quilómetros do territorio norte-americano ligando quinze cidades principais, desde a costa leste dos Estados Unidos até ás margens do Mississipi.

mundo cinematográfico

EXITO

teatro ★ cinema ★ radio

Ginger e Fred juntos

Ginger Rogers e Fred Astaire voltam a encontrar-se ao fim de tantos anos. Ambos filmaram, juntos, nove peliculas entre os anos de 1923 e 1938. Depois, separaram-se, porque Ginger queria demonstrar as suas aptidões de actriz dramatica, o que conseguiu em «A rapariga da gola branca», que lhe mereceu um prémio da Academia.

A circunstancia de Judy Garland haver adoecido fez que a substituissem por Ginger, em «The Barkleys of Broadway», que será rodada em tecnicolor.

O guarda-roupa de uma actriz

O guarda-roupa particular de uma actriz é vasto e delicado. Saiba o leitor que, por exemplo, Delia Scala tem no seu quarto de vestir nada mais, nada menos que oito casacos de peles, seis vestidos de noite, doze pares de sapatos, seis fatos de banho e vinte pares de meias de vidro. Fora isto, perde-se o nuemro dos seus vestidos de passeio, para manhã ou para tarde.

★ ★ ★ ★ ★

SEIS ACTIVIDADES

e seis nacionalidades

O jovem actor do cinema italiano Vittorio Gassmenn, apenas em dois anos de esplendorosa e continua actividade, teve oportunidade de encarnar seis interpretações diversas, e tão diversas que até variaram as profissões e as nacionalidades dos seus personagens. Assim, Vittorio Cassemann foi, sucessivamente, um deputado veronês, um oficial russo, um banqueiro alemão, um aventureiro veneziano, um ladrão milanês e Casanova. Foi ladrão em «Riso Amargo», Casanova em «O Cavaleiro Misterioso», e oficial russo em «Cossacos contra Moscovo».

★ ★ ★ ★ ★

«Happy New Year!» James Stewart e sua mulher correspondem aos votos de Ano Novo Feliz que lhes dirigem os seus admiradores num restaurante elegante de Nova York.

BERLIM

PORQUE SERIA?

O exito do filme «Os melhores anos da nossa vida», em Berlim, foi enorme. Foi preciso organizar um serviço especial de policia, tal a avalanche de publico que afluiu ao cinema, onde se projectava a dita pelicula.

Uma carta do brigadeiro Robert McClure dirigida ao produtor Sam Goldwing diz que se organizaram dez turmas de policiamento para impedir que os que se encontravam no exterior entrassem á força e que foram necessarias vinte para conter os que saíam... A carta não explica porquê!

HOLLYWOOD

Wanda Hendrix casou-se

Audie Murphy, o soldado mais condecorado da America, que se estreou no cinema em «Codigo de Honra», escolheu o dia de Natal para se casar com Wanda Hendrix, que há pouco passou em Lisboa, de regresso de Roma, onde trabalhou com Tyrone Power, no filme «O Principe das Raposas».

ELLA RAINES

enamorada do marido

Ella Raines acaba de filmar «The walking hill's», após longo tempo de afastamento de Hallywood. Enamorada de seu marido, trocara a tranquilidade do lar pela agitação da vida do estudio, rejeitando contratos e tornando-se artista independente. Foi nessa qualidade que trabalhou na referida fita e como tal vai filmar nova pelicula para a Columbia.

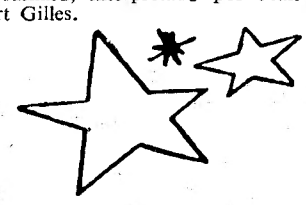
Pela terceira vez...

Dona Cegonha acaba de visitar, pela terceira vez, a mamã Veronica Lake, dando-lhe de presente uma gorducha menina.

PARIS

Um filme sobre Leclerc

Durante as comemorações da libertação de Estrasburgo, foi apresentado um filme sobre o general Leclerc, que morreu há um ano num desastre de aviação ao sul da Argelia. A exibição foi precedida por um curto prologo de Marcel Achard, interpretado por Jean Marais e Gilbert Gilles.



Gilda foi suspensa

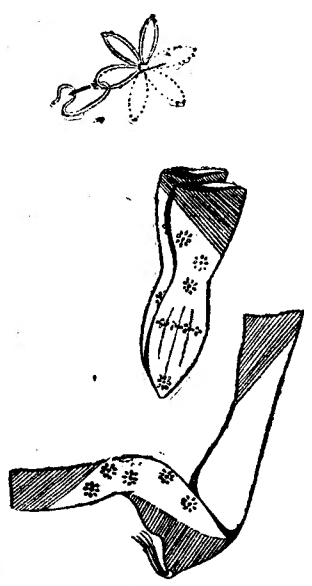
Rita Hayworth foi suspensa pela Columbia por se haver negado a desempenhar determinado papel numa pelicula que equela e presa pretende rodar, dentro em breve. Tendo infringido uma clausula contratual, Gilda não receberá o seu salário anual.

PAGINA da Mulher

CASACO-DE FAZENDA

A pedido de uma nossa leitora que se esconde no pseudonimo «Flor do Campo», é publicado este modelo de casaco. Os moldes deste modelo feitos por medidas que nos sejam indicadas pelas nossas leitoras importam em 20$00, com o porte grátis. Não enviamos moldes contra reembolso.

PARA O MAIS PEQUENINO



Capuz e luvas de flanela de lã bordadas com filoselle Ancora, em ponto de mal-me-quer.

Lembramos ás nossas leitoras que continuamos fornecendo os moldes completos para enxoval de bébé, constando de todas as peças de vestuário e berço. Custam 20$00 e podem ser adquiridos na nossa Administração. Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

Pelo correio, sendo pagos adiantadamente tem o porte grátis e contra reembolso custa mais 3$50.

CULINÁRIA

Mãozinhas de carneiro guisadas

Depois de bem limpas e escaldadas cozem-se as mãozinhas de carneiro. Faz-se um refogado com banha de porco ou toucinho, salsa picada e presunto. Quando a cebola está loira, acrescenta-se o refogado com uma colher de caldo e outra de vinho branco, deitam-se-lhe as mãozinhas de carneiro e deixam-se guisar acrescentando o molho, pouco a pouco, com caldo, até apurar convenientemente. Servem-se bem quentes.

Linguado assado

O seguinte processo é aplicável a um linguado grande e alto.

Corta-se uma cebola pequena em rodas muito finas e dispõem-se estas no funto de uma travessa de ir ao forno.

Golpeia-se o linguado do lado escuro perpendicularmente ao comprimento e enchem-se os golpes com manteiga. Assim preparado, coloca-se sobre a cebola, rega-se com uma colher de azeite e com manteiga derretida. Por cima, deita-se-lhe uma mistura de pão ralado, sal fino, pimenta em pó e queijo ralado, mete-se no forno com calor brando, e, quando está assado, serve-se na travessa em que foi cozinhado.

Miolos cozidos em fritura

Toma-se uma mioleira de vaca, lava-se muito bem em água fria e tiram-se-lhe as membranas que a revestem; em seguida, põe-se a cozer em água temperada com sal, pimenta em grão, rodas de cebola, um ramo de salsa e um golpe de vinagre.

Depois de cozida a mioleira, escorre-se num passador, enxuga-se e corta-se em bocados.

Desfazem-se duas colheres sopeiras de farinha de trigo em três de vinho branco. Batem-se seis claras de ovos em neve e misturam-se, pouco a pouco, com a farinha desfeita em vinho, mexendo-se bem, para ficarem perfeitamente ligadas.

Põe-se ao lume, numa caçarola, bastante azeite e banha de porco, e, quando esta mistura ferve bem, deitam-se nela, sucessivamente, os bocados de miolos envolvidos na massa de claras e farinha e deixam-se frigir, servindo-se em seguida.

Costeletas de massa cozinhada

Passa-se o macarronete que tenha sobrado, depois de cozinhado, pela máquina de picar. Junta-se-lhe em seguida um pouco de salsa, pimenta e um ovo para ligar. Polvilha-se com farinha e tendem-se á mão umas bolas desta massa, espetando-se um ou dois canudinhos de macarrão cru para dar o aspecto do osso da costeleta. Passam-se por ovo e pão ralado e fritam-se em azeite a ferver servindo-se com rodelas de limão e folhinhas de salsa.

«Omelette» holandesa

Elementos precisos:

Quatro fatias de pão, manteiga, sal, pimenta, presunto bom (de Yiork, sendo possivel).

Cortam-se as fatias de pão da espessura de um dedo, dá-se-lhes uma forma arredondada de seis centimetros, um prato com manteiga, polvilha-se de sal e pimenta e dispõem-se em camadas as torradas. Partem-se oito ovos numa tigela, temperam-se de sal e pimenta, junta-se-lhes o presunto cortado em pequenos quartos, bate-se tudo bem e deita-se sobre as torradas. Mete-se o prato no forno, que deve estar mais quente na parte superior do que na inferior. Uma cozedura de dez a quinze minutos é suficiente para tornar a «omelette» pronta a ser servida.

tros de diametro aproximadamente e torram-se em lume temperado para ficarem douradas sem se queimarem, barrando-as em seguida com manteiga. Barra-se também, profusamente,

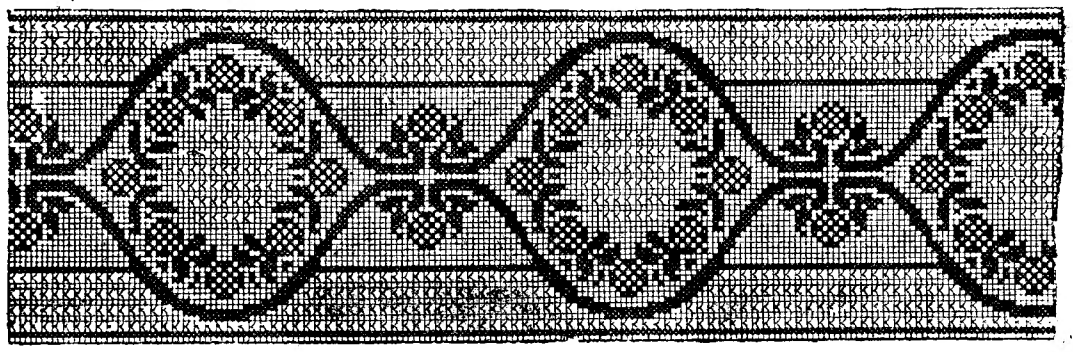
Tres conjuntos modernos

A simplicidade é a nota marcante de agrado nestes três modelos da «toilette», formados por duas peças. E' o fato prático elegante e bonito para todas as horas do dia e para todas as situações. Prestam-se a todo o genero de tecidos de lã

Entremeio para toalha de mesa

Este lindo entremeio sai da vulgaridade pelo genero do seu desenho que é do melhor gosto moderno. Executa-se com algodão mercer Corrente, n.º 80 ou n.º 100, na malha de abertos e fechados e na malha inglesa.

O seu desenho em quadriculados de 4 milimetros é fornecido ás nossas leitoras na Folha de Desenhos para Bordados e Rendas n.º 19 que contém muitos outros desenhos para roupas de casa, adornos do lar e do vestuário, motivos infantis, mono-



gramas, ponto de cruz e lindos «crochets».

Preço desta publicação mensal: avulso, 3$50. Assinatura de um ano, 40$00; de seis meses, 20$00; de três meses, 10$00. Os numeros avulso e as assinaturas de três meses devem ser pagas adiantadamente em dinheiro, selos ou vale de correio. As assinaturas de um ano e de seis meses podem ser cobradas pelo correio. O porte é grátis, excepto nas remessas de numeros isolados que nos sejam requisitados contrareembolso.

Neste caso custa 3$50.

Pedidos á Página da Mulher, «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

Pergunte para saber

Sempre confiante nos vossos conselhos—Se deseja comunicar directamente com a organizadora das nossas páginas femininas dirija-se a Matilde Taveira Santos, enviando a correspondência para este jornal ou para Campo Grande, 54, 2.º, direito, Lisboa.

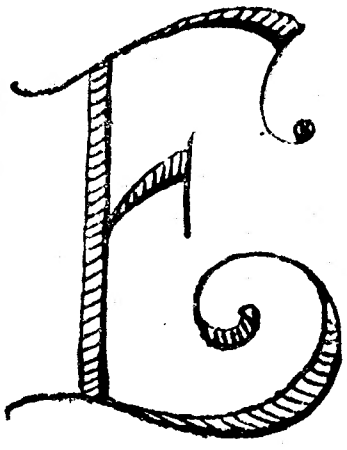
Não importa quem eu sou — Não são fáceis de fazer os pasteis de Tentugal, porque a preparação da massa requer uma certa prática. Faz-se a massa misturando farinha de trigo com água, de modo que fique mole, mas homogenea. Estende-se a massa, por fim, numa toalha muito bem esticada sobre um cobertor e faz-se com que ela atinja a espessura de um papel de seda, sem, no entanto, se romper... Para esta operação, que é a mais difícil de levar a efeito, emprega-se um rolo de madeira ou uma garrafa lisa.

Depois da massa bem preparada cortam-se uns rectangulos com 12 centimetros de largura. Untam-se, um a um, com manteiga, ou margarina, derretida, e colocam-se, depois de untados, uns sobre os outros, em grupos de seis. Sobre cada grupo coloca-se um montinho de ovos moles, espalhando-o depois por toda a superficie da massa. Por cima da massa colocam-se depois três rectangulos de massa, untados, um a um, com manteiga ou margarina.

Levam-se ao forno quente, onde devem permanecer durante cinco a oito minutos, ou seja o tempo suficiente para cozerem e aloirarem.

Querendo dar-se-lhes outra forma corta-se a massa em quadrados e em vez de se utilizar sobre os ovos moles três folhas de massa colocam-se os ovos moles apenas no meio do quadrado, dobra-se a massa sobre eles de um lado primeiro e do outro depois, dando-se por fim uma dobra nos topos, como se faz num embrulho de papel. Tudo isto, porém, requer muita levesa de mãos.

MONOGRAMA



Senhoras, regulai o intestino com LAXAX

Laxativo infalivel e óptimo regulador intestinal próprio para o sexo feminino.

Vende-se nas Farmácias

CASACOS DE PELES

O maior sortido em todas as qualidades de peles. Modelos Parisienses e Americanos. Limpamos, transformamos e consertamos. Fábrica de peles Rio Jamor, Rua de Santa Justa, 75, 2.º. Telefone 21732.

Madame Cardoso

ALTA COSTURA

Telefone 43506

Rua Viriato, 8-3.º D.º

Senhoras:

ADQUIRAM O LIVRO

METODO UNIVERSAL DE CORTE

por *Fernando Baptista de Oliveira*

Vestuário de Senhora e de Criança — Facam os vossos vestidos em casa e tereis assim uma grande economia. Por este método ficarão habilitadas todas as senhoras e meninas a saber cortar com perfeição todos os trajos femininos de todas as épocas

1 volume de 174 páginas, formato 30X24, cartonado

PREÇO PRIMITIVO ESC. 110$00 = PREÇO DE OCASIÃO ESC. 70$00

Pelo Correio Esc. 74$00

A' venda em todas as livrarias

Depósito: LIVRARIA FRANCO — R. Barros Queirós, 14-18-Lisboa

BLUSAS e SAIAS

GRANDES NOVIDADES

Salão dos Plissados

Rua 1.º Dezembro, 64 e Calçada do Carmo, 10

TELEFONE 21724

Carta do eng. Cunha Leal

a propósito da réplica

do eng. Daniel Barbosa

Sr. Director do «Diario de Lisboa»:—Com dois dias de antecedencia, anunciou o jornal que v. dirige com tanta dignidade, que, no seu numero de hoje, inseriria a resposta do eng. Daniel Barbosa aos reparos por mim feitos ás alegações do mesmo senhor em prol da sua obra ministerial, o que tudo—primeira defesa, critica e nova defesa—apareceu ou vai aparecer no «Diario de Lisboa» e constitui peças de um processo que ao povo português, como juiz supremo, compete julgar.

Não abrigo na minha alma, em relação ao eng. Daniel Barbosa, nem sequer vagos resquicios de malquerença ou antipatia. Pelo contrario, apesar de não ser das suas relações pessoais, acho simpatica a sua maneira de ser, o que me não obriga, claro está, a ter para com a sua obra, como ministro da Economia, os mesmos sentimentos amistosos, que, sem desejos de reciprocidade, nutro pela sua pessoa.

Nem sequer alterará esta favorável predisposição espiritual a circunstancia, sempre possivel, se bem que pouco provavel, de vir a ser maltratado na sua resposta. Durante o seu ministerialato, o eng. Daniel Barbosa a todos nos acostumou a fartura de alimentos. Porque é que a mim, pessoalmente, me não haveria ele de fornecer, ainda por cima, fartura de temperos e destemperos? Seria a pedra de cúpula da sua politica de farturas, com a vantagem suplementar, para a grei, de que a fartura de azedume e mau humor não esgotaria os «*Fundos Corporativos de Compensação*», nem debilitaria e tornaria anémicas as reservas nacionais de divisas estrangeiras fortes e de ouro.

Em qualquer hipotese, não se me leve, pois, á conta de menosprezo ou menos consideração o facto de anunciar, desde já, o meu propósito de não lhe responder, a não ser que o meu contraditor traga á colação novos factos decisivos. Tal seria, por exemplo, o caso de inserir no seu novo trabalho aqueles preciosos dados, cuja revelação lhe sugeri, a saber—o valor global das divisas estrangeiras possuidas pelo Tesouro Publico e pelo Banco de Portugal nos dias do seu advento e do seu ocaso ministerial e a decomposição exacta destas verbas nas várias espécies monetárias que entram na sua contextura. Então, sim, a minha intervenção tornar-se-á util, se não indispensável, para extrair desses elementos, ainda desconhecidos, as necessarias conclusões e saber a parte que seria imputavel ao eng. Daniel Barbosa num possivel esgotamento de divisas fortes.

Em caso contrario, limitar-me-ei a pouco mais do que oferecer ao publico o merecimento dos autos, porque, no tocante aos factos já conhecidos, me parece que o processo se encontra em condições de se poder fazer um julgamento imparcial. Apenas me permitirei, desde já, pôr em relevo o alcance de qualquer das duas modalidades possiveis de sentença—a absolvição ou a condenação da obra ministerial do eng. Daniel Barbosa.

1) *A obra ministerial do eng. Daniel Barbosa é digna dos maiores encómios.*

Em tal hipotese, não se compreende, dentro da politica da continuidade governativa, tão justamente apreciada nos arraiais situacionistas, porque é que foi dada ao eng. Daniel Barbosa a demissão do seu cargo ministerial, ou porque é que lhe aceitaram, se, porventura, resultou de espontaneo pedido seu, aliás injustificavel por não ser ligitimo em corpo jovem um tão imperativo apetite de descanso. O regime teria sido assim privado duma colaboração preciosa, quando outros ministros têm criado cabelos brancos no longo exercicio dos seus cargos.

Mas há mais. Como tive ensejo de demonstrar, o seu sucessor houve por bem modificar radicalmente a sua politica alimentar, de modo que, ao defender-se tão encarniçadamente, o eng. Daniel Barbosa acusa e condena, implicitamente, o dr. Castro Fernandes e, com ele, o regime que consentiria prejudiciais hesitações e pontos de reversão num dos aspectos fundamentais da sua politica economica. Em face do exposto, ouso afirmar que um situacionista tão convicto, como se nos revelou recentemente o eng. Daniel Barbosa, não deveria hesitar nem um segundo em sacrificar a sua popularidade e os seus créditos pessoais no altar do regime: seria um holocausto individual oferecido ao Moloch—Estado.

2) *A obra ministerial do eng. Daniel Barbosa é digna de censura.*

Neste caso, permaneceriam intactas as minhas pejorativas afirmações e conclusões. Simplesmente, a insistencia do eng. Daniel Barbosa na defesa duma obra indefensavel não lhe teria feito bem nem a ele, pela manutenção do capital de queixa da nação, nem ao regime, por me ter forçado a destacar esta circunstancia: o principio da estabilidade governativa, quando aplicado sistematicamente, pode levar a conservar no exercicio do Poder Executivo ministros que estejam desenvolvendo actividade contrária ao interesse nacional, de modo a dar-se-lhes tempo para acumularem erros e ruinas de toda a ordem. Ora, se a estabilidade do bem é altamente desejavel, a estabilidade do mal é altamente detestavel. «Est modus in rebus»!

Assim, pois, talvez o eng. Daniel Barbosa tivesse procedido mais atiladamente se houvesse resolvido guardar uma atitude discreta de absenteismo em face dos ataques á sua acção governativa, contentando-se em dizer com os seus botões, como certos grandes vultos da humanidade: a Historia a todos nos julgará! E, se a Historia, que, por vezes, tem lamentaveis caturrices ou obliterações de velha, o julgasse mal ou, mesmo, se esquecesse de julgá-lo, santa paciencia... Ainda lhe restaria o recurso de conclamar com o saragoçano dos almanaques: «*Deus super omnia*»!

Agradecendo a v. o favor de, mais uma vez, me conceder a sua generosa hospitalidade, subscrevo-me, sr. director do «Diario de Lisboa», com a maior consideração e estima, de v., etc.—*Cunha Leal.*

O escritor Alberto de Serpa

responde a António Ferro

Meu caro dr. Joaquim Manso:—Quem me conhece sabe que não sou homem para atirar pedras a ninguém, nem para divulgar conversas confidenciais que prejudiquem aqueles que comigo as mantêm, nem para apelar de António Ferro em circunstancias dificeis da minha vida. Estas afirmações, quero-as já de pé, pois dizem respeito á minha dignidade de homem e de escritor.

Muitos meus camaradas literários, de ideais politicos e religiosos diferentes dos meus, podem testemunhar a minha tolerancia e a minha independência: só lhes tenho agradecido o seu amor á Arte, e só lhes peço que o não deitem fora. Se deixei de considerar António Ferro meu confrade, isso deve-se simplesmente ao facto de ter ele trocado uma carreira de escritor literário—de que me confessei e confesso, publicamente admirador—pela direcção de um organismo politico—a Informação—que não concede categoria literária a ninguém.

O muito resto que António Ferro e eu podiamos escrever á volta da carta dele ontem publicada no «Diário de Lisboa» seria, realmente, para uma longa polémica que não pode haver, por falta de tempo e de oportunidade...

Agradecendo-lhe desde já o favor da publicação destas linhas, creia-me, meu caro dr. Joaquim Manso, seu confrade e amigo firme—*Alberto de Serpa.*

Tel. 20278

Rouxinol - Viena

Boite-Restaurante

Largo da Biblioteca, 20

Snrs. Habitantes da Cidade
Muita atenção !...

Sigam pela direita, evitem encontrões e atropelamentos e comprem as suas joias na **Grande Ourivesaria da Moda.**

Rua da Prata, 257 (esquina da Rua de Santa Justa).

Não

use qualquer Pasta para os seus dentes. Para evitar e tratar as doenças da boca use
PASTA MEDICINAL COUTO

Epílogo

(Continuação da 1.ª pág.)

nossos encanecidos habitos, a fim de que se lhe dê a reparação que lhe compete, pelo que tem sofrido e trabalhado.

Desapareçam os espectros do passado que muito nos fatigam e assombram, com os seus designios de ressurreição! Quem morre, por falta de capacidade para viver, resigne-se ao silêncio da História e ao seu sereno julgamento.

Porque há-de atropelar os vivos, com a sua estranha mania de reaparecer, como sombra opaca, na face pulcra dum astro?

A Republica não é um intruso nem um parente pobre que se roja aos pés dum alto senhor. A Democracia, que significa facto de consciência, não pretende ser um personagem episódico, na meia-luz do palco. Aspira a ser o todo, que é como quem diz: o povo que se educa, aprendendo a ser livre e a amar a herança dos avós.

O «Diário de Lisboa» sustentou convictamente, nos seus vinte e oito anos de existência, esta doutrina:

—«Portugal pertence a todos os seus filhos que, nele e por ele, recobram alento para a viagem dos séculos».

Há quem o afronte e desconsidere?

Neste numero, serão incluidos os covardes e os traidores que desconhecem a honra de servir uma Pátria onde não medram as ervas ruins.

A desistência

da candidatura

do general Norton de Matos

(Continuação da 1.ª pág.)

Foi ontem á tarde que o sr. general Norton de Matos regressou á sua casa de Lisboa e deu conhecimento aos seus colaboradores da resolução que tomara, em definitivo, de desistir da candidatura, que pouco depois foi anunciada aos representantes da Imprensa portuguesa e das agências noticiosas estrangeiras.

Hoje de manhã, o sr. professor Mário de Azevedo Gomes entregou no Supremo Tribunal de Justiça a declaração de renuncia do sr. general Norton de Matos.

O despacho do presidente do Supremo Tribunal

Sobre este documento recaiu o seguinte despacho do sr. conselheiro presidente do Supremo Tribunal de Justiça:

«O presente requerimento, em que se comunica a desistência da candidatura á Presidência da Republica do sr. general José Mendes Ribeiro Norton de Matos, candidatura que foi julgada em termos legais pelo Acordão de 17 de Dezembro de 1948, não tem que ser apreciado por este Supremo Tribunal, cuja competência se limita ao reconhecimento da elegibilidade dos candidatos, elegibilidade que não é renunciável, e ao apuramento final de votos a favor dos candidatos reconhecidos elegiveis, o qual terá de ser feito segundo os preceitos legais pela Assembleia Geral de apuramento, prevista no artigo 32.º da lei n.º 2.015 de 28 de Maio de 1946. Arquive. Lisboa, 12 de Fevereiro de 1949. (a) José Joaquim Coimbra».

A Comissão Central dos Serviços da Candidatura do sr. general Norton de Matos comunicou, pelo telégrafo ou pelo telefone, a todas as Comissões daqueles serviços espalhadas pelo território metropolitano, insular e colonial a resolução do candidato.

Martex

A casa que V Ex.ª deve preferir para calçar com elegancia e distinção

RUA AUGUSTA, 258

LISBOA Telefone 25128

Fia-te na **Taif** e verás o teu carro afinado.

Rua Francisco Tojal, 5

Tel. 22283

O chefe do Estado

representa

e das rapari

A' hora a que fechamos o nosso jornal estão no Palácio de Belem, esperando a vez de serem recebidas pelo sr. presidente da Republica, muitas dezenas de senhoras e raparigas nacionalistas que lhe vão entregar documentos de apoio á sua candidatura á chefia do Estado.

As primeiras a ser recebidas são da Faculdade de Letras de Lisboa, sendo lida pela sr.ª D. Maria Ester Garcia de Lemos uma mensagem com muitas assinaturas.

Depois será recebida uma comissão de senhoras, que iniciou a recolha das listas em Lisboa e que é constituida pelas senhoras D. Maria José Vilar, que fez entrega de um documento com 10 mil assinaturas; duquesa de Palmela, marquesa de Rio Maior, condessas de Sabrosa e de S. Lourenço.

O terceiro grupo a ser recebido foi o das universitárias de Lisboa, Porto e Coimbra, em nome das quais a sr.ª D. Maria de Lourdes Lopes Pereira, da Faculdade de Ciências de Lisboa, entregou uma mensagem com mais de mil assinaturas.

Por fim, o sr. marechal Carmona receberá a Comissão Central e as delegações da Provincia do Movimento nacional feminino, que lhe farão entrega da lista com mais de 400 mil assinaturas.

Uma alocução do chefe do Estado

Hoje, ás 20 horas, será emitida, pelas estações de ondas médias, da Emissora Nacional, uma alocução do sr. presidente da Republica, destinada ás nossas colónias e aos portugueses espalhados pelo Mundo. As transmissões em ondas curtas efectuar-se-ão ás seguintes horas: ás 17 e 30 e ás 20, para Moçambique, Angola e S. Tomé e Principe; ás 21 e ás 22 e 30, para Cabo Verde, Guiné e Brasil; e ás 0 horas e 1 e 15, para os portugueses da América.

Medidas tomadas pelo Ministério da Guerra

Do Ministério da Guerra, recebemos a seguinte informação:

«O Ministério da Guerra, tendo conhecimento, pelo rumor publico, de que, com base no, ou a propósito do acto eleitoral, no próximo domingo, seriam de prever alterações de ordem em algumas localidades do médio e do baixo Alentejo, tomou disposições para que tentativas sediciosas atentatórias do sossego e da paz publicas sejam rápida e enérgicamente reprimidas. As medidas tomadas visam especialmente

ARCA

Apresenta toc

Uma das mais grande

DARVAS

A nova Gerência da

Choupana, Limitada

em **S. João do Estoril**

Comunica à sua Ex.ma Clientela que os seus serviços de cozinha e doçaria foram reorganizados e satisfarão os paladares mais exigentes.

...do recebeu

...tantes das mulheres
...igas nacionalistas

...alguns pontos dos concelhos de Grandola, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacém e Sines, no litoral; e dos concelhos de Montemor-o-Novo, Portel, Ourique, Aljustrel, Serpa e Moura, na zona central e na região fronteiriça.

Não se tem como inteiramente provável a necessidade da força publica intervir; no entanto, se tal tiver de suceder, aconselha-se á população pacifica, que evite os locais em que se verifiquem as eventuais ocorrências.

Não significa isto uma ameaça. Como já por várias vezes tem sido publicamente anunciado, a força publica não ameaça; avisa apenas».

Uma mensagem de estudantes nacionalistas

Um grupo de rapazes e raparigas, estudantes nacionalistas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, foi recebido pelo sr. marechal Carmona, na sua residência particular, onde foi lida a seguinte mensagem, com cerca de 300 assinaturas:

«Nós, universitários formados nas tradições e principios da Pátria e da Familia, conscientes da importancia da luta a que neste momento somos chamados a dar o nosso concurso, vimos afirmar perante v. ex.ª, símbolo da continuidade governativa na ordem e progresso da Nação Portuguesa, que queremos que a obra da Revolução Nacional continue, pelo muito que se fez e pelo que há ainda a fazer, e perante cujas responsabilidades futuras não desertaremos.

Lutando pela melhoria das condições do povo português e pelo respeito alcançado por Portugal no Mundo, queremos, integrados na ordem estabelecida pelo Estado Novo, determinarmo-nos sem quaisquer interferências externas a manter as tradições gloriosas de independência e galhardia que herdámos dum passado que é para nós motivo de orgulho.

Na esteira do passado que nos honra e não na do passado que nos envergonha, queremos um futuro que nobilite os nossos esforços e seja digno das nossas aspirações.

Por isso estamos com Vossa Excelência».

Os locais de voto

Da Junta de Freguesia das Mercês informam-nos que as secções de voto daquela freguesia funcionam na Academia das Ciências e não na Faculdade de Ciências, como, por lapso, veio publicado nalguns nossos colegas da manhã.

...ADIA
...odas as noites
...des parelhas da época

...S & JULIA

EM 3 LINHAS

No ano passado Angola cobrou de direitos de importação 134.496 contos, de longe a maior receita da colónia; de exportação cobrou apenas 39.471 contos.

///

Nos estaleiros de Viana e da Figueira vão ser construidos mais seis navios de arrasto, que se destinam á pesca nos mares de Cabo Branco e Cabo Verde, e comportam 121 toneladas de peixe.

///

A execução da obra de abastecimento de água á vila de Grandola, custará 1.626 contos.

///

Num acordão sobre um recurso interposto por um funcionário dos serviços geográficos e cadastrais de Angola, o Conselho Superior de Disciplina das Colónias, sugeriu uma sindicancia áqueles serviços.

///

Foram reunidos num unico os conselhos administrativos dos contratorpedeiros «Dão», «Douro», «Tejo», «Vouga» e, de futuro, o «Lima».

///

Para adquirirem metralhadoras para a G. N. R. vão ao estrangeiro em missão de serviço o coronel Buceta Martins e o tenente Pompilio Margarido.

///

Foi nomeado vogal do conselho de administração do Porto de Lisboa o engenheiro João Carlos Alves, chefe de trabalhos práticos do Instituto Superior Técnico.

O vapor «Nereo»
está em perigo
próximo das Berlengas

LONDRES, 12.—Uma mensagem da Lloyds diz que o vapor italiano «Nereo», de 6.979 toneladas, se encontra em perigo a 35 milhas ao Norte das ilhas Berlengas, ao largo da costa de Portugal. Partiu de Lisboa com fim de lhe prestar socorro o barco sueco de salvamento «Fritiof», de 672 toneladas.—(Reuter).

O primeiro navio de socorro também se avariou

O «Nereo», que continua a emitir mensagens pela sua estação de T. S. F., comunicou com Lisboa que tinha perdido o hélice e que se encontrava, portanto, á deriva, mas a considerável distancia de terra.

Mais tarde, recebeu-se uma mensagem do navio de salvação sueco «Fritiof», que saira do Tejo em socorro do barco sinistrado, a comunicar que sofrera também avaria nas máquinas e que não podia prestar assistência ao «Nereo», pelo que se tornava necessário o envio de outro navio.

Ainda esta tarde, deve sair do Tejo, ao encontro daqueles dois barcos, o rebocador de alto mar «Aveiro», com a missão de os rebocar para o Tejo.

Retiraram de Sines
os navios e o pessoal
que tentaram salvar a «Fataça»

Vindos de Sines, entraram hoje no Tejo a canhoneira «Faro», o navio-patrulha «Santa Maria» e a «vedeta» de socorro «Altair», que estiveram durante quase três semanas naquela baía como navios de apoio ás tentativas de salvamento da lancha de fiscalização da costa «Fataça», ali encalhada.

A bordo daqueles barcos vieram também para Lisboa os operários do Arsenal do Alfeite, que haviam sido para ali destacados, bem como outras pessoas que intervieram nos trabalhos e ainda a maior parte da tripulação do navio naufragado, cuja amargura pelo fim do seu barco é manifesta.

Os comandantes daqueles três navios de guerra fizeram a sua apresentação ás autoridades navais e, de bordo, começou a ser descarregado para batelões, o material enviado para Sines para efeito das tentativas de salvamento.

O navio começou a desconjuntar-se

SINES, 12. *(Pelo telefone).*—Com a retirada dos oficiais, dos navios de guerra e de muitas dezenas de marinheiros que intervieram nas tentativas de salvamento da «Fataça», deram-se por findos aqueles trabalhos os quais, durante quase três semanas, emprestaram a esta vila um movimento fora do vulgar.

A situação do pequeno navio de guerra entrou agora na sua fase final, pois nota-se já a entrada e a saida de água pelas costuras das chapas do costado, o que mostra que a «Fataça» começa a desconjuntar-se. Ficou aqui apenas uma guarda de seis marinheiros próximo do local do sinistro.

As desconfianças do Kremlin
a propósito da política
seguida pelas potências ocidentais

(Continuação da 1.ª pág.)

termo, os pactos de assistência mutua referidos foram assinados enquanto reinava a atmosfera de união europeia contra o nazismo. A este respeito, não existe qualquer diferença entre os pactos de assistência mutua que a Inglaterra assinou com a U. R. S. S. em 1942 e o que a França firmou em Dezembro de 1944, e os pactos semelhantes que a União Soviética assinou com a Checoslováquia em Dezembro de 1943, com a Jugoslávia em 11 de Abril de 1945 e com a Polónia em 21 do mesmo mês. Também não existe diferença entre os dois primeiros pactos e aqueles que entre si assinaram, de Março de 1946 até Março do ano seguinte, a Checoslováquia, a Polónia e a Jugoslávia: todos esses instrumentos diplomáticos se destinavam expressamente a não permitir repetição da agressão nazista.

A segurança colectiva

Em Março de 1946, os Estados Unidos propunham que a esta obra de segurança colectiva se associassem os vencedores da Alemanha. James Byrnes, então secretário de Estado americano, apresentava na Conferência dos Quatro em Paris um projecto de tratado multilateral para se garantir que a Alemanha se conservasse desarmada e desmilitarizada durante quarenta anos.

Porém, nessa altura já se estava a modificar a atmosfera internacional, e a União Soviética fez que se não adoptasse o projecto apresentado por James Byrnes. A sua oposição a esta ideia manifestou-se ainda mais irredutivelmente em Abril de 1947, na Conferência de Moscovo, onde se consumou o desacordo fundamental entre o Ocidente e o Oriente a respeito dos problemas relativos á Alemanha, e onde se verificou a divisão do Mundo em dois campos.

Essa divisão em dois campos era já nessa altura tão profunda que o próprio tratado de Dunkerque, assinado pela França e Inglaterra pouco antes da Conferência de Moscovo de 4 de Março de 1947, tratado absolutamente de conformidade com os pactos de assistência mutua já existentes em virtude de ser dirigido contra eventual agressão alemã, mesmo esse tratado provocava a desconfianca do Kremlin.

Devois da Conferência de Moscovo, a oposição entre o Oriente e o Ocidente só tem aumentado constantemente, para chegar a uma situação de verdadeiro «cisma» europeu com a discussão do Plano Marshall em Julho do ano passado.

Por essa altura apareceu um novo modelo de tratados de cooperação e assistência mutua, que tiveram por principais instigados Tito e Dimitrov: entre Setembro de 1947 e Janeiro de 1948 a Europa balcanica e danubiana cobriu-se com uma verdadeira rede de pactos, não elaborados para defesa contra eventual agressão alemã, mas sim contra qualquer agressor.

A criação do Cominform

Também nessa época se assitiu ao «alinhamento» brusco da politica interna de todos esses países, com factos salientes e sensacionais como os julgamentos de Petkov, Maniu, Mikolaiczyk, a absorção ou dissolução de todos os partidos politicos de oposição, em proveito do Partido Comunista.

Entretanto criava-se em Outubro de 1947 o «kominform», verdadeiro organismo colectivo, o que o presidente Truman chamou «agressão indirecta».

As tendências para a criação duma federação balcanica reveladas por esta sequência de pactos de assistência «erga omnes», e o conflito que já começava a gerar-se entre Tito e Moscovo, levaram o Kremlin a assumir a direcção desta «uniformização» diplomática ao mesmo tempo que tomava disposições para moderar a sua combatividade.

Entre Fevereiro e Julho de 1948, os tratados que a U. R. S. S. assinou com a Roménia, Hungria e Bulgária, e o tratado especial com a Finlandia, prescreviam assistência, não contra «qualquer» agressor, mas sim contra a Alemanha ou «qualquer outro pais que a auxiliasse directamente ou por qualquer outra forma». Adoptou-se a mesma fórmula nos seis tratados que em seguida ligaram a Checoslováquia, e a Polónia com os antigos satélites da Alemanha; para que a lista desses tratados ficasse completa, só faltaria aquele que manifestamente é mais difícil de elaborar, um tratado entre a Hungria e a Checoslováquia.

A clausula «erga omnes» dissimulava-se assim numa formula de elasticidade quase ilimitada. Firmaram-se assim 23 pactos defensivos, sem contar os economicos e culturais, entre a Russia e as sete «democracias populares» europeias. O facto de se tratar duma rede completa de pactos bilaterais não evita, claro está, que se tenha constituido assim uma verdadeira coligação posta inteiramente de pé muito antes do Pacto do Atlantico, cuja necessidade só se fez sentir a partir de Julho de 1948.

O Pacto de Bruxelas

Apenas na altura em que a «guerra fria» atingiu o ponto culminante, pouco antes e pouco depois do «alinhamento» da Checoslovaquia, pelo qual se concluiu em Fevereiro de 1948 a unificação interna do Bloco Oriental, se negociou e firmou o Pacto de Bruxelas, em 17 de Março de 1948, o primeiro acordo de assistencia «erga omnes» elaborado entre paises do Ocidente e base europeia do futuro Pacto do Atlantico.

E foi só em 19 de Maio de 1948 que o senador Vandenberg conseguiu que a Comissão de Negócios Estrangeiros do Senado dos Estados Unidos aprovasse a famosa resolução que recomenda que os Estados Unidos se associem «a acordos regionais ou acordos de legitima defesa individual ou colectiva», elaborados de conformidade com os artigos 51 e 52 da Carta das Nações Unidas e que tenham o objectivo de colaboração internacional para «justiça e defesa dos direitos do homem e das liberdades fundamentais».

As negociações para a elaboração do Pacto do Atlantico começaram em Julho do ano passado, com base nesta resolução do Senado americano.

Este exame retrospectivo dos acontecimentos dos ultimos anos, dizem os comentadores autorizados da capital francesa, conduzem a duas conclusões:

O Pacto do Atlantico, se fôr uma coligação, não é mais do que réplica a outra coligação anterior; não é dirigido senão contra aqueles que por actos agressivos provocassem eventualmente a sua aplicação.

O Pacto do Atlantico é um acordo regional elaborado de conformidade com a Carta das Nações Unidas, e cobre uma região que se define como a da liberdade nacional e individual, definição que basta para delimitar «a contrario» a actividade do «Cominform».—(F. P.).

Segure as suas mercadorias contra os riscos de TRANSPORTES TERRESTRES
Dirija-se à
ULTRAMARINA
Sede em Lisboa: R. da Prata, 108 (Edificio próprio) — Telef. 32726-32726 (Expediente) 23727 (Direcção) — Estado 205

O eng. Daniel Barbosa responde ao eng. Cunha Leal

(Continuação da 1.ª pág.)

des da vida, nós prefiramos as tais razões, os tais numeros e os tais factos, a todas as fantasias de raciocinio e a todas as habilidades das palavras.

O problema põe-se assim: havia mercado negro, com todas as consequências que a população portuguesa ainda não esqueceu; havia possibilidades de dinheiro para poder comprar o que nos era preciso, mas nem sempre era fácil o encontrar-se aquilo que precisávamos.

A partir do momento em que a aquisição de géneros no estrangeiro se cercou de maiores facilidades, o Governo não hesitou, para abastecer devidamente o País, em refazer «stocks» e em obrigar a cumprir os preços das tabelas: *e reduziu o mercado negro completamente a zero.*

Havia, assim, um problema de *momento*, independentemente dum problema de *futuro*, que se pode definir como sendo o de lançar as bases do fomento necessárias para ob'er, amanhã, senão uma autarquia nos principais géneros alimentares capazes de ser produzidos no País, pelo menos o melhor e o maior dos rendimentos na sua produção.

Tratou-se de resolver um e outro, e, sem pôr de lado medidas que em vários campos dos nossos sectores económicos hão-de fomentar a produção (não descurando, assim, o problema *do futuro) logo* que lhe foi possivel, tratou de remover as dificuldades existentes, facilitando-se, portanto, a vida de cada um: e tratou do problema *de momento.*

Por mim, estou plenamente convencido de que se procedeu bem, e de que se não poderia obrigar o povo português a continuar a comprar pouco e caro no mercado negro, a pagar o azeite a 30$00, as batatas a 6$00 e mais ainda, o arroz, o açucar, as gorduras animais a preços incomportáveis; e tudo isso só para que se não gastasse dinheiro, só para que se não empregasse uma medida de «contra-especulação» contra a especulação que assolava o País.

Parece que o eng.º Cunha Leal não pensa deste modo, e presumo que, se fosse ele quem orientasse o assunto, o povo continuaria a apertar o cinto, o mercado negro a imperar, a irritação e o desanimo a serem cada vez mais fortes no lar de cada um: mas o dinheiro acumulava-se para o não desviarmos de outros fins.

Isso não seria, quanto a mim, o critério dum homem de Governo que tem a seu cuidado, a par de problemas de fomento económico, um problema que, ás vezes, *num momento* é bem mais grave ainda—o de «dar de comer a quem tem fome»: aquele seria o critério do chefe de familia avarento, que para não gastar o dinheiro do seu cofre, deixa que a sua familia vá morrendo, a pouco e pouco.

Mas compreendo que os critérios possam ser diferentes e que, cada qual, esteja no seu direito de defender, e pugnar, por aquele que mais lhe apraz; o que digo é que não vale a pena perder tempo sobre bases tão diversas, que não há acordo a que se chegue, nem campo de entendimento em que nos possamos encontrar.

E' evidente só ter interesse a discussão se, pelo menos, os pontos de partida forem concordantes; caso contrário, será trabalho inutil, sem interesse para ninguém. E, muito embora me orgulhasse de servir de causa, para trazer o eng. Cunha Leal á barra publica da polémica, em que ele é um experimentado perito e onde desde já, e portanto, lhe estaria certamente reservada uma vitória retumbante, eu vejo-me obrigado a desistir: ou põe claramente os problemas, *sem esquecer os seus pontos de partida*, ou o assunto deixa de ter qualquer interesse.

Mas as importações macissas, o aviltamento dos preços, a ruina da produção, toda essa musica de sempre? O caso, pode dizer-se, é praticamente o mesmo; eu sempre procurei apresentar numeros, razões e factos, a justificar a politica seguida, e ainda na entrevista que, a tal respeito, dei ao «Diario de Lisboa», apresentei os que me pareciam necessários para mostrar a inconsistência de tais afirmações.

Pois bem, enquanto não me mostrarem que *esses numeros estão errados, que essas razões não colhem, que esses factos não existiram*, eu teimo intransigentemente em me considerar na *verdade.*

Com enorme espanto meu, o eng. Cunha Leal, embora com mais habilidade, não faz afinal coisa diferente (e lamento-o sinceramente) do que fizeram alguns outros; quando lhes trago, convicto, a demonstração numérica daquilo que se fez, teimam em pô-la de parte, negam-lhe todo o interesse, não descem da sua torre tão alta para lhes conceder um olhar: limitam-se a teimar na sua cisma de sempre, de que se gastou muito dinheiro, de que se fizeram importações desnecessárias, de que se malbarataram as divisas que se tinham acumulado em consequência da guerra.

Valha-me Deus! Salvo o devido respeito, fazem-me lembrar aqueles bébés teimosos no periodo da dentição, que não há chupeta que os cale, nem «chucha» que lhes convenha, nem ama que os ature!

O eng. Cunha Leal, com o ar mais natural do Mundo, na consciência plena de quem vive na certeza de que uma afirmação sua dispensa todos os dados (invejavel segurança!) põe como premissa do problema a tese que devia demonstrar; mas faz mais: misericordiosamente, pretende tirar-me para fora da minha «laboriosa construção», com o ar protector de quem me salva, mas no fundo no seu desejo escondido de me meter dentro da dele.

Eu tenho uma pena imensa de ser ingrato e incivil, mas teimo em continuar na minha construção, donde não arredo pé, enquanto o meu brilhante protector não vier para dentro dela; de resto, assim é que está certo: eu dei uma entrevista, não como resposta a qualquer critica que de Sua Excelência tivesse recebido, mas como reacção contra o que se diz num determinado jivrinho, com fins que impunham, de pronto, um cabal esclarecimento.

Assim procurei referir alguns elementos que me pareceram necessários para completar, no ambito que nos concedem as páginas dum jornal, aqueles que os interessados, numa critica segura, podem ir buscar a esclarecimentos já dados pelo Ministério da Economia, ás publicações da Estatistica, aos pareceres das contas gerais do Estado, a certos folhetos ou relatórios de organismos corporativos, ou de coordenação económica, que não são, com certeza, dificeis de obter; e não percebo, então, por que motivo é que quem me queira criticar pelo que disse, agora, não ha-de colocar-se ao pé de mim, a dizer-me em consequência de outros elementos que porventura possua, ou duma melhor interpretação para aqueles que apresentei: *isto* e *aquilo* está errado, *estes* valores não estão certos, *estas* deduções estão mal feitas; o senhor não tem razão!

Não creio que seja impeditivo, para tal, o facto de os ter disposto, segundo diz o brilhante articulista, «á laia de labirinto»; sinto-me (perdoe-me a imodéstia) tão á-vontade dentro dele, julgo conhecer tão bem todos os seus cantos, e os seus caminhos, que, confesso, não tinha reparado que a sua disposição se apresentava desse modo. Mas isto é mais uma razão para me prestar a conduzir dentro dele, o eng. Cunha Leal, sem perigo de nos perdermos, desde que ele me dê a honra e o prazer de o percorrer comigo: isso seria extremamente util para mim, que ficaria talvez finalmente esclarecido dos erros das minhas razões, e extremamente interessante para aqueles, que menos brilhantes do que o sr. eng., leram tudo com interesse, e ficaram convencidos de que tinham compreendido.

Espero-o confiadamente á minha porta, na certeza de que farei tudo quanto me fôr possivel para lhe fornecer qualquer dado que julgue necessário para melhor esclarecer a sua compreensão; e isto evitará, decerto, que o eng. Cunha Leal deixe passar uma serie de afirmações que se destroem com os próprios numeros, e os próprios esclarecimentos, que constam da exposição que pretendeu criticar.

Diz-se nela, por exemplo, que só na carne congelada, e nas gorduras animais, se adoptou um artificialismo nos preços, e explica-se o que se passou quanto a algum trigo que tivemos de comprar em condições desinteressantes para que não houvesse falta de pão entre nós; e creio que o eng. Cunha Leal aceita que se fez um «regresso ao tão malsinado *pão politico* e alargamento desta concepção económica á manteiga, banha, toucinho, arroz, açucar e «tutti quanti», todos eles tornados *politicos* por um regime que, por ironia, se alcunha de *não-politico*»

Diz-se lá que, mesmo naqueles géneros para que se adoptaram preços artificiais, nunca se desceu abaixo das tabelas fixadas, as quais, como no caso da carne, por exemplo, foram estabelecidos em pleno acordo com os representantes da lavoura; e que, por outro lado, nunca se promoveu a distribuição dos géneros importados em concorrência com ela, como o demonstram certas medidas adoptadas, como o esclarecem certos numeros que referi. E creio que o eng. Cunha Leal aceita que, como consequência da politica que se fez, houve «aviltamento exagerado dos preços de certos géneros e correlativas perdas para a lavoura nacional, obrigada a vendê-los a cotações inferiores ao custo da produção».

Que houve imperfeições no processo? De acordo, e por elas aceito a critica sem remédio; mas não se teime em criticar o próprio processo em si, sem querer avaliar, primeiro, como ele se criou e se desenvolveu.

Explica-se a razão dos prejuizos que tivemos de sofrer, apontam-se os motivos que nos 'evaram a suportá-los (uns como consequências de medidas de contra-especulação—a carne e as gorduras—outros como consequência da necessidade de manter um certo preço e uma determnada ração—o trigo por exemplo—em momentos em que os nossos fornecedores habituais falharam); e creio que o eng. Cunha Leal aceita como base de critica *unicamente* os prejuizos avultados do Estado, decorrentes da adopção do sistema de preços politicos», sem ddiscutir, *uma por uma*, as razões que o Governo entendeu serem de considerar.

Sem se buscar a série de elementos que claramente concretizem uma afirmação, sem falar em numeros *em que relativamente se avalie o seu significado*, sem se demonstrar o erro que, porventura, existisse nos numeros e nas razões que apresentei para justificar aquilo que se fez, cai-se nas mesmas afirmações de sempre, sempre nos mesmos lugares comuns.

Assim, como já disse, é impossivel e inutil discutir; e, contudo, tenho pena, francamente pena, que o caso se não discuta, porque todos lucrariamos que o assunto ficasse esclarecido de vez. E foi por isso que lamentei imenso que o eng. Cunha Leal o não fizesse duma maneira diferente e que estaria, aliás, muito mais de acordo com as suas possibilidades. E atrevo-me, dentro da minha insignificancia (engenheiro, unicamente, entregue aos seus livros e estudos) a fazer-lhe uma proposta: ponho ao seu dispor todos os elementos que tenho, todos os apontamentos, todos os dados que possuo, acerca deste assunto que nos prendeu; comprometo-me a tentar fornecer-lhe, por outro lado, mais quaisquer outros numeros ou esclarecimentos que precise e que, sem serem confidenciais (como é evidente), tenham *pertencido ao sector em que trabalhei no Governo.* Sobre eles trabalharemos ambos, sobre eles discutiremos, e eu tomo desde já aqui, tambem, um compromisso mais: aquilo que eu escrever, para publicar, vai direito ás suas mãos, para que o eng. Cunha Leal possa preparar a resposta e tudo, depois, enviar (o seu escrito e o meu) para a redacção do jornal. E então, e aí, *só sob a condição expressa de que o seu artigo é publicado, se publicará o meu: caso contrario, não se publicará nenhum.* Poderemos livrar-nos, assim, deste ambiente em que houve o nosso contacto e, calmamente, sem precipitações nem sofismas, discutir como engenheiros, isto é: com objectividade e frieza; compreendo que é quase ingenuidade da minha parte fazer uma proposta destas, visto que não há comparação possivel entre as suas altas qualidades de polemista e as minhas que são pobres. Mas há um ponto de encontro que nos pode, talvez, aproximar: o eng. Cunha Leal nada pretende da politica e eu, pelo meu lado, nada pretendo tambem; e isto será a mais firme garantia da isenção do nosso trabalho comum. Depois sairei, então, da tal «construção laboriosa» que procurei erguer, mas pedirei ainda permissão para dizer áqueles que nos escutarem, uma coisa que tinha conservado no mais profundo «segredo» — é que não deixei importar substancias alimenticias para conseguir uma «popularidade facil», mas tão sómente para que elas não faltassem ao povo português.

Estou plenamente convencido de que uma critica feita, deste modo, pelo eng. Cunha Leal, prestará ao País o mais relevante serviço; mas não creia s. ex.ª que convencerá toda a gente a seguir o exemplo que lhe vai dar, *de discutir sobre factos, sobre numeros e razões.* Não senhor, hão-de continuar ainda uns instantes, a teimar que *foi assim*, sem quererem ver *mais nada* do que a sua teimosia, a sua obstinação.

Hão-de continuar as frases feitas, que se jogam de esquina para esquina, na receptividade caracteristica da nossa boa gente; não perderemos o ataque desses criticos extremamente curiosos, que sem invocar razões, nem factos que concretamente apontem, hão-de continuar a apresentar-se naquela convicção firme, naquele ar pesado e grave que reveste as grandes declarações, e que leva o amigo a dizer ao seu amigo, suando de tanto esforço: «isto não podia ser; é preciso fomentar a exportação, restringir a que se importa, atenuar de qualquer modo o desequilibrio tão grave da balança comercial; você já viu o artigo do Cunha Leal, no «Diario de Lisboa» de 5 deste mês? Aquilo é que é falar! Pois se não viu, veja»; ou, então, havemos de ouvir, ainda, aquela frase já tão celebre, marmorea no seu conceito, forte e brilhante na sua projecção, em que se afirma, sem provar, a quem passa que «se arruinou a produção nacional».

E todos a concluir, *sem discutir os factos*, que um certo ministro, de então, resolvera um problema de momento á custa duma solução francamente prejudicial para o futuro.

Podia fechar aqui esta resposta, que se traduz, afinal, em ter chamado a atenção a quem me parece ter-se enganado no caminho que pretendia seguir, para criticar uma acção em que tenho responsabilidades que nunca procurei enjeitar; e ficaria aguardando, calmamente, que o eng. Cunha Leal correspondesse ao meu apelo, para discutir a politica economica do Governo naquilo em que ela se liga á minha modesta pessoa: de 6 de Fevereiro de 1947 a 16 de Outubro de 1948. Porque é evidente que só essa eu posso discutir, que a politica economica do Governo, na sua generalidade, tem quem a esclareça, aliás, dum modo muito mais brilhante do que eu o poderia fazer.

Não quero, porém, terminar sem pôr bem a claro certas confusões que o eng. Cunha Leal pratica na sua apreciação, confusões que—diga-se de passagem—não têm importancia de maior, mas que convém, contudo, desfazer.

I) Pretende o eng. Cunha Leal, se bem compreendi, que o facto de então encontrar senões na minha actuação (sempre neste campo dos abastecimentos, claro) é altamente demonstrativo de eu não ter atingido, ainda, uma determinada fase de «maturidade espiritual»; não posso discuti-lo, que vivo na fase em que estou —o eng.º Cunha Leal, como mais velho, pode melhor do que eu saber se só com erros um homem se impõe.

II) Aceita o eng.º Cunha Leal, segundo me parece, que a minha saída do Governo foi «consequência da falência da política económica que segui» e, que portanto, necessidade de «proceder a novo render da guarda».

E destaca entre outras, e á laia de demonstração, que me parece aceitar também, esta «medida» que dizem ter-se adoptado agora: «compressão das importações de produtos alimentares estrangeiros». Diga-me o eng.º Cunha Leal: poder-se-á tomar como «correcção» o facto de se estar, por exemplo, e muito bem, a importar batata, quando a nossa ainda se encontra no mercado a cerca de 2$00, em relação ao que se fez há dois anos, em que importámos também batata, porque esta se chegava a vender a mais de 6$00?

Tenho para mim a impressão de que o eng.º Cunha Leal se precipita um pouco nas suas interpretações; mas partamos do princípio que assim não seja, e isso só mostra que sua excelência se julga com um espírito agudissimo, que lhe permite saber aquilo que os directos interessados nunca lhe disseram. Por mim nada lhe disse.

III) Eu creio que fui bem claro, bem preciso, quando falei *duma continuidade na orientação do Governo que não sofrera alterações pela mudança do ministro;* aqui não havia «labirinto», por mais que se quisesse: havia o caso, claramente posto, de que essa continuidade se referia *a uma politica de importações para solucionar o problema do precário abastecimento do País.* Nem uma palavra escrevi que possa ter justificado qualquer confusão a tal respeito. Vem o eng.º Cunha Leal falar num certo «relatório» do então governador do Funchal, exibido em Conselho de Ministros, e que se apresentava como uma «acusação cerrada» contra os métodos de *dirigismo* do sr. dr. Supico Pinto: e, portanto, não podia haver verdade naquilo que afirmei:

Vou mostrar, ao meu precipitado crítico, onde reside a sua confusão: houve um relatório, de facto, que enviei ao sr. ministro do Interior, que era o *meu* ministro, e nele focava uma situação delicada que se creara ao governador do Funchal (que era eu) relativa ao Ministério da Economia, mas em determinados problemas que nada tinham com aqueles a que me referi, isto é, ao abastecimento nacional. Tudo girava em volta da exportação de obra de vime para a América, da política exercida pelo Grémio da Lavoura do Funchal e, principalmente, da necessidade que havia de nomear uma comissão administrativa para o Grémio de Industriais de Bordados, na Madeira. Que tem isto que ver com a importação da carne congelada, das gorduras, das batatas, etc.? Que tem isto que ver com uma continuidade de orientação neste campo?

O exemplo procurado foi duma infelicidade enorme!

De resto *tudo* se arrumou a contento do então governador do Funchal: a exportação passou-se a fazer como parecia lógica, o Grémio da Lavoura entrou no bom caminho, e nomeou-se a tal comissão administrativa para o Grémio dos Bordados: e ainda hoje lá está!

Porque veio o eng.º Cunha Leal falar, agora, nisto? Não podia saber, ao certo, se esse relatório (cujo conteudo desconhecia totalmente e que, portanto, citou no ar) tinha sido ou não exibido num Conselho de Ministros: eu, mesmo não o sei.

Afirma o eng.º Cunha Leal que o soube, através daquela repercussão vaga que vem a ter junto do publico os «choques entre os componentes do conselho»; e então, pergunto eu: o eng.º Cunha Leal, com as suas responsabilidades, tira conclusões tão sérias de simples boatos que lhe chegam, talvez por cima das mesas dos «cafés», ou ao dobrar duma esquina?

Que critério existe em tudo isso? Vê o resultado que dá em se ter precipitado, em se querer *confundir*, de qualquer modo, as pessoas que se atacam?

Fundamentando a sua argumentação em boatos, quantas injustiças terá cometido mais?...

E diz o eng.º Cunha Leal que foi esse relatório que me abriu as «portadas do Poder Executivo»; isso é que é saber o que se passa nos meandros da política...

IV) O eng.º Cunha Leal instalou-se, sem licença, dentro de mim próprio; tomou conta do meu pensamento e do meu sentir, e passou a dizer aos que o escutaram: «ele pensou isto, ele pensou aquilo, ele quis fazer isto, ele quis fazer aquilo».

Confesso que acho a atitude ligeiramente abusiva, como entendo que não é nada agradável um senhor chegar ao pé de nós, e dizer-nos peremptóriamente: cale-se; daqui para o futuro quem sabe o que o senhor pensa, sou eu!»

Assim apresenta qual foi o plano que esbocei, assim refere quais foram os meus «expedientes», assim se apontam quais foram os meus processos: e chega-se ao ponto, assás curioso de se apontar também, como da minha autoria, a redução do crédito bancário «não só áquelas entidades que dispusessem de «stocks» de substancias alimentares, a fim de forçar a sua venda e de provocar ainda mais a intensificação da sua oferta, mas também aos habituais intermediários, na aquisição daqueles produtos para obrigar os seus detentores originários a transaccioná-los de acordo com os propósitos e directivas dos organismos corporativos».

Isto, agora, já me parece um desvio de má fé, mas tem tanta, tanta graça, que desisto de lhe pedir uma *prova* para esta fantasia, que nada abona, aliás em favor da objectividade com que o eng.º Cunha Leal veio fazer a sua crítica. E' que não há indignação que subsista, quando aquilo que se afirma nos faz sorrir, simplesmente; e o eng.º Cunha Leal tem humor, e do melhor.

Se não veja-se a certeza com que o eng.º Cunha Leal me põe a olhar «melancólicamente para o passado» e a dizer: «Ah, se me deixassem continuar a minha obra!»

Esta parte afligiu-me sériamente, e lembrei-me daquele homem tão estranho, que na Rua Chabannais, de Paris, estonteou o nosso Eça com as suas afirmações de visionário; o eng. Cunha Leal, não usa o seu «mac-farlane», não tem como o outro a «face macerada, escrivaça, cor de antigo pergaminho, com tons azulados nas sombras como têm os cadáveres, e erriçado duma barba grisalha e rude». Mas tem, pelo que vejo, a mesma «autoridade e certeza» que me leva, como fazia o secretário da redacção dessa capela espiritista, a baixar os ombros, num movimento que traduz «O mestre falou! O mestre sabe!». Confesso que não tenho os

(Continua na 13.ª pag.)

As declarações do dr. Luís de Almeida Braga

(Continuação da 1.ª pág.)

do 10 de Abril, onde tomou a defesa do sr. brigadeiro Vasco de Carvalho.

Está, portanto, plenamente justificado o interesse com que solicitámos o seu depoimento nesta altura e com que lhe fizemos a primeira pergunta:

—Como considera o actual momento político?

—Chegou-se ao que estava previsto por todos os que não se deixaram cegar pelo brilho aparatoso das exposições mais ou menos engenhosas. Estamos á beira daquilo que o dr. Salazar luminosamente chama «a força implacável dos erros». O «Estado Novo» é um grosseiro tecido de incoerências, de contradições, de ficções, de equivocos. Declarando-se anti-individualista, ao fim e ao cabo é na soma das opiniões individuais que o «Estado Novo» encontra as razões falsificadas da sua soberania! A todos, desde o cavador ignáro ao conscienciosso homem de estudo, a actual organica politica igualmente reconhece a inteligência e os conhecimentos precisos para eleger o chefe do Estado, que há-de decidir os mais árduos problemas da vida colectiva, e ao mesmo tempo a todos nega competência para escolher o presidente da Camara Municipal!

«Elevado á categoria de ser absoluto, o Estado absorveu a Nação Depressa o Poder passou a prepotência, que tudo esmaga e tritura, e fez da obediência lei para escravos castrados.

«Dizendo-se corporativo, criou o Estado uma economia essencialmente burocratizada, na qual os interesses privados aparecem baralhados com os interesses publicos e confundidos com os interesses particulares dos grémios e dos sindicatos. Esqueceu o Estado ou desprezou as prerrogativas que lhe são próprias para se intrometer desembaraçadamente na acção dos orgãos legitimos dos interesses publicos locais e profissionais.

O Estado Corporativo

O sr. dr. Luís de Almeida Braga prossegue:

—Numa Republica de professores é difícil falar. Mas com respeitosa vénia atrevo-me a dizer que a expressão «Estado corporativo» se me afigura viciosa. A Nação pode e deve ser corporativa; não o pode é ser o Estado sem perigo de cair no que aí se vê. A Nação é diversa, diversos corpos a formam; o Estado é uno, e a sua principal função consiste até em unificar os vários corpos de que a Nação se compõe.

A intervenção do Estado na economia particular se devem atribuir, na maior parte, as dificuldades económicas com que neste momento luta o povo português. Urge libertar a iniciativa privada, porque ela é o principal fundamento da prosperidade económica.

—Parece-lhe assim viciada a construção politica do Estado actual?

—Para satisfazer conveniências de momento, a verdade politica, posta no couce dos problemas nacionais quando lhe competia o primeiro lugar, foi deformada, confundiu-se a energia com a violência, a força com a crueldade, e deu-se ao País a mais férrea centralização administrativa de que há memória. Nunca, em Portugal, o Estado interveio por forma tão absoluta na vida dos Municipios, cerceando-lhes as suas liberdades tradicionais, falseando-lhes a vocação.

«Toda a História de Portugal se insurge contra a concepção que concedeu ao Estado uma autoridade limitada, entre as sentinelas surdas-mudas do Direito e da Moral.

«O Cesarismo é a negação da tradição portuguesa. Ditadura de Cesar ou Ditadura do Proletariado são, afinal, as duas faces, bem pouco diferentes, do mesmo estadismo tiranico e desumano. Ambos os sistemas exigem a subordinação total do individuo, do grupo, e, quando a não desprezam, deconhecem a dignidade da pessoa humana.

—Não acha, então, que nessas circunstancias era aconselhável o recurso á consulta popular?

—No seu novo famoso discurso o dr. Salazar disse no Porto que a campanha eleitoral por ele inaugurada viria a ser uma pregação de *guerra civil*. E eu permito-me acrescentar que não é com processos de guerra civil que a Nação pode ser defendida dos flagelos da guerra civil. Se a desordem dos espiritos lamentosamente invadiu toda a vida nacional, a responsabilidade tem de ser exigida a quem ateou o fogo.

«Os piores inimigos do «Estado Novo» não são aqueles que põem em duvida os méritos do sistema, mas sim os que sem sinceridade, passivamente, servilmente, com insolente pretensão o aclamam. Quer a Constituição que seja o Povo quem escolha o presidente da Republica e nega-se ao Povo o tempo necessário para a conveniente elucidação. E' pelo menos absurdo. Não pode honestamente dizer que pratica politica de verdade quem nessa mentira se atasca. Na Inglaterra, onde as liberdades, sem necessidade de se estamparem na Constituição os seus «termos correntes» são honradamente respeitadas, deverão ser convocados os colégios eleitorais para Maio do ano próximo, e em Novembro ultimo já os comicios tinham começado Entende-se que dezoito meses de propaganda sériameite livre não abalam o regime. Aqui, apesar de tudo ser pautado pela régua e pelo ponteiro do mestre, assiste-se ao desmoronamento da experiência politica de que o Estado Novo tomou a iniciativa

«Lembro-me de me terem contado, ao descansar o outro dia em uma das mais curiosas cidades de Castela-a-velha, que estivera ali na vespera o grande novelista e caminheiro Pio Baroja, e que notando a falta de luz eléctrica perguntara as causas ao moço do café onde eu estava, tendo recebido esta resposta altiva: —*No es falta de luz, señor, es falta de verguenza*. Ainda que a luz não seja muita, de falta de vergonha é que o País se queixa. Assim como julgo ignobil que o Numero domine a vida nacional, tambem acha abominavel a tirania totalitária.

Fidelidade á Monarquia

—Conserva-se, portanto, fiel ao principio monárquico?

—Sem duvida. E' por amor do povo e por sentido respeito pelo povo que não sou democrático. Democracia é utopia, quando não é balburdia sanguinolenta. A Monarquia que tenho defendido e defendo será, se ainda houver quem desinteressadamente queira ouvir e entender a voz da antiga lei, popular e representativa. Só a Monarquia, tal como a concebo e a História no-la mostra, concilia a unidade com a liberdade, a concentração com a descentralização. Melhor que qualquer outro regime, em povos de formação comunitária como o nosso, a Monarquia em si reune e afervoradamente defende e conserva os elementos do bem comum: a ordem, a unidade, a continuidade, a paz social, a justiça, a liberdade.

—Está de acordo com a nota publicada pela Causa Monárquica em que se termina por de algum modo recomendar a candidatura do sr. marechal Carmona?

—Não pude assistir á reunião do Conselho da Lugar-Tenencia em que, segundo me dizem, esse documento foi dado a conhecer. E não o tendo discutido no lugar próprio, entendo não dever apreciá-lo aqui.

—Compreendo e respeito o seu escrupulo. Mas como interpreta a passagem do discurso do sr. presidente do Conselho, no Porto, por ocasião da abertura da II Conferência da União Nacional e que tão vivamente despertou as antigas esperanças monárquicas?

—Sempre os oráculos tiveram quem lhes desse ouvidos e oferecesse interpretações. Para Portugueses não há melhor sitio para sobre profecias reflectir do que o alto de Santa Catarina. De lá se vêem entrar no Tejo e por ele descerem as naus vazias e as nuvens carregadas.

«O dr. Salazar é um homem prático e tenaz, muito chegado ás realidades e ás realezas, conforme confessou no Porto com enternecedora humildade. Agarra-se ás suas opiniões e não há quem o tire da própria contemplação. Ora eu estou recordado de haver lido no livro que o sr. António Ferro tão admirativamente lhe consagrou e que tão util lhe foi o seguinte, que logo fixei: «O que eu peço aos monárquicos, ou o que lhes aconselho, é que se disponham a ingressar na vida do Estado sem a ideia falsa e perigosa de que colaborar com a actual situação é dar um passo para a realização do seu ideal respeitavel». Assim aconteceu. Com os monarquicos que ingressaram na vida do Estado veio a formar-se uma republica aristocrática, muito fidalga e nada interesseira. Alegra ver o armorial velho e novo nos almoços do Paço de Sintra, entre rosas vermelhas, ou nos banquetes mais solenes a satisfazer nos salões das Necessidades as suas naturais necessidades de convivio, de evidencia, de galante mundanismo...

—E não crê que o Estado Novo se transforme e evolucione?

—Certamente. Já encontro até sinais dessa evolução, adoçando algumas arestas para aceitar as formas mais humanas do matriarcado. E senão é ver o generoso ardor com que as mais galantes senhoras empurram os seus candidatos para as urnas.

—Em vez das luzes da esperança encontro nas suas palavras um tom funebre, qualquer coisa como um dobre de finados...

—Não! Engana-se. E' no crepusculo que o sol ás vezes desfere os mais belos raios. Recorde a Cardeal D. Henrique, tão provecto e achacoso, assentado no regaço da ama a sugar-lhe o leite, e no entanto com a energia bastante para conter as ambições de mando de D. Antonio. E' um tear de surpresas a vida e a Historia...

—Nas audiencias do julgamento dos oficiais acusados de se terem conjurado para apresentarem ao sr. presidente da Republica uma exposição condenatória da acção politica seguida pelo Governo, o sr. doutor falou num documento, cuja cópia se achava junta aos autos e que havia sido entregue ao sr. marechal Carmona, no qual se fazia uma critica severa á União Nacional, chegando a dizer-se aí que havia na situação clientelas que era necessario extreminar. Lembra-se?

—E' verdade. Não dou hoje a esse documento a importancia que então me pareceu ela tinha. O sr. ministro da Guerra chamou-lhe, com muita graça, «devaneios dum deputado». Eu considero-o antes como a confissão de uma consciencia inquieta com o andamento da coisa publica. E desde que com o acto eleitoral em gestação, a coisa publica tomou novo rumo, não vale já, como acto politico, o que nessa altura ainda significava.

—Há quem espere da parte dos partidarios da actual situação, que se acham nos postos de comando da União Nacional, a aceitação da Democracia. Vê alguns sintomas nesse sentido?

—E' possivel. Acham alguns que a fidelidade é monotona. O interesse da vida está em variar. E talvez, quando não sei quem reconheceu no sr. general Norton de Matos, sem reservá das funções que na União Nacional pode desempenhar, «rasgadas intenções patrioticas e notavel dinamismo no seu governo de Angola», estivessem a ser abertas as portas, para sair ou para entrar, áqueles que gostam de soltar as velas aos ventos propicios. Demais, tambem já em Portalegre um ilustre deputado disse o outro dia com apreciavel franqueza: «O sistema politico sobre que assenta a actual situação conhecida sobre a rubrica «Estado Novo» é uma democracia». Assim o tenho entendido; e até por isso o repito, ainda que não seja essa a lição do chefe. Os factos, porém, são mais fortes do que as palavras.

O próximo acto eleitoral

—Pelo que lhe ouvi concluo que não vota no sr. marechal Carmona. E votará no sr. general Norton de Matos?

—Eu só queria que todos tivessem a coragem simples de afirmar, sempre e em toda a parte, as próprias convicções. Ao contrário do que disse o dr. Salazar no nunca por demais celebrado discurso do Porto, a próxima eleição presidencial não visa a escolher um entre dois «*regimes*». Para os dois veneraveis candidatos o «*regime*» é o mesmo: a Republica. O que está em jogo são apenas dois sistemas de governo, dentro da Republica. Considero-os igualmente maus.

«Num passo semelhante da Republica Francesa, tambem fizeram a Clemenceau uma pergunta assim, e o grande obreiro da Vitória da França respondeu:—«Voto no mais estupido». Eu preferiria o mais inteligente. Mas não possuindo nem vara nem pesos para tão ingrata e melancólica medição, entendo que o melhor é não votar em nenhum. Lá se avenham os republicanos uns com os outros.

—Mas segundo a propaganda da situação, não votar no sr. marechal Carmona é facilitar o triunfo do comunismo...

—O comunismo é em Portugal, na sua maior parte, uma criação do Estado Novo. Eu gostaria de ouvir falar mais em Cristo e menos em Estaline. Não vejo que se lute contra o comunismo; o que noto é que os comunistas são tratados como se não fossem homens, com alma igual á nossa, remidos no calvario pelo sangue do mesmo Deus. Combatam-se as ideias sem descanso, mas respeitem-se os homens que, possivelmente de boa fé, a elas se entregam e as professam. Mostre-se-lhes cristãmente o erro que os desvaira e em que se perdem, mas não se lhes copiem as modas e os maus costumes.

«Tantos anticomunistas a clamarem no estrado dos comicios contra os perversos ditames da Russia e indignadamente submetidos ao mesmo teor de vida!

«Não é torturando os homens que se deixam enlear pelo erro comunista, que o comunismo será vencido. Sempre o martirio foi esperança de triunfo. Por outro lado, a intolerancia é sinal de fraqueza ou de duvida na própria crença. Quem está seguro de si, procura convencer e não intimidar. A violencia chama a violencia, e a injustiça gera a injustiça!

A condenação do Estado Novo

—Parece-lhe, portanto, que o Estado Novo está condenado?

—Irremediavelemtne. Hoje, amanhã, por um caminho ou por outro, o Estado Novo não será na História Portuguesa mais do que a sombra dum pesadelo. Esgotou todas as possibilidades de duração. As novas contradições a que vá acolher-se não podem senão agravar-lhe o mal. Olhe quem aparece a defender a conservação do Estado Novo. Salvo minguadas excepções, o grosso da coluna é formado por funcionários, por estipendiados. Defendendo fanaticamente o prato da sopa que têm debaixo dos olhos, esquecem as claras linhas da doutrina. Assim compreendo que nas suas palavras passe a angustia do fim. Mais do que apontar os erros do passado, para verdadeiros homens de governo valeria apresentar as emendas dos erros actuais. Era necessário um grande acto de contrição, e apenas se ouvem escarninhas palavras, que ou atiçam o ódio, ou vêm infamadas com o pecado mortal da soberba. Thiers deixou bem prevenido que sempre as Ditaduras terminam na estupidez e no sangue.

—No entanto o Estado Novo recomenda-se pelas suas obras, pelo arranjo das contas publicas...

—Sobre as contas só lhe direi que a Nação sente ser opressivo o peso dos impostos. Dizem-me haver concelhos em que o Estado, por via das execuções fiscais, é já hoje o maior proprietário. Não fora o recente e ruinoso aumento das contribuições, e o fraco excedente de mil contos, com que este ano fechou o Orçamento, seria apavorante *deficit*. Não admira. As Democracias são caras. Nas vesperas de 28 de Maio a Guarda Republicana custava á roda de 87 mil contos; hoje os Serviços de Segurança publica do Ministério do Interior consomem 177.979.891$40, cabendo ás Policias 101.271.980$60.

«Quanto ás reclamadas obras, os belos edificios, os espaçosos circos não bastam para compensar ou absorver um sistema politico fundado sobre o primado das forças mais grosseiras da acção. A menor injustiça conta mais do que a estrada lisa ou a pousada catita. As expropriações para obras sumptuarias, espectaculosas e inuteis, que os recursos normais da administração publica não comportavam, as requisições de pinhais com prejuizo grave dos proprietários para beneficio ilegitimo de intermediários gananciosos, e tudo o mais que calo levaram o País ao descontentamento que o perturba agora. Venceu a matéria o espirito, e o resultado está á vista. O saudosissimo e grande português Afonso Lopes Vieira definiu num distico celebre o seu desgosto por tanta beleza postiça, por tanta obra sem alma:

Antes vê-los destruídos, arruinados e sós,
Do que igrejas com baton *e castelos com chinós!*

«No fundo talvez não esteja mal o que se fez. Tem certa graça encontrar numa volta de caminho, por entre o pó que o apressado automóvel levanta, os velhos castelos restituidos á primitiva arrogancia ou uma igrejinha romanica restaurada de forma a dispensar altares e a sacristia. Desprezar tão consumidas pedras por se apresentarem assim frescas e viçosas, equivaleria a querer que se fechassem os caridosos Institutos de Beleza onde as senhoras vão rejuvenescer ondulando os cabelos, avivando os lábios, afiando a linha das sobrancelhas, adelgaçando o busto, e os generais incansáveis podem também adquirir os luzidios capachinhos com que voltam a ter o garbo de alferes e o seu pé leve. Nada de calvas á mostra! Pois não têm igualmente cabeleiras postiças os juizes na Inglaterra?

—Não nota que a candidatura do sr. general Norton de Matos despertou no País um intenso movimento de aplauso?

—Talvez seja chegado o momento de os estadonovistas indagarem porque o sr. general Norton de Matos se tornou um candidato perigoso á sucessão presidencial. Foi obra dele? Claro que não. Os seus partidários ficaram inteiramente sumidos e sucumbidos na manhã prometedora de 28 de Maio. Foram as contradições doutrinários com que o Estado Novo se construiu que criaram a desgraçada revolução política em que nos encontramos. Se até para poder continuar a ser requerido o divorcio por aqueles que se haviam casado catolicamente antes da Concordata foi preciso, ao passá-lo do latim para romance, errar o tempo dum verbo!

«Da crise em que o País hoje se debate só o Estado Novo é responsável. O Estado Novo não soube ou não quis conquistar a confiança popular, e já não tem possibilidades de a obter. Por isso a sucessão presidencial se apresenta carregada de nuvens sombrias, de maus preságios. Pode ganhar a eleição o candidato do Estado Novo: ganha-la-á. Não lhe escasseiam os meios para isso. Nem assim a consciência nacional, profundamente turbada por equivocos mortais, achará na Republica a paz de que necessita. A Ordem não é um homem, é um principio. Não há pior crime do que assentar na vontade ou na inteligência dum homem, por mais forte e mais esclarecida que seja, o destino dum Povo.

A entrevista aborda um outro aspecto da politica do Governo, recordando o nosso entrevistado que uma das notas mais vivas da propaganda dos partidários do Estado Novo é «a habilidosa politica seguida pelo sr. dr. Oliveira Salazar durante a guerra de Espanha».

—Aprova essa politica?—perguntamos.

—E' hoje sabido que Hitler se empenhou em prolongar a luta civil espanhola, com o propósito de enfraquecer a Espanha, receoso de que na guerra, que ele preparava, viesse ela a enfileirar com as potências ocidentais. Julgo que em vez do Decreto-Lei n.º 27.529, de 20 de Fevereiro de 1937, que expressamente proibiu a todo o cidadão português o alistamento em qualquer das forças armadas dos dois bandos em luta, sob pena de perda da nacionalidade, melhor teria sido que se seguisse o conselho do brigadeiro Vasco de Carvalho, encurtando a guerra e facilitando a vitória. Ter-se-iam evitado as *cordialidades en surdina*, de que os espanhois se queixam. Mas são águas passadas, que não vale a pena resolver. O que eu estimaria era que os *Amigos de Olivença* estudassem o Tratado de Não-Agressão celebrado com o Governo espanhol em 7 de Março de 1939, em que já houve quem quisesse ver uma clara renuncia de Portugal aos seus direitos sobre a heroica praça alentejana. Aparto de mim a ideia de que o Governo português esquecesse, ao assinar o Tratado, que havia terras nossas em poder de Espanha. E espero o momento em que volte a formular-se, como recomendava Palmela, e em sinal de boa amizade, o cumprimento do Tratado de Viena.

—Ainda os partidários da actual situação politica condenam os opositores, dizendo que não têm um corpo fixo de doutrina e que são apenas um agrupamento ficticio, um feixe das mais variadas e contrárias correntes de opinião. Encontra unidade de pensamento entre os situacionistas?

—Noto, na verdade, em ambos os lados, perigosas confusões. Na Oposição, como é natural, juntaram-se todos os adversários, ou inimigos, como agora se lhes chama com incontida raiva, das formas absolutas de governo. Por sua banda os estadonovistas formam um bem colorido arco-iris, que vai desde o azul e branco desbotado dos monárquicos que sacrificam nas aras do Estado o apetite diário, passando pelo amarelo do socialismo, a que por louvável modéstia se não chama catedrático, até ao vermelho pálido de algum republicano condescendente, chegado a Lisboa na galera de Ulisses, cortês, afável, já esquecido dos ritos maçonicos, lá no Oriente aprendidos. Ora essas confusões agravam a crise moral em que a Pátria se vê lançada. Creio que a tradição portuguesa da liberdade podia reconciliar, na Monarquia, todos os portugueses. Desfaça-se o equivoco:—se os estadonovistas preferem a Republica, declarem-no francamente; mas se porventura entendem que a Monarquia é o regime que mais convém ao País, não é digno que ao País ocultem os seus sentimentos. A Monarquia, que criou e engrandeceu a Pátria, não poderá ser restaurada por obra de traição! Aprendi com o capitão Paiva Couceiro, pelo Estado Novo perseguido e desterrado, a amar militarmente a Honra e a Lealdade.

As declarações que constam desta entrevista, foram-nos confiadas pelo sr. dr. Luís de Almeida Braga em 25 de Janeiro ultimo, só hoje nos sendo possivel publicá-las.

53687

AGENTE
Sociedade Comercial Ermida Parreira
Travessa do Corpo Santo, 10-3.º

Companhia Colonial de Navegação

PAQUETE «JOÃO BELO»

VIAGEM EXTRAORDINÁRIA, com escala por **Leixões**
Sairá no proximo dia 15 de Fevereiro, recebendo carga e passageiros para: **S. Vicente, Praia, Bissau, S. Tomé, Luanda, Lobito** e **Moçamedes**

N/Motor «GANDA»

Sairá em 25 do corrente, com escala por **Leixões,** recebendo carga geral e de frigorifico e passageiros para: **Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Porto Amélia** (se convier).

PAQUETE «PATRIA»

Sairá em 2 de Março, recebendo carga geral e de frigorifico e passageiros para: **Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira** e **Moçambique.**

PAQUETE «SERPA PINTO»

Sairá em 12 de Março, recebendo carga e passageiros para: **Funchal, Baía, Rio de Janeiro, Santos** e **Recife** (na volta)

LISBOA - Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131 a 30136
Porto - Rua Infante D. Henrique, 9 — Telefone 23342

SR. AUTOMOBILISTA

Equipe o seu automóvel com a bateria inglesa da reputada marca

Lithanode

e jamais quererá outra
Representantes exclusivos:
AGENCIA COMERCIAL IREMA
Largo de S. Julião, 12, 2.º
Lisboa—Telef. 21793

SUCATAS

DE

Ferros e Metais

Compram e Vendem

Silva, Antunes & Santos, Ltd.

Rua Rodrigues Faria, 45
(Alcantara)

FRIEIRAS

Eliminam-se velozmente com o remedio

D. D. D.

Após a sua aplicação, o alivio de dores e da comichão e imediato

À VENDA NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

Telegramas nos comboios

Os passageiros em viagem nos comboios da C. P. podem expedir telegramas para qualquer estação ou localidade, servida por estação da C. P.

Os revisores dos comboios fornecem gratuitamente o impresso apropriado.

ARRENTELA-SEIXAL

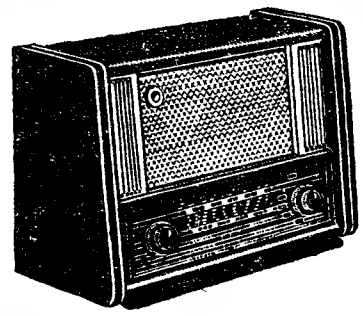
Joaquim d'Oliveira Duarte da Saúde

FALECEU

José Duarte da Saude, Américo Duarte da Saude, sua mulher e filha, Emilia d'Oliveira Duarte da Saude Febrero seu marido e filha, Elvira d'Oliveira Duarte da Saude Infante, seu marido e filho, Virginia Rosinha, e demais familia, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações, que foi Deus Servido chamar á Sua Divina Presença, seu querido e chorado filho, irmão, cunhado, tio, sobrinho e primo, Joaquim d'Oliveira Duarte da Saude, cujo funeral terá lugar amanhã, domingo, 13 do corrente, pelas 14,30 horas, saindo o prestito funebre da sua residência, na R. Francisco Sanches, n.º 65-r./c., em Lisboa, para o cemitério de Arrentela (Seixal), onde deverá chegar ás 16 horas.

AGENCIA SALGADO

SIERA



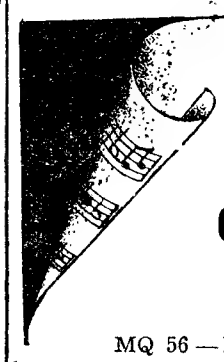
Chiu!.. está um Siera a tocar

Á VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Consertam-se Canetas

A nossa nova secção técnica faz a sua completa restauração, ficando como novas e com uma duração de longos e largos anos, devido a ser a nossa casa a única que emprega pontos de verdadeiro «OSMIRIDIUM» que é o melhor e mais resistente metal que existe no Mundo e que veio de Inglaterra exclusivamente para nós

PAPELARIA da MODA
167-R. DO OURO-173-LISBOA



DISCOS PORTUGUESES

de musica regional

RANCHO DAS ROSAS
(FIGUEIRA DA FOZ)
MQ 56 — RABELINHA DO GODIM
MOTIVOS DA BEIRA-MAR — (Canto por M.ª da Conceição e José C. Simões)

RANCHO INFANTIL DE MATOSINHOS-LEÇA
MQ 55 — MARCHA DO RANCHO
O PESCADOR

GRUPO FOLCRÓRICO DR. GONÇALO SAMPAIO (Braga)
MQ 54 — MALHÃO MINHOTO
VERDEGAR — chula

GUILHERME KJÖLNER
MQ 53 — TUDO E' FANTASIA — serenata
SAUDADES — tango-canção

CIDALIA MEIRELES
MQ 52 — SINOS DAS ERMIDAS — canção
FOLHAS DE OUTONO — fado

CADA DISCO 35$00

em excelentes gravações

"His Master's Voice"

A' venda nas casas da especialidade

DISTRIBUIDORES:
Em Lisboa: VALENTIM DE CARVALHO, LD.ª
R. Nova do Almada, 95-99
No Porto: VADECA, LD.ª
Rua de Santo António, 176

Os efeitos da acção

da organização corporativa

quanto aos vinhos, aos trigos, ao arroz, ao bacalhau, ao algodão e ás conservas

expostos pelo eng. Camilo Mendonça

Tem hoje a palavra o sr. engenheiro Camilo Mendonça, licenciado há poucos anos, que tem desenvolvido uma notável actividade entre os jovens que apoiam o Estado Novo, no sentido das soluções de vanguarda. Constando-nos que tem actualmente entre mãos um estudo acerca dos efeitos da acção da organização corporativa na vida económica portuguesa, quisemos ouvir a sua opinião acerca dos problemas que têm sido debatidos, especialmente sobre as críticas feitas áquela organização:

—Tenho visto, aqui e além, que, em diversas sessões de propaganda da Oposição, se tem atacado essa organização e anunciado o propósito de a abolir, na continuação, aliás, das afirmações do próprio candidato oposicionista. Mas até hoje, apenas vi frases soltas, afirmações indemonstradas, conclusões negativas ou infundamentadas, palavras, afinal. Mais dá a impressão de se tratar de uma tactica politica do que duma conclusão de razões sérias e dum conhecimento suficiente, deixando-me—e comigo muita gente—na duvida se não se tratará de tentar criar um certo hermetismo que irresponsabilize afirmações, como recomenda a estratégia comunista... O tempo dirá se é impressão minha ou um certo modo de conseguir a unidade nacional...

—Qual é a sua opinião sobre a organização corporativa?

—Considero-a a maior realização do Estado Novo. Aquela que mais exactamente exprime o caminho duma estabilidade organica de uma vida económico-social—a que o mundo de hoje tanto aspira—garante uma progressivamente melhor distribuição das riquezas e valorização dos nossos recursos e, simultaneamente, melhor defende os justos interesses de cada uma das actividades. A ordenação da economia, a intervenção na vida económica pertence, hoje, ao dominio dos factos, como prática generalizada. Não está em causa. E' aliás, ainda, uma imposição da humanização da economia e da politica social. Para mim, a derrota dos «republicanos», na segunda pátria do liberalismo, é, no fundo, «o golpe de misericórdia» no liberalismo económico. A unica coisa que pode, pois, estar em discussão—e está—é o processo de intervenção, o sistema de ordenação da vida económica: se o socialismo, se o dirigismo, se a simples intervenção ocasional e «conforme», no qual se enquadra o corporativismo, cada vez mais como unico sistema dentro dela. Entre nós, seguindo as linhas mestras da nossa evolução e reencontrando os resultados da nossa própria experiência—tradição— decidiu-se pelo corporativismo, que, na primeira fase, se acompanha com a «intervenção» directa. Discutir, atacar este sistema implica preconizar outro, defender outra solução que, desde logo, importa saber qual seja: a socialista, a dirigista?

—Mas entre nós tem havido dirigismo economico...

—Sejamos precisos. A organização corporativa agiu como tal, como intervenção «conforme» no quinquenio anterior á guerra. Durante o conflito, serviu como elemento do dirigismo e das restrições que, então, se tornaram necessárias. Começa, hoje, á medida que se atinge a normalidade em cada sector, a ser reintegrada na sua própria função. Em qualquer destas circunstancias realiza obra palpavel que só seria, verdadeiramente, sentida se desaparecesse... Só realmente se apreciam as coisas quando se perdem ou faltam. A sua acção, antes da guerra, desenvolveu-se, organizando actividades, defendendo e estabilizando preços, equilibrando interesses, estudando problemas, introduzindo e assistindo a melhores praticas e tecnicas, iniciando obras de fomento, defendendo qualidades e garantindo-as, realizou uma obra de que todos beneficiaram: Cada uma das actividades—entre as quais, em maior vulto, a lavoura—, depois o publico e, sempre, o País. Todos? Todos menos os oportunistas que, antes dela, aproveitando a instabilidade dos preços e a fraca resistencia da lavoura, fizeram, á sua custa, as grandes fortunas com os trigos, com o arroz, com os vinhos e aguardentes, com o azeite, com o bacalhau, etc. Durante a guerra, velando pelos interesses de todos, prevendo, agindo, tantas vezes, sob a pressão das necessidades do dia a dia, desdobrando-se em esforços e improvisações, evitou que as dificuldades fossem maiores, reduziu as possibilidades de especulação—que, por certo, foram menores que em 1914-18—travou a tendencia altista, dentro dos limites do, tecnicamente, possivel, enfim, actuou, no quadro da economia de guerra, como elemento de regularização, de equilibrio, de estabilidade e de garantia do abastecimento publico. E de tal sorte se houve—«malgré tout»—que não é possivel comparar o que o País teve de sofrer nas duas grandes guerras, apesar da maior duração e extensão desta ultima. Depois da guerra, enquanto a crise economica se esboça, por toda a parte, atingindo mais duramente as actividades produtoras, já muitos dos que «a sentiram», travando os seus apetites, se voltam, de novo, para ela, esperando auxilio, defesa, solução. Aqui tem. Uma acção variegada, multiforme, de extraordinario poder de adaptação desenvolvendo-se, sempre, na esteira de justo equilibrio e no superior e permanente interesse do País: Quando a crise, a especulação, as dificuldades atingem as actividades produtoras, protegendo-as, auxiliando-as; quando pesam sobre o publico, defendendo-o, resguardando-o.

Tendo-lhe pedido que nos desse alguns exemplos, falou-nos do que se fez nos casos dos vinhos, dos trigos, do arroz, do bacalhau, das conservas e do algodão:

—Os vinicultores atravessaram uma crise gravissima, que hoje já nem pensam poder voltar. A atestá-lo está o constante aumento de pedidos para plantação de novas vinhas. A depressão dos preços, a falta de escoamento oportuno dos vinhos atingiram duramente os milhares de vinicultores, principalmente as pequenas economias vinicolas. Poucos beneficiavam com essa crise catastrófica. Apenas aproveitaram aqueles que, com vinhos e aguardentes, fizeram—e faziam—depressa, grandes fortunas. Fez-se a organização corporativa do vinho, por regiões demarcadas, e, mercê da sua enérgica acção, o problema modificou-se: os vinicultores viram defendidos os seus justos interesses e a estabilidade das suas economias. Ninguém, mais, desde então, aproveitará com dificuldades da vinicultura nacional. Acabou-se com a especulação. Nesta acção da Organização Corporativa, na defesa dos preços—financiando ou comprando—foram investidos cerca de 3 milhões de contos. O País foi apetrechado com armazens e adegas. Prestou-se uma assistência técnica efectiva. Defendeu-se o justo equilibrio de cada uma das actividades que, harmónicamente, contribuem para a estabilidade da solução, assegurando-se *a cada uma* os seus legitimos interesses. Será por isso que se diz que a Organização corporativa falhou?

—Com os trigos...

—As coisas não se passaram de forma muito diversa. Os resultados estão á vista. Mesmo contando os efeitos da compressão da economia de guerra: de 1916-20 para 1941-47, a produção cresce mais de 60 % e a área de cultura de 40 %, tendo-se mantido, sensivelmente, constante até á Campanha do Trigo e á criação da organização corporativa do trigo. De 1916-25 para 1931-47—apesar das más produções verificadas em campanhas sucessivas e consequentes grandes importações no periodo de guerra—enquanto o consumo sobe em cerca de 30 % as importações baixam de 25 %. Os preços fixados passam a respeitar-se e a ter significado. A F. N. P. T. financiou a lavoura em mais de um milhão e meio de contos. Entretanto, ajudou e fomentou os estudos de melhoramento, introduziu variedades mais resistentes e produtivas e contribui, hoje, para a produção de adubos azotados. A lavoura recebeu ainda, de 1940 a 47, em bonus e financiamentos de adubos mais de seiscentos mil contos. Ainda, neste caso, em que o publico beneficiou, tambem, pela compressão dos encargos de circulação e transformação, a especulação acabou e as cobiças de grandes fortunas—as maiores que se fizeram em Portugal—terão de ir procurar outro campo...

ENG. CAMILO MENDONÇA

Apontou o que se fez quanto á cultura do arroz, que era necessário intensificar:

—Surgiu, em 1934, a organização corporativa da orizicultura, e o problema modificou-se: encontrou-se uma solução de estabilidade e resolveu-se técnica, social e económicamente. Os resultados são eloquentes. De 1916-20 para 1941-47 a produção sobe de 100 para mais de 330, e o rendimento unitário de cerca de 40 % —apesar de neste periodo haver que contar com os duros efeitos da estiagem, em duas campanhas, e da falta de adubos azotados— tendo subido no quinquenio anterior a mais de 80 %, quando se mantivera, práticamente, constante até 1935. Entre estes periodos, a percentagem da produção utilizável sobre o consumo total ascende de 100 a cerca de 400, tendo sido de mais de 370 no periodo anterior á guerra. A lavoura orizicola sentiu defendidos os seus legitimos interesses, a cultura estabilizou-se e, se alguma tendência revela, é para se desenvolver. A área de cultura aumentou mais de 100 %, criaram-se tipos, melhoraram-se qualidades e aumentou-se o rendimento social.

—Quanto ao bacalhau...

—A pesca nacional era minima, insignificante. Graças á organização corporativa do bacalhau, passou a representar, apenas, cerca de 6 e meio por cento sobre a importação, em 1912-5, para mais de 50 %, em 1941-48. O aumento da pesca nacional sobe, de 1912-5 para 1946-8, de 100 para mais de 990, enquanto, em igual periodo, a percentagem da pesca própria sobre a importação ascende de 100 a cerca de 800.

—Quanto ao algodão e ás conservas...

—Gostaria de lhe contar a obra interessante realizada pela Comissão Reguladora do Comércio de Algodão que se traduz, já, em ter evitado a saida para o estrangeiro de mais de um milhão e meio de contos que passaram a representar uma contribuição efectiva para o progresso e melhoria das nossas provincias ultramarinas, e, durante a guerra, por uma garantia do regular abastecimento do País em algodão; a do Instituto Português de Conservas de Peixe e tantas outras!

—Em resumo: pensa, então, que não há motivos para críticas?

—Não nego que há deficiências; que há que rever, á luz do própria experiência, muita coisa; que haverá até mesmo que rever a estruturação de alguns problemas e estabelecer as equações de outros: que se impõe apressar o desenvolvimento normal e vertical da organização; que se torna necessário reestruturar a coordenação. Mas, desde que os nossos adversários não queiram contribuir para a melhorar, prestando um serviço ao País, teremos de lhes dizer que, tendo tomado, quase todos igual atitude, quando se fez a organização corporativa, ela é hoje uma realidade, e que, agora, com eles ou sem eles, somos bem capazes de a reajustar e levar até ao fim. Não se nega, porém, a evidência. A obra de equilibrio, de estabilidade conseguida é notória. Só na defesa de preços—financiando ou comprando — investiu até hoje cerca de 6 milhões de contos. O País foi apetrechado—e continua a sê-lo—com armazens, frigorificos, adegas, etc., que garantem que as directrizes, em matéria económica, não ficarão no papel, nos cereais, nos vinhos, no bacalhau, etc., como se está a estender a outros campos: ao azeite, á batata, etc. Graças á organização corporativa o País conheceu uma melhoria do seu rendimento, uma garantia de estabilidade da sua economia e da progressiva concretização dos beneficios sociais que lhe permite olhar o futuro com confiança. E' essa a realidade que se ignora ou finge ignorar.

As declarações do eng. Daniel Barbosa

(Continuação da 10.ª pag.)

braços gordos do sujeito, mas não me falta já a sua convicção...

Quanto a haver ainda, ou não, continuidade na *minha obra* (a designação é sua). Sua Excelência enganou-se na porta onde bateu; a outrem o deve perguntar que não a mim; quando quer saber se «ousarei» sustentar tal coisa eu lembro-lhe, ligeiramente espantado com uma pergunta tão viva, que me parece *nunca* ter manifestado tamanha pretensão a tal respeito...

V) E, agora, um caso mais curioso ainda—a sua análise da posição do Ministério da Economia perante o Ministério das Finanças; e deixe-me o eng. Cunha Leal dizer-lhe, desde já, que de tudo quanto escreveu, foi aqui que o achei mais interessante e mais ladino, naquele aspecto inocente de quem trata o problema sem se preocupar com os seus dessossos», mas que no fundo me deu a convicção de me ter metido entre a espada e a parede.

Acuso o toque e veja que, com risco de ser vencido neste ponto, porque não faço agrade que julgo que o «meu crítico» estava espe ando que eu fizesse (e não o faço porque não o quero, e nada mais), confesso-lhe modestamente que *não tenho influência suficiente para conseguir a publicação dos dados que pediu.*

Mas já que tenho esta franqueza, espero outra igual da sua parte—pretende o eng. Cunha Leal que para «tirar as teimas» bastava publicar «a composição das disponibilidades do Tesouro e do Banco de Portugal, em ouro e divisas estrangeiras», no dia da minha chegada ao poder e no dia da minha abalada; e acrescenta, mais abaixo, que só com este exacto conhecimento de causa se poderá discutir se as medidas restritivas representam um acto de *previsão* ou uma atitude de *emenda ou de recurso*. Muitos que o tenham lido podem interpretar, na ignorancia corrente, que a maior parte das pessoas têm sobre estes assuntos, que o valor da *subtracção* que se faça, mede o *dinheiro que gaste*. O eng. Cunha Leal sabe bem, ou deve saber pelo menos, que *isto* não é assim, e portanto tal ideia não podia estar em si quando escreveu o que escreveu: um aluno de Economia Politica, dum curso superior, *chumbaria* no exame, se pretendesse que o «déficit», num certo periodo, da balança de pagamentos representava, em valor absoluto, aquilo que fica medindo o «déficit» em dinheiro da balança comercial; sabe, com certeza, que o *movimento* de cambiais (a saida dos dólares pelos Bancos, por exemplo) influi abertamente naquela diferença que referi. Mesmo que o eng. Cunha Leal conhecesse aqueles numeros que deseja (e só lamento não lhe ter visto preocupação semelhante em toda a critica que fez para traz), não podia através deles concluir se o ex-ministro da Economia «desbaratou, sem preocupações, os recursos nacionais em divisas fortes». Não será assim?

Sabe, com certeza, que existe um Conselho de Ministros para o Comércio Externo, sabe que existe uma «Comissão Superior» para o mesmo Comércio, onde estão representados *todos* os Ministérios que têm um interesse mais directo nas restrições a fazer; e por outro lado o «montante global das divisas existentes», antes e agora, «a sua descriminação exacta, a enumeração dos quantitativos de cada uma das espécies de moedas estrangeiras» não lhe permitiam qualquer conclusão senão a de saber *quanto* se gastou. Para saber *como* se gastou, não estaria o Ministério da Economia habilitado a responder-lhe.

Outra pergunta ainda: supondo que se tratava duma «atitude de emenda e de recurso», e sem saber *como tinham saído do País aquelas cambiais*, como garantir que ela deve considerar-se «fatal consequência» da acção que desenvolvi?

Apresentei-lhe o meu convencimento, baseado no que observei durante quase dois anos no Governo, e reforçado por sentir que continuamos a importar, sem dificuldades de maior, aquilo que é necessário á nossa vida e á nossa produção, e sem eliminar a área do dolar para o fornecimento do que nos é essencial e que não encontramos na área do esterlino, por exemplo.

Estas restrições fazem-nas *todos* os países do Mundo que têm de comprar no mercado americano, e é evidente que se nós a não fizessemos acabariamos por esgotar os dólares, dado que o seu movimento de entrada se não apresenta com força igual ao da sua saída, em plena liberdade: são as contingências do momento que a isso obrigam, e que levam a *prever*, e nada mais.

Estarei porventura enganado? Pode ser, mas talvez, segundo Sua Excelência, isso seja falta de «maturidade espiritual»...

DANIEL VIEIRA BARBOSA
(Engenheiro)

TEM TOSSE?
TOME
MEGGEZONES

Conforto e bem estar com o aquecedor

Consumo irrisório (não gasta mais que uma lâmpada de 60 Watts).
Preço Esc. 130$00
A' venda nos estabelecimentos de artigos eléctricos
Para revenda dirigir-se a:
MANUEL J. MONTEIRO & C.ª LD.ª
RUA DOS CORREEIROS, 140
LISBOA Tel. 31574

Leiam o jornal humoristico
sempre fixe

VESTIDOS DE BAILE
CHICS E MODERNOS
a preços acessíveis
Na antiga e acreditada casa de
M.me BETTENCOURT
R. Nova da Trindade, 26, 1.º andar
Telef. n.º 25316
SO NO PRIMEIRO ANDAR

PLÁSTICOS

Calf em todas as côres a 60$00 o metro. Verniz, telas lisas e gravadas e toalhas. Vidro transparente de 2,4—3,2—4—4,75—6,35

PEGAMOIDES

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDA

Sociedade SANTEL, LIMITADA

LISBOA — Rua Madalena, 263

Telefone 27077

6 horas

Executa-se pintura reclames a cores qualquer desenho em fourgonetes e camionetes. Consultar Auto José da Silva, Lda. Telefones 6 5728 e 5 0455.

C. M. L.

Fornecimento e montagem de toda a aparelhagem necessária para os três pisos do edifício do novo Matadouro de Lisboa

O concurso supra, anunciado para as 14 h. do dia 9/2, fica transferido para a mesma hora do dia 9/3/49.

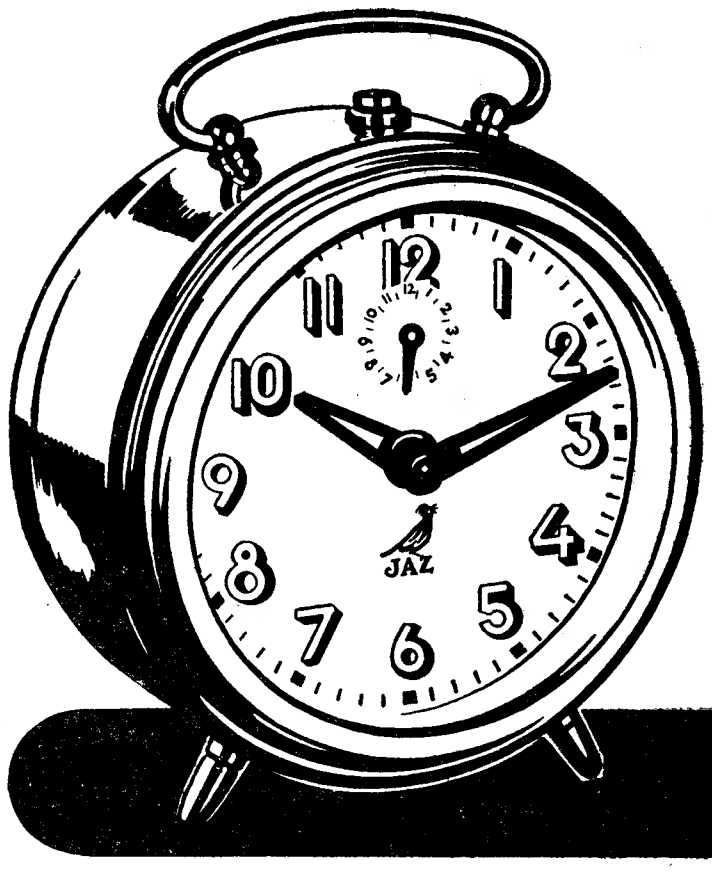
Lisboa, 8/2/949.

O Presidente-substituto, *L. Pastor de Macedo.*

Ao Público

V. Ex.as comprem as suas GABARDINAS no FABRICANTE, J. C. Moura, pois que compra melhor, mais barato, com FACILIDADES DE PAGAMENTO e sem AUMENTO DE PREÇO. R. da Atalaia, 145.

O DESPERTADOR DE MAIOR PRECISÃO



JAZ

Desde Esc. 150$00 a 210$00

A' venda nas agências oficiais dos relógios **OMEGA** e **TISSOT**

CALCIAMON - SULFATO DE AMONIO

Os ADUBOS AZOTADOS do COMPTOIR BELGA DO AZOTE

CALCIAMON e SULFATO DE AMONIO «COBELAZ»

são os preferidos para as campanhas da BATATA, VINHAS, MILHOS, ARROZES e para todas as culturas HORTÍCOLAS agora iniciadas.

SUPERFOSFATOS, SULFATO DE AMONIO, CALCIAMON, NITRATO DE SODIO, CIANAMIDA, CLORETO DE POTASSIO, ADUBOS QUIMICOS MISTOS

SAPEC

DELEGAÇÃO DE LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 121-1.º
Telefones: 24121 - 24122 - 24123
Telegramas: SAPEC—LISBOA

AGENCIA NO PORTO
Praça da Liberdade, 53-1.º
Telefone: 23727
Telegramas: SAPEC—PORTO

DEPOSITOS E REVENDEDORES POR TODO O PAIS

AOS CAÇADORES

CONCURSO DE AVES DE RAPINA

A. M. SILVA, que pela causa cinegética muito tem pugnado, acaba de elaborar um CONCURSO que tem por fim contribuir para o extermínio de aves nocivas à caça, pondo em disputa uma TAÇA DE PRATA, que será ganha pelo atirador que durante o presente defeso apresentar na Rua da Betesga, 67 ou 43, 2.º, maior número de cabeças de aves de rapina e outros animais nocivos à caça.

Para qualquer esclarecimento, queira dirigir-se a

A. M. SILVA

Armas — Munições — Caça — Pesca — Desportos

Rua da Betesga, 67 e 43, 2.º — LISBOA

Telefone 31313 /14

Hotel Alentejano TELEF. 236 **Évora**

Antigos Palácios da INQUISIÇÃO e VASCO DA GAMA

NOVA GERENCIA

ESMERADO SERVIÇO DE MESA

Fala-se Francês e Inglês

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

As SANDUICHES *de* BOVRIL *são deliciosas*

As sanduiches de BOVRIL são tão agradáveis ao paladar que todas as pessoas as desejam e tão económicas que podem ser oferecidas profusamente a todas as pessoas. Quanto mais delgada for a camada de BOVRIL mais rico será o sabor da sanduiche. E as sanduiches de Bovril são tão nutritivas!

Leiam o *SEMPRE FIXE*

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

PRESAS POR FURTO—Foram presas, pela P. S. P., Maria Regina Bernardo Pinto, Calçadinha do Tijolo, 58, porta 7; e Nazaré da Assunção, Travessa da Madalena, 26, loja, a primeira por ter furtado um cordão de ouro, no valor de 1.500$00, a Maria do Carmo Simões, residente na Rua da Oliveirinha, 42, r/c, e a segunda, por ter ido empenhá-lo.

AGRESSÃO NO HOSPITAL — Queixou-se á P. S. P. Etelvina Augusta Nogueira, Rua da Condessa, 36, 2.º, contra Rosinda Assunção Baptista Figueiredo, residente na Rua dos Correeiros, 113, 5.º, acusando-a de, no edificio do hospital de S. José, onde a queixosa esteve para visitar seu marido, a ter agredido com uma sombrinha, do que lhe resultou um ferimento no sobrolho direito, recebendo tratamento no mesmo hospital.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No salão dos Bombeiros Voluntarios do Dafundo realiza-se, hoje, ás 22 horas, mais uma festa em que colaboram vários artistas de variedades e de circo, cantadeiras e guitarristas. Haverá baile e serviço de bufete.

—Amanhã, pelas 16 horas, realiza-se, na Casa de Trás-os-Montes e Alto-Douro, mais uma tarde dançante dedicada aos sócios e familias.

—Esta noite, há bailes na Casa do Concelho de Tondela, na Academia Recreio Artístico e na Associação Concentração Musical 24 de Agosto. Também, amanhã, á tarde, na Liga Regional Coimense e na Associação de Beneficência Luís Braile haverá baile, sendo o produto deste a favor de dois sócios invisuais.

A' noite, na sede do Lisboa Clube Rio de Janeiro, está marcada festa de igual caracter.

O PORTO PELO TELEFONE

Camara Municipal de Lisboa

PORTO, 12.—Regressaram esta manhã á capital os srs. presidente e presidente substituto da Camara Municipal de Lisboa que se deslocaram a esta cidade em visita oficial.

Apoio das mulheres a Carmona

Seguiram esta manhã para Lisboa as sr.as D. Maria Teresa de Vasconcelos Porto, D. Maria de Jesus Amaral e D. Ligia Nosolini, do Movimento Nacional Feminino desta cidade, que são portadoras das listas com 35.000 assinaturas das mulheres nortenhas que aplaudem a eleição do sr. marechal Oscar Carmona. Aquelas senhoras serão esta tarde recebidas no Palacio de Belem pelo sr. presidente da Republica.

Falecimento

Na sua residencia, Largo do Camarão, 22, 1.º, faleceu D. Julia da Conceição Andrade do Vale, de 50 anos, casada. O funeral, a cargo da Companhia Funeraria, efectua-se amanhã, ás 15 e 30, para o cemiterio do Repouso.

Movimento marítimo

Entrou em Leixões o paquete português «Mousinho», e sairam o iate «Vianense» e o vapor «Cecil». Da barra do Douro largaram o lugre português «Minhoto», os vapores português «Africa Ocidental», o holandês «Import» e os ingleses «Sendris» e «Edendood».

Nicóla no Porto

Cozinha caseira. Pratos regionais, almoços 12$00 e 16$00. Jantares e Ceias. R. Bonjardim, 120—Tel. 21029.

Prisão de uma quadrilha

de coleccionadores de fatos, sobretudos e «gabardines»

A brigada da Secção Central da Polícia Judiciária, constituida pelos agentes Vitor Marques, Casimiro, Esprito Santo e Aristides, descobriu uma quadrilha de gatunos que há tempos vinham praticando numerosos furtos em estabelecimentos, praticados pelo seguinte processo: um deles pedia para lhe mostrarem fatos, fazendas, sobretudos, «gabardines», etc. e os outros aproveitando a distracção do respectivo empregado, furtavam alguns desses objectos.

Entre as vitimas, conta-se o proprietário duma casa de adelo da Calçada dos Cavaleiros, donde levaram mais de 40 casacos.

Já estão presos Diamantino Fernando da Ressurreição Cunha o «Ondas», Vasco Ribeiro Ferreira o «Vasquinho», Mário Ferreira o «35» e Adolfo Lousado, faltando prender José Leitão Pereira o «Porquito», Jorge Fernão Gonçalves o «Dentes de aço» e Vitor Freitas Carvalho, o «Carroças».

Aos presos foram apreendidos muitos fatos, sobretudos e «gabardines» e diversas cautelas de casas de penhores.

AQUECIMENTO CENTRAL
ENG.º J. NUNES CORREIA
R. do Alecrim, 29—Tel. 30 90 1 4

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provável até amanhã, á tarde, segundo previsão do Serviço Meteorologico Nacional:

No Continente—Regiões Norte e Central: ceu com algumas nuvens, por vezes limpo. Vento N-NW bonançoso a moderado. Visibilidade boa. Temperatura estacionária. Região Sul: ceu limpo. Vento N fraco. Visibilidade boa. Temperatura estacionária.

Na Costa—Zonas Norte e Central: ceu com algumas nuvens, por vezes limpo. Vento N-NW moderado. Visibilidade boa. Estado de mar: ondulação noroeste fraca a moderada. Zona Sul: ceu com algumas nuvens, por vezes limpo. Vento N fraco. Visibilidade boa. Estado do mar: ondulação S-W fraca.

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje: *maxima, 15º,8; minima, 9º,7.* No mesmo dia do ano passado: *maxima, 18º,2; minima, 8º,7.*

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—A's 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, Emissão infantil; 19 e 35, Musica coral e sinfónica; 20, O caso do dia; 20 e 15. «Que quer ouvir?»; 21, Noticiário; 21 e 15, Musica de salão; 21 e 35, Crítica literária; 21 e 45, Hora de Arte organizada pela F. N. A. T.; 22 e 30, «Duas gerações»; 22 e 45, 2. parte da Hora de Arte; 23 e 30, Danças; 23 e 50, Noticiário; 0, fecho.

RADIO CLUBE—A's 19, Danças; 19 e 30, Orquestras; 19 e 45, Conjuntos; 20, Canções; 20 e 15, Musica portuguesa; 20 e 45, Jornal; 21, Fantasia; 22, Eventual; 22 e 15, Palestra; 23 e 5, Danças; 23 e 45, Jornal; 0, fecho.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO M—Leal de Matos—R. Neves Costa, 33-35 (Carnide) (Tel. 58181); Sousa—Estrada de Benfica. 429-431 (Tel. 58027); Prates & Mota—Rua da Beneficência ao Rego, 91 (Tel. 73728); Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77 (Tel. 79390); Ascenso—Bairro da Encarnação, Rua 19; Bentosinho—Av. de Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 74920); Avenidas (Das)—Av. da Republica, 27-A (Tel. 42532); Figueiras—Av. do Marquês de Tomar, 20 (Tel. 44995); Palma—Avenida do Duque de Avila, 25-31 (Tel. 47088); Oliveira Viegas—Rua de Viriato, 27-27-A (Tel. 48966); Ducal—Avenida do Duque de Loule, 19 (Tel. 48946); Vieira Borges—Rua de Alexandre Herculano, 28 (Tel. 40536); Silva Santos—Rua da Escola Politécnica, 80 (Tel. 60280), Imparcial—Rua do General Taborda, 28 (Tel. 41031); Porfirio—Rua de Francisco Metrass, 59 (Tel. 63349); Lapa (Da)—Rua dos Navegantes, 10 (Tel. 61734); Aurélio Rego—Calçada da Estrela, 139 (Tel. 61758); Aires da Silva—Rua da Esperança, 17 (Tel. 60913); Pinheiro—Rua do Presidente Arriaga, 16 (Tel. 61867); Bairrão—Rua do Prior do Crato, 25 (Tel. 61321); Correia de Azevedo—Rua de Luis de Camões, 48 (Tel. 38625); Lidia Almeida—Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 37318); Costa, Suc. (Gonçalves)—Rua de Bartolomeu Dias, 63; Olivais (Dos)—Rua Alves de Gouveia, 19; Grijó— Rua do Grilo, 25 (Tel. 39144); Banha—Estrada de Chelas, 173-175; Vitalis—Rua de Morais Soares, 56-A (Tel. 48011); Pais—Rua de Carvalho Araujo, 156 (Tel. 73965); Aliança—Av do Almirante Reis, 145 (Tel. 50487); Romano Baptista—Rua de Passos Manuel, 6 a 10 (Tel. 50593); Matos—Rua de Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 40471); Central da Penha—Rua da Penha de França, 60 (Tel. 51071); Progressiva—Rua de Sta Marinha, 18 (Tel. 27929); Pereira, Suc.—Rua do Paraíso, 98-100 (Tel 25124); S. Marçal—Rua de S. Marçal, 100 (Tel. 25318); Modelar—L. do Dr. A. S. Macedo, 30 (Poço-Novo) (Tel. 27896); Pinharanda—Rua da Rosa, 94-96; Galénica—Rua das Pretas, 12-14 (Tel 22588); Durão—Rua Garrett, 90-92 (Tel. 24166); Silmar—Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829); Avelar—Rua Augusta, 225 (Tel 23977).

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 30—«Outono em flôr»
AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Voando... de Clipper!».
APOLO—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«O vivo demónio».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O pirata da perna de pau».
COLISEU—A's 21 e 30—Companhia de circo

CINEMAS

S. LUIS—«O principio ou o fim».
TIVOLI—«Hamlet».
EDEN—«Deus deu-me um amigo».
TRINDADE—«Malditos».
POLITEAMA—«Forte apache».
GINASIO—«Cossacos contra Moscovo».
ODEON e PALACIO—«Um trono por amor».
CAPITOLIO—«Amor e abnegação».
OLIMPIA—«Sacrifício de marinheiro».
TERRASSE e LIS—«Capitão de Castela».
REX—«Paixão de marinheiro».
PROMOTORA—«Parada de escandalos».
JARDIM CINEMA—«Sempre em meu coração»
BELEM JARDIM—«Carmen».
R. AMADORA—«O crime da Avenida Foch».

A MORTE DO PEQUENITO

de Cacilhas

Do hospital de S. José, foi hoje transportado para a Morgue, a fim de ser autopsiado, o corpo do pequenino Luis Manuel, de 7 meses, que faleceu no hospital de São José, ao que se suspeita por envenenamento.

O Instituto de Medicina Legal mandou buscar áquele hospital, para exame, o frasco com o ingrediente que a ama, Maria Dolores, diz ter sido deitado na «chucha» da infeliz criança.

FESTA NO COLÉGIO MILITAR

No próximo dia 19, sabado magro, ás 22 horas, os alunos finalistas do Colegio Militar, fazem a sua festa de despedida que terminará com baile. Os alunos daquele curso apresentarão a sua habitual revista, podendo os bilhetes ser marcados no Colegio Militar ou pelos telefones 58520/1.

Quando faz frio....

protege-se a pele com

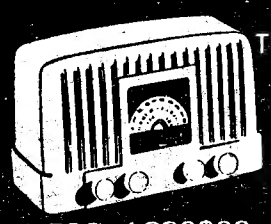
CREME NIVEA

Deste modo evitará gretas e irritações da pele ocasionadas pelo frio e vento invernal. PREÇOS DESDE 7$30

Friccione bem a sua cutis e mãos com Creme Nivea não só durante o dia antes de se expôr ao mau tempo, como de noite ao deitar-se. Assim a pele conserva-se sempre suave e macia. Nivea não deixa brilho.

DEPOSITARIO:
PESTANA & FERNANDES, L.da
R. dos Sapateiros, 39-1.º - LISBOA

Unico no seu tamanho



TENDO AS QUALIDADES DOS MAIORES!

ECHOPHONE Radio

ESC. 1.990$00

UMA MARAVILHA DE TÉCNICA • DESDOBRAMENTO DAS ONDAS CURTAS • SINTONIZAÇÃO PERFEITA • PURO SOM
CAIXA MONOBLOCO • BAIXO CUSTO

As eleições na Irlanda

deram a vitória aos unionistas

LONDRES, 12.—Os ultimos resultados das eleições na Irlanda do Norte são unionistas, 35; nacionalistas, 9; socialistas republicanos, 1; trabalhistas, 0; trabalhistas independentes, 1; unionistas independentes, 2; republicanos socialistas, 1.

Produziram-se incidentes e manifestações em várias cidades. Em Keady, condado de Armagh, um milhar de pessoas que celebravam a vitória do candidato nacionalista irromperam na sede do Partido Unionista e partiram as vidraças. Em Newrk, a Policia teve de intervir porque os nacionalistas punham a saque uma sala de reunião unionista. Contam-se alguns feridos. Noutros pontos, a multidão limitou-se a desfilar com charangas e a acender fogueiras para festejar a vitória do seu candidato.—(F. P.).

A escolha de Eisenhower

para presidir ao estado-maior dos chefes militares americanos

NOVA YORK, 12.—O correspondente do «New York Times» em Washington diz hoje que rivalidades de serviços e a necessidade de uma acção quanto á prioridade dos problemas estratégicos constituem as principais causas da escolha do general Eisenhower para presidir ao estado maior dos chefes militares norte-americanos. Espera-se que o presidente Truman peça ao Congresso a modificação da lei da segurança nacional criando um unico chefe do estado maior que superintenda sobre as três forças armadas, para reduzir ao minimo a competição entre esses serviços.—(R.).

A inauguração da luz eléctrica

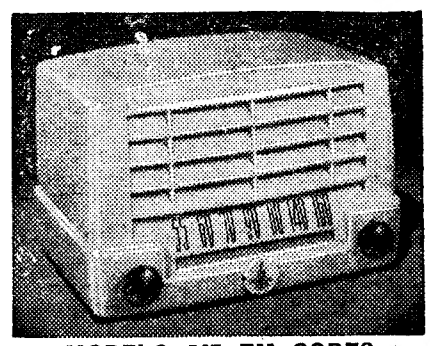
em Vila Flor

VILA FLOR, 11.—Chegou a esta localidade o governador civil do distrito, sr. major Augusto Machado, acompanhado do presidente da comissão distrital da U. N., sr. coronel Salvador Teixeira, do director escolar, sr. dr. José Faria e do sr. dr. Abilio Machado Leonardo. 25 automoveis foram aguardar os visitantes ao limite do concelho, tendo sido esperados á entrada da vila por uma multidão de mais de 5.000 pessoas.

Em seguida, procedeu-se á inauguração da luz electrica nesta vila, acto que foi presenciado por milhares de pessoas, que mostravam o seu grande contentamento por tão importante obra, tendo subido ao ar girandolas de foguetes. Vila Flor tem as suas ruas engalanadas com bandeiras e colgaduras. O acto foi abrilhantado pela banda de musica de S. Mamede do Tua.

Super-Powered Emerson Radio

Emerson Radio and Television



MODELO 547 EM CORES
Próprios para qualquer dependência de um lar distinto
PRESTAÇÃO MENSAL ESC. 58$80

FABRICA FORNECEDORA OS RECEPTORES POPULARES DA ULTIMA CAMPANHA DA EMISSORA NACIONAL

A' venda em todas as boas casas
COSTA & BRITO, LD.ª
Rua da Conceição, 35, 1.º—Lisboa
Peçam catálogos elucidativos com plano de Vendas a prestações

A substituição

do general Markos

é uma manobra *do Cominform*

contra o marechal Tito?

LONDRES, 11—A inesperada e subita substituição do general Markos no comando dos guerrilheiros gregos provoca boatos que circulam na capital britanica e de que se não pode por enquanto verificar o fundamento.

Segundo tais boatos, esta substituição seria o preludio de vasta actuação do «Cominform» com vista a derrubar o marechal Tito da Jugoslávia. Nos círculos britanicos em que correm esses boatos, diz-se que a manobra do «Cominform» se efectuaria nas seguintes fases:

1.ª—Nomeação de chefes comunistas gregos de obediência comunista estritamente estaliniana, capazes de aceitarem a cessão da Macedónia, que pertence á Grécia, a favor da federação balcanica;

2.ª—Campanha de propaganda a favor da criação duma federação balcanica, que seria formada pela Bulgária, Jugoslávia e Albania;

3.ª—Intensificação duma campanha de propaganda contra o marechal Tito, na Macedónia, «acenando os propagandistas do «Cominform» com a esperança da criação duma Macedónia em que Salónica ficaria incluída», pela anexação da Macedónia agora pertencente á Grécia; com efeito, uma revolta de adversários do marechal Tito permitiria á Macedónia resolver separar-se da Jugoslávia, de harmonia com a Constituição da Jugoslávia; nos referidos círculos dizem que este ultimo facto, se vier a dar-se, atingirá fatalmente o Governo jugoslavo.

A dar consistência a estes boatos recordam na capital britanica que recentemente o general Rankovitch, ministro do Interior da Jugoslávia, declarou que os bulgaros «apresentaram a ideia da criação duma federação balcanica no começo deste ano apenas com o propósito de derrubarem o Governo de Belgrado».

Além disso, afirma-se que o general Markos repetiu muitas vezes que defenderia a integridade territorial da Grécia, e que essa atitude de intransigência poderia ter motivado a sua substituição.

Por fim, crêem também nos referidos círculos londrinos que este momento poderia parecer propicio a qualquer manobra do «Cominform» com vista a dar o golpe de misericórdia no regime chefiado pelo marechal Tito, pois que a Jugoslávia está a sofrer os efeitos económicos da sua divergência com os restantes países da Europa Oriental, e por enquanto ainda está longe de começar a beneficiar de auxílio dos países ocidentais.—(F. P.).

O expresso do Oriente

chocou com um camião

VILLENEUVE (Suiça), 12—O «expresso» do Oriente, em viagem de Iztambul para Paris, a uma velocidade de cerca de 100 quilómetros por hora, chocou ontem á noite com um camião numa passagem de nível em Villeneuve. O motorista do camião suiço e o seu companheiro foram conduzidos para um hospital, com graves ferimentos, mas nenhum dos passageiros do comboio ficou ferido. O «expresso» foi rebocado para Lausanne por uma locomotiva e prosseguiu a viagem depois de uma demora de duas horas.—(Reuter).

ESTÁ Á VENDA

The American Home

de Fevereiro, profusamente ilustrado e com artigos instrutivos acerca de casas de recreio, decoração nterior, jardinagem, etc.

Representante: **Alvaro Gonçalves Pereira** — Rossio, 55-A — LISBOA

Os Estados Unidos não insistem

para que a Noruega lhes ceda bases

como condição para tomar parte

no Pacto do Atlântico

NOVA YORK, 12.—O ministro dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, Dean Acheson, segundo declara hoje em telegrama de Whashington o jornal «New York Times», deu ao ministro dos Negócios Estrangeiros norueguês, dr. Halvard Lange, «algumas respostas duras a perguntas duras acerca do projectado pacto defensivo do Atlantico Norte». O correspondente escreve: «Pelo que afirmam os seus colaboradores, Dean Acheson declarou ao dr. Lange que os Estados Unidos têm o mais vivo interesse na manutenção da segurança da Noruega». Contudo, teria também dito que de momento era impossível afirmar duma maneira positiva qual a extensão do programa de armamento para a Europa Ocidental e que auxílio sob esse ponto de vista poderia ser dado á Noruega.

Em vista da pressão da Russia sobre a Noruega para que esta se mantenha alheia ao projectado pacto, o dr. Lange—segundo o mesmo telegrama—pediu uma afirmação positiva acerca da segurança do seu país durante o periodo em que o projecto do pacto está a ser negociado e discutido. Recebeu directamente a resposta de que o Governo dos Estados Unidos não pode dar quaisquer garantias especificas a esse respeito, mas foi-lhe afirmado que nenhuma nação pode presumir que os Estados Unidos fiquem indiferentes a um ataque a qualquer dos países envolvido nas negociações de segurança com as potências do Atlantico.

O correspondente do «New York Times» crê poder anunciar igualmente que se estudam em Washington, a pedido de Lange, os meios capazes de garantir a protecção «de certas regiões criticas» da Noruega. Deste exame, «poderia resultar uma decisão tangivel».

O mesmo correspondente afirma que «Acheson poude, ao que parece, afirmar que os Estados Unidos em caso nenhum insistiriam para que a Noruega lhes ceda bases como condição para tomar parte no Pacto do Atlantico. Segundo as declarações do secretário de Estado, conclui, competiria á Noruega ter a iniciativa duma decisão neste sentido».

O correspondente acrescenta: «Tudo o que se passou não significa, de maneira alguma, que o dr. Halvard Lange se retira dos Estados Unidos absolutamente satisfeito».—(R. e F.P.).

Lange parte hoje para Londres

WASHINGTON, 12.—O dr. Halvard Lange, ministro dos Negócios Estrangeiros da Noruega, que tem discutido o problema da defesa do seu país com os altos funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, parte hoje de Nova York com destino a Londres, onde deve conferenciar, na próxima segunda-feira, com o ministro dos Negócios Estrangeiros britanico, Ernest Bevin. O dr. Lange teve ontem uma conferência final com Dean Acheson, ministro dos Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos. Foi anunciado mais tarde que, depois de um cuidadoso estudo dos problemas da Noruega, «não foi tomada qualquer decisão quanto á adesão da Noruega ao projectado pacto do Atlantico Norte». As discussões foram absolutamente francas e cordeais quanto aos objectivos e á natureza do projectado pacto.—(Reuter).

As dificuldades que surgiram para dar satisfação á Noruega

LONDRES, 12.—Não é pela primeira vez que as potências ocidentais, nos seus esforços para coordenar o seu poderio numa vasta frente, encontram sérias dificuldades. Desta vez trata-se da projectada União Atlantica. O dilema consiste em que os limites impostos pela Constituição americana no Ministério dos Negócios Estrangeiros quanto a compromissos de defesa em caso de conflito a quaisquer potências estrangeiras, não se pode conciliar com a necessidade urgente de dar satisfação aos países europeus acerca das garantias de que carecem para a sua segurança.

Entretanto, consta que o projecto do pacto do Atlantico já atingiu uma fase em que outras potências estrangeiras possam ser convidadas a discutir a fase final. E' evidente que foi nesta suposição que o dr. Halvard Lange, ministro dos Negócios Estrangeiros da Noruega, se dirigiu a Washington. O malogro da conferência para a defesa comum dos países escandinavos e a troca de notas diplomáticas entre Moscovo e Washington contribuiram para estas decisões.

Parece que os governos das potências ocidentais não contaram com as sondagens feitas por Dean Acheson junto dos chefes dos grupos parlamentares quanto á reacção do Congresso em face do texto provisório do pacto. Resultou dai que o dr. Halvard Lange se encontrou numa posição dificil. E' impossivel chegar a qualquer conclusão antes de formular um texto que seja aceite tanto pelos governos das potências ocidentais como pelo Congresso dos Estados Unidos. Assim não foi possivel ao Governo norueguês obter informações precisas, assim como não foi possivel também enviar convites para a conferência formal dos países do Atlantico.—(Reuter).

Comentários franceses

PARIS, 12 — A Noruega tornou-se um caso diplomático para pôr á prova a força entre os Estados Unidos e a Russia, segundo declara hoje o jornal «L'Aube», orgão do Partido Republicano Popular. O articulista comenta as negociações quanto ao projectado pacto do Atlantico Norte e as dificuldades que surgiram pelo facto dos Estados Unidos não quererem garantir uma determinada acção militar contra a agressão. O jornal acrescenta que o Governo de Washington parece considerar a Noruega sob o ponto de vista exclusivamente estratégico, enquanto a União Soviética mostra o seu desgosto em face da possível adesão de Oslo ao Pacto do Atlantico

O jornal moderado «Parisien Liberé», pergunta: «E' possivel que a cláusula mais importante do pacto venha a ser suprimida?»

O jornal das direitas, do Partido Radical, «L'Aurore», atribui as hesitações do Governo de Washington á «ofensiva de paz» de Estaline e ao boato de que a Russia está disposta a levantar o bloqueio de Berlim.

O orgão independente das esquerdas «Liberation» declara que o unico resultado positivo da viagem do dr. Halvard Lange, ministro dos Negócios Estrangeiros da Noruega, a Washington, foi colocar o Governo de Oslo «numa situação muito delicada». A insistência dos Estados Unidos pela adesão da Noruega ao Pacto do Atlantico, sem conceder garantias suficientes é geralmente considerada «um grave erro politico»—diz o jornal. O articulista acrescenta: «Os Estados escandinavos estão agora desunidos procurando, porêm, reconquistar o seu equilibrio».—(Reuter).

PEÇA

ARIEIRO

CALDAS DA RAINHA

A agua que o conhecedor p efere

ALMOÇOS 20$00 — **MIRANTE** — JANTARES 25$00

MÚSICA por MALANZA e o seu conjunto

Ao cimo do Elevador de Santa Justa Tel 22402

Um protesto

dos Estados Unidos

Inglaterra e França

contra o julgamento

do cardeal húngaro

WASHINGTON, 12.—Nos círculos diplomáticos desta capital diziam esta noite que se estão a trocar impressões, entre os governos dos Estados Unidos, Inglaterra e França, com vista a decidir-se a apresentação eventual dum protesto contra o julgamento do cardeal Mindszenty, junto das Nações Unidas, acusando a Hungria de violação de determinadas cláusulas do tratado de paz assinado com esse país.—(France Presse).

O julgamento do recurso

BUDAPESTE, 12.—O cardeal Mindszenty e os restantes acusados que com ele responderam em tribunal recorreram das sentenças em revido tempo. Por isso, daqui a alguns dias, uns vinte aproximadamente, o processo será novamente estudado pelo «Conselho Nacional dos Tribunais do Povo», instituição que na Hungria desempanha o papel de Tribunal de Relação e Supremo Tribunal.

As audiências do «Conselho Nacional dos Tribunais do Povo» são geralmente de curta duração, quase nunca duram mais que o espaço duma manhã, porque os processos são préviamente estudados em pormenor. Os debates são publicos, mas os acusados não assistem, e por isso não são submetidos a novos interrogatórios.—(F. P.).

Vai reunir-se no Vaticano um consistório extraordinário

VATICANO, 12.—Os cardeais receberam já convite oficial do Sumo Pontifice para se reunirem em consistório extraordinário na próxima segunda-feira, a fim de estudarem as consequências da sentença pronunciada em Budapeste contra o cardael Mindszenty, primaz da Hungria. Não se sabe, por enquanto, se cardeais estrangeiros tomarão parte no consistório, o primeiro que se reunirá para ouvir um solene protesto do Sumo Pontifice. —(France Presse).

Excomunhão geral

CIDADE DO VATICANO, 12.—A Congregação do Consistório anunciou hoje a excomunhão de todos aqueles que tomaram parte no julgamento e condenação do cardeal Mindszenty, arcebispo-primaz da Hungria.—(R.).

Manifestações em Roma

ROMA, 12.—Algumas centenas de estudantes fizeram manifestações nas ruas desta capital, protestando contra a condenação do cardeal Mindszenty. —(France Presse).

Christian Berard

morreu hoje em Paris

PARIS, 12.—Christian Berard morreu subitamente.

Era uma das personalidades mais extraordinárias e mais originais de Paris. Pintor de talento (muitas das suas telas figuram no Museu da Arte Moderna, da Avenida de Tóquio) Christian Berard pôs mais ou menos de parte a paleta para se dedicar inteiramente á decoração e, de forma singular, ao cenário teatral, tendo colaborado estreitamente com os maiores autores e artistas contemporaneos, quer se trate de Jean Giraudoux ou de Jean Louis Barrault.

O seu bom gosto era proverbial e as suas opiniões procuradas por tudo o que conta em Paris no mundo da costura, da moda ou da vida mundana.

De aspecto físico surpreendente (usava uma barba castanha que lhe devorava três quartos da face de traços maliciosos, sempre acompanhado duma cadelita branca, chamada «Jacinta») Berard, que os seus amigos tratavam afectuosamente por «Bébé», era há perto de dez anos, um dos animadores mais escutados, um dos conselheiros mais seguidos por uma *élite* intelectual e artística, cujas manifestações de toda a espécie contribuiram largamente para a expansão francesa no Mundo.

Era amigo íntimo do escritor Jean Cocteau e frequentava os salões menos acessíveis de Paris. Uma véspera de inauguração duma exposição de pintura sem Berard era considerada como um êxito incompleto.—(France Presse).